

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Educação
Cibele Noronha de Carvalho

“NASCER EM BERÇO DE OURO”:
os quartos infantis como instância de socialização de crianças
pertencentes a estratos sociais favorecidos

Belo Horizonte
Janeiro de 2018

Cibele Noronha de Carvalho

**“NASCER EM BERÇO DE OURO”:
os quartos infantis como instância de socialização de crianças
pertencentes a estratos sociais favorecidos**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da UFMG como requisito parcial para a obtenção do título de doutora em educação.

Linha de pesquisa: Educação Escolar, Instituições, Sujeitos e Currículos

Orientadora: Profa. Dra. Maria Alice Nogueira

Belo Horizonte

Janeiro de 2018

Carvalho, Cibele Noronha de, 1977-

"Nascer em berço de ouro" : os quartos infantis como instância de socialização de crianças pertencentes a estratos sociais favorecidos / Cibele Noronha de Carvalho. - Belo Horizonte, 2018.

189 f., enc, il.

Tese - (Doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientadora : Maria Alice Nogueira.

Bibliografia : f. 158-170.

Apêndices: f. 171-189.

1. Educação -- Teses. 2. Educação de crianças -- Teses. 3. Cultura material -- Teses. 4. Cultura material -- Aspectos sociais -- Teses. 5. Quartos infantis -- Teses. 6. Quartos infantis -- Aspectos sociais -- Teses. 7. Quartos infantis -- Aspectos educacionais -- Teses. 8. Família -- Aspectos sociais -- Teses. 9. Crianças -- Aspectos sociais -- Teses. 10. Lactentes -- Aspectos sociais -- Teses. 11. Famílias de classe alta -- Teses. 12. Famílias de classe alta -- Aspectos educacionais -- Teses. 13. Elites (Ciências sociais) -- Teses. 14. Classe media -- Teses. 15. Classe media -- Aspectos sociais -- Teses. 16. Classe media -- Aspectos educacionais -- Teses. 17. Sociologia educacional -- Teses. 18. Educação -- Aspectos economicos -- Teses. 19. Educação de crianças -- Aspectos economicos -- Teses. 20. Educação e hereditariedade -- Teses. 21. Educação e nível de renda -- Teses. 22. Psicologia infantil -- Teses.

I. Título. II. Nogueira, Maria Alice De Lima Gomes, 1949-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 305.231

Folha de aprovação

Cibele Noronha de Carvalho

“NASCER EM BERÇO DE OURO”: os quartos infantis como instância de socialização de crianças pertencentes a estratos sociais favorecidos. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Conhecimento e Inclusão Social da Faculdade de Educação da UFMG como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em educação.

Aprovada em 31 de janeiro de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Alice Nogueira
Orientadora
UFMG

Profa. Dra. Fernanda Müller
UNB

Profa. Dra. Cláudia Regina Vial Ribeiro
PUC MINAS

Prof. Dr. Claudio Marques Martins Nogueira
UFMG

Profa. Dra. Maria Cristina Soares de Gouvea
UFMG

*Para Paulo, Maria Cecília e Samuel,
Pelo amor que circula sob o teto que nos abriga*

AGRADECIMENTOS

À professora Maria Alice Nogueira, por ser um grande exemplo profissional para mim e meus colegas. Por acolher minhas ideias ainda imaturas e pela paciência para que elas amadurecessem.

À professora Régine Sirota pela orientação tão próxima e por todas as experiências proporcionadas durante o estágio-doutoral na Université Sorbonne Paris Descartes. Também aos colegas e professores do laboratório Cerlis, especialmente à professora Anne Barrère pelos comentários à pesquisa.

À professora Maria Cristina Soares Gouveia, importante referência na minha formação, que já desde o mestrado me cercou da companhia dos clássicos.

Ao professor Samy Lansky pelas excelentes contribuições no momento da qualificação.

Ao professor Claudio Nogueira pelas contribuições ao projeto e por aceitar o convite para participar da banca.

Também às professoras Fernanda Muller e Cláudia Vial por aceitarem gentilmente compor a banca de defesa.

Aos professores Cacá Brandão e Marcos Taborda, por me lembrarem que gosto tanto da filosofia.

Aos professores e colegas da linha de pesquisa da infância, especialmente à Vanessa Neves.

Aos colegas da pós-graduação, especialmente Sarah Vilaça, Gustavo Bruno e Rita Siqueira.

Ao Museu da Casa Brasileira, nas pessoas do Sr. Wilton Guerra e da Sra. Patrícia Oliveira, pela ajuda na pesquisa no acervo da instituição.

Ao amigo e professor Renato Ribeiro pelo empenho em fazer chegar às minhas mãos uma bibliografia de arquitetura.

À Marcela Nunes, pela generosidade em disponibilizar os dados da pesquisa de mercado por ela encomendada à FACE/UFMG.

À Fapemig pela bolsa de doutorado e pela bolsa sanduíche.

À Waldênia e Polyana que coordenaram com eficiência, transparência e cuidado meu projeto na Fundep. À Rose, secretária da pós-graduação, sempre eficiente e gentil.

À Isadora Escóssia, pela ajuda com o francês durante o estágio sanduíche, mas também pelo companheirismo.

À Márcia Bandeira pelo ensino da língua francesa e a ajuda com as traduções utilizadas neste trabalho.

À Dila Bragança, pela revisão, mais uma vez, tão cuidadosa,

Às famílias pesquisadas, principalmente às crianças, que doaram seu tempo e abriram a porta de casa para contribuir com a pesquisa acadêmica e com a possibilidade de conhecermos um pouco mais sobre nós mesmos.

Aos meus pais, por prepararem um quarto afetuoso para me receber quando nasci.

Aos meus irmãos, pela amizade fraterna e à Cíntia, também pela ajuda quando as tabelas estavam me fazendo ‘cair pelas tabelas’.

RESUMO

Esta pesquisa mobiliza noções da cultura material e interpreta os espaços e o sistema dos objetos que compõem o que vem sendo chamado “cultura do quarto”, fruto dos processos de individuação, da especialização dos espaços e do reconhecimento do direito à privacidade da criança. Os procedimentos de investigação obedeceram a duas etapas. A primeira consistiu na análise do mercado de decoração, através de: (a) dados secundários de uma pesquisa de mercado; (b) análise de conteúdo de um *site* de puericultura; (c) entrevistas com vendedores de lojas de móveis infantis. A segunda etapa consistiu em visitas domiciliares, nas quais foram realizadas entrevistas com os pais e um vídeo em que a própria criança apresentava seu quarto. As conclusões apontaram para a grande recorrência, no discurso do mercado, da imagem de um quarto personalizado, original e que “escape do tradicional”. No lugar da prescrição de seguir um estilo determinado, cada consumidor vem sendo convidado a criar seu próprio estilo. Também nos quartos visitados, foram identificados objetos que apontam para o ideal educativo da autonomia, de forma que a criança construa e conte sua própria história, expressando sua personalidade em um espaço pessoal. As visitas domiciliares apontaram ainda para o quarto como um espaço criado pela família e sujeito a diversos imperativos sociais. Foram encontrados objetos que servem de suporte para rememoração de gerações anteriores; objetos que são produto e produtores de um *ethos* cosmopolita; assim como objetos que fazem do quarto de dormir um anexo da escola, potencializando a transmissão do capital cultural da família. Por fim, a análise dos quartos por gênero mostrou como a socialização primária ocorre em espaços generificados.

Palavras-chave: Cultura material. Quartos de criança. Classes médias e elite.

ABSTRACT

This research uses notions of material culture and interprets the spaces and the system of objects that compose what has been called “bedroom culture”, an outcome of the processes of individualization, specialization of spaces, and recognition of children’s right to privacy. The research followed two phases. In the first phase we analyzed the decoration market through: (a) secondary data from a market research; (b) content analysis of a child-care website; (c) interviews with salespeople from children’s furniture stores. During the second phase we visited houses, interviewed parents, and recorded a video in which the child presented his/her bedroom. The conclusions pointed to a constant recurrence, in the market discourse, of the image of a personalized, original, “far from traditional” bedroom. Instead of following a determined style, each consumer is invited to create their own style. In the bedrooms visited we identified objects that point to an educational ideal of autonomy, so as the children can create and tell their own story, expressing their personality in a personal space. The home visits also pointed the bedroom as a space created by the family and subject to social imperatives. We found objects that are used as a support to remember past generation; objects that are a product and produce a cosmopolitan *ethos*; as well as objects that turn the bedroom into a school annex, boosting the transmission of families’ cultural capital. Finally, the analysis of bedroom by gender showed how primary socialization happens in gendered spaces.

Keywords: Material culture. Children bedrooms. Middle and upper-classes.

RÉSUMÉ

Cette recherche mobilise des notions de la culture matérielle et interprète les espaces et le système des objets qui composent ce qui est appelé “la culture de la chambre”, fruit des processus d’individualisation, de la spécialisation des espaces et de la reconnaissance du droit à la privacité de l’enfant. Les procédés d’investigation ont obéi à deux étapes. La première a consisté en une analyse du marché de la décoration, à travers: (a) les données secondaires d’une étude de marché; (b) l’analyse de contenu d’un site de puériculture; (c) des entretiens avec des vendeurs de magasins de meubles pour enfants. La seconde étape a consisté à faire des visites de domicile pendant lesquelles ont été réalisés des entretiens avec les parents et une vidéo avec l’enfant présentant sa propre chambre. Les conclusions ont montré une grande présence, dans le discours du marché, de l’image d’une chambre personnalisée, originale et qui “fuit le traditionnel”. Au lieu de suivre un style déterminé, chaque consommateur est invité à créer son propre style. Dans les chambres visitées, ont été également identifiés des objets qui mettent en évidence un idéal éducatif d’autonomie, de sorte que l’enfant peut construire et raconter sa propre histoire, exprimant sa personnalité dans un espace personnel. Les visites à domicile ont aussi montré que la chambre est un espace créé par la famille et soumis à des divers impératifs sociaux. Des objets servant de support aux souvenirs des générations précédentes ont été décelés; objets qui sont produits et producteurs d’un *ethos* cosmopolite; ainsi que des objets qui transforment la chambre en une annexe de l’école, potentialisant la transmission du capital culturel de la famille. Finalement, l’analyse des chambres par genre a montré comment la sociabilisation primaire a lieu dans des espaces sexués.

Mots-clés: Culture matérielle; Chambres d’enfants; Classes moyennes et élite.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Ahkôhxet, 8 anos, índia da tribo krahô que vive na bacia amazônica	16
Figura 2	- Alex, 9 anos, mora no Rio de Janeiro e dorme na rua [...]	16
Figura 3	- A família - Lasar Segall	21
Figura 4	- Maison Jaoul - Foto de Cemal Emden	27
Figura 5	- Berço ovo	34
Figura 6	- Localização do estabelecimento	40
Figura 7	- Foto panorâmica da cidade de Belo Horizonte	46
Figura 8	- Foto do condomínio Olympus	48
Figura 9	- Imagem do teste para descobrir o seu estilo, proposto pelo blog de uma decoradora	65
Figura 10	- Categorias por porcentagem de incidência	69
Figura 11	- Luminária e cadeira customizáveis lançadas em 2016 pela empresa Kartell Kids	71
Figura 12	- Cabeceira de capitonê	74
Figura 13	- Quarto rosa	76
Figura 14	- Projetos da década de 1950 para quarto de menino e de menina	77
Figura 15	- Placa de porta escolhida por Fernando, 11 anos	80
Figura 16	- Placa de porta do quarto de Abelardo, 9 anos	80
Figura 17	- Quarto montessoriano	81
Figura 18	- Quadro avaliativo do comportamento de Davi, 7 anos	82
Figura 19	- Quadro de tarefas de Clara, 7 anos	82
Figura 20	- Adesivos colados por Davi nas portas do guarda-roupa	83
Figura 21	- Adesivos e figurinhas colados na parede por Tiago	84
Figura 22	- Desenho do quarto de Davi	87
Figura 23	- Festa em uma limusine	91
Figura 24	- Foto de uma babá com colete de identificação	92
Figura 25	- Pelúcias de viagem do quarto de Abelardo, 9 anos	92
Figura 26	- Pelúcias do quarto de Ana Beatriz, 8 anos	93
Figura 27	- Pelúcias do quarto de Ana Laura, 11 anos	93
Figura 28	- Papel de parede e escrivaninha do quarto de Vítor	94
Figura 29	- Papel de parede do quarto de Vítor [detalhe]	94
Figura 30	- Quadro de maternidade personalizado	95
Figura 31	- A primeira tela de Davi, 7 anos	96
Figura 32	- Escrivaninha de Davi com aquarela e pincéis	96
Figura 33	- Davi procurando uma caixa numa prateleira mais alta	97
Figura 34	- Caixa de lembranças de Davi	97
Figura 35	- Parede de lembranças decorada pela mãe no quarto de Tiago	99
Figura 36	- Caixa de lembranças do quarto de Abelardo	99
Figura 37	- Troféu do pai de Fernando, ao lado de dois cofrinhos	100
Figura 38	- A balança, símbolo do direito, presente do avô de Fernando	100
Figura 39	- Cama de ferro herdada pela filha	101
Figura 40	- penteadeira de ferro que atravessou duas gerações	101
Figura 41	- Parede do quarto de Fernando com as fotos da mãe fotógrafa	105
Figura 42	- Demanda por utilitários decorativos segundo lojistas	106
Figura 43	- Características importantes do produto segundo os lojistas	107
Figura 44	- O boneco do personagem Darth Vader é um despertador	107
Figura 45	- Boneco da marca Lego que é um abajur	108
Figura 46	- O aparelho de som do quarto de Tiago tem forma de uma peça da marca Lego	108
Figura 47	- Geladeira convertida em estante no quarto de Ana Beatriz	109

Figura 48	- Geladeira com material escolar	110
Figura 49	- Quadro com calendário escolar e outros compromissos de Paulo	112
Figura 50	- Quadro com calendário no quarto de Clara	112
Figura 51	- Cabideiro com as mochilas de Abelardo	112
Figura 52	- Foto aérea de um bairro da Zona Sul de Belo Horizonte [...]	115
Figura 53	- Vista do quarto de Ana Laura	116
Figura 54	- Vista do quarto de Gustavo	116
Figura 55	- Gaveta com a coleção de camisas oficiais de Fernando	117
Figura 56	- Ficha das letras cursivas no quarto de Davi	120
Figura 57	- Globo terrestre que mostra o trajeto das Cruzadas do século XII	120
Figura 58	- Escrivaninha do quarto de Fernando, 11 anos	122
Figura 59	- Escrivaninha de Abelardo, que prefere fazer os deveres escolares na sala	123
Figura 60	- Escrivaninha de Larissa, que também prefere fazer dever de casa na sala	123
Figura 61	- Biblioteca do quarto de Tiago, 7 anos	124
Figura 62	- Livros da mãe de Davi dividem a estante com os livros do menino	125
Figura 63	- Biblioteca do quarto conjunto de Ítalo (7 anos) e Sabrina (4 anos)	125
Figura 64	- Bonecas do quarto de Ana Laura, 11 anos	129
Figura 65	- Cômoda com 3 gavetas repletas de roupas de boneca	126
Figura 66	- Pebolim do quarto de Cauã	130
Figura 67	- Coleção de laços de cabelo de Ana Laura	130
Figura 68	- Brinquedos do quarto de Ítalo e Sabrina	131
Figura 69	- Brinquedos do quarto de Gustavo	131
Figura 70	- penteadeira do quarto de Ana Beatriz, 8 anos	134
Figura 71	- Decoração minimalista e em cores suaves	135
Figura 72	- Bibelôs delicados	136
Figura 73	- Escrivaninha multifuncional de Daniele-1	136
Figura 74	- Escrivaninha multifuncional de Daniele-2	136
Figura 75	- Quarto de Leopoldo, 6 anos	137
Figura 76	- Parede de escalada do quarto de Leopoldo	137
Figura 77	- Escrivaninha multifuncional de Laís e espelho de corpo inteiro	138
Figura 78	- Cama e cômoda do quarto de Laís	138
Figura 79	- Decoração com objetos ícones de outras culturas	139
Figura 80	- Papel de parede com o nome de cidades de vários países	139
Figura 81	- Estante do quarto de Vítor	140
Figura 82	- Planta área de lazer edifício Olympus	142
Figura 83	- Planta do apartamento de Isabel	143
Figura 84	- Planta do quarto de Isabel	145
Figura 85	- Interior de uma boatebus	147
Figura 86	- Projeto da decoradora para o quarto de Paulo	147
Figura 87	- Planta do quarto de Paulo	148
Figura 88	- Planta do quarto de Tiago	151

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	- Procedimentos e ferramentas utilizados na pesquisa	39
Quadro 2	- Características das lojas	44
Quadro 3	- Estimativa para a renda média domiciliar para os estratos do Critério Brasil	49
Quadro 4	- Classificação socioeconômica das famílias	51
Quadro 5	- Nível de escolaridade do informante (pai ou mãe)	52
Quadro 6	- Características demográficas do grupo pesquisado	53
Quadro 7	- As crianças e a disposição do quarto	56
Quadro 8	- Características do grupo de crianças pesquisado	58
Quadro 9	- Resumo dos meios de acesso às famílias	60
Quadro 10	- Crianças por ordem de número de atividades	113
Quadro 11	- Atividades extraescolares	114

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	- Perfil do internauta	45
Tabela 2	- Atributos dos quartos de criança segundo o site <bebe.com.br>	69
Tabela 3	- Oferta por produtos personalizados	71
Tabela 4	- Demanda por produtos personalizados	71
Tabela 5	- Características apreciadas segundo os lojistas	72

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 A EMERGÊNCIA DO QUARTO DE CRIANÇA COMO OBJETO DE PESQUISA NO CAMPO DA INFÂNCIA: problematização e construção do objeto	21
1.1 A família e a casa: socialização primária e cultura material	24
1.2 A emergência do quarto de criança como objeto de estudo	29
1.3 O mercado de decoração para ambientes	32
1.4 Os espaços domésticos de classes médias e elites: sobre “nascer em berço de ouro”	35
2 O PERCURSO INVESTIGATIVO	38
2.1 Procedimentos e ferramentas empregados	39
2.2 O mercado de arquitetura e decoração	39
2.2.1 Análise de uma pesquisa de mercado sobre brinquedos e decoração	40
2.2.2 Entrevistas com profissionais do mercado de arquitetura e decoração	42
2.2.3 Análise de conteúdo de um <i>site</i> de puericultura	44
2.3 As visitas domiciliares	46
2.3.1 O universo pesquisado	46
2.3.1.1 O território da pesquisa	46
2.3.1.2 As famílias	49
2.3.1.3 As crianças e a disposição dos quartos	54
2.3.2 O acesso às famílias pesquisadas	59
2.3.3 Pesquisando em espaços domésticos	60
3 O QUARTO PERSONALIZADO	65
3.1 A historicidade dos atributos da casa	66
3.2 A decoração em tempos de subjetivismo estético: o quarto personalizado	68
3.3 A ampla gama de pequenas diferenças	75
3.4 O quarto individual: templo da autonomia e da privacidade	78
4 A SOCIALIZAÇÃO NO ESPAÇO PRIVADO DAS CRIANÇAS	87
4.1 O quarto como criação familiar e a valorização da convivência em família	88
4.2 A relação com o espaço: grande mobilidade e <i>ethos</i> cosmopolita	90
4.3 A relação com o tempo: os objetos como suporte da memória pessoal e familiar	95
4.4 O quarto como campo de imersão estética	104
4.5 O quarto como espaço organizador das atividades extraescolares	110
4.6 O quarto como anexo da escola	119
4.7 O quarto e os objetos culturais da infância mediados pela família	126
4.8 O sexo dos quartos infantis	132
4.9 Uma análise de três quartos: os pais, as crianças e os espaços domésticos	141
4.9.1 O quarto de Isabel: espaço de estar só e a liberdade para fazer o que bem entender	142
4.9.2 O quarto de Paulo: espaço planejado para guardar pertences	146
4.9.3 O quarto de Tiago: espaço de reinterpretação de heranças	149
CONSIDERAÇÕES FINAIS	152
REFERÊNCIAS	158
APÊNDICES	171

INTRODUÇÃO

Em sua obra sobre as razões que conduziram Gilberto Freyre à escrita de *Casa-Grande & Senzala* em 1933, Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke (2005) relata que o autor teria anunciado ao poeta Manuel Bandeira, em carta escrita 1929, seu projeto de escrever sobre a infância no Brasil, na mesma linha do conto *The child in the house* (1878), do ensaísta e crítico de arte oxfordiano Walter Pater. Embora Gilberto Freyre tivesse abandonado a ideia de uma análise geracional, parece ter sido Pater o principal inspirador da centralidade da ‘casa’ como categoria analítica na obra de Freyre.

No conto semibiográfico de Pater, o personagem Florian Deleal ajuda um velho com uma bagagem pesada e, durante a conversa que se segue entre os dois, descobre que são conterrâneos. Na mesma noite, como uma recompensa por sua piedade, ele sonha com a casa de sua infância com surpreendente detalhamento e fidelidade. Acordado, ele passa, então, a buscar compreender como seus pensamentos se constituíram naquela casa, como os objetos materiais que cercaram sua infância, entre os quais a casa é uma parte, contribuíram para que ele tivesse se tornado ele mesmo; o dentro e o fora tecendo estreitamente uma única trama. Se a influência das coisas sensíveis nos parece insignificante durante infância, prossegue o narrador do conto, descobriremos mais tarde que elas nos afetam de forma indelével. A realidade do mundo exterior chega até nós através de uma pequena passagem nas “paredes dos hábitos” que nos cercam¹ (PATER, 1878, p. 12).

Este trabalho buscou justamente descrever as ‘paredes de hábitos’ onde habita a infância urbana de classes médias e superiores através de um cômodo específico do espaço doméstico. Tratou-se de considerar não toda a casa como categoria analítica, essa que se tornou tão cara para o pensamento brasileiro nas obras de Gilberto Freyre e de Roberto DaMatta, mas uma parte da moradia: os quartos infantis.

¹ A imagem de uma parede de hábitos, não citada diretamente por Maria Lúcia Garcia Pallares-Burke, foi traduzida por mim, a partir do trecho a seguir, retirado da versão original de Pater “*The realities and passions, the rumours of the greater world without, steal little passage-way, through the wall of custom about us [...]*”. Prefiro traduzir ‘custom’ por ‘hábitos’, e não por ‘costume’ pela proximidade do termo com a tradição sociológica francesa. Aliás, na tradução francesa do conto de Pater, realizada por Pierre Leyris, “*wall of custom*” foi traduzido por “*mur d’habitudes*”.

Considerado quase indispensável nas moradias urbanas contemporâneas, o quarto de dormir das crianças nem sempre existiu ao longo da história. Sua emergência tem sido considerada decorrente da especialização dos ambientes domésticos (DIBIE, 1988), bem como do surgimento de um tipo de sensibilidade particular em relação às crianças. Por sua vez, sua crescente importância nos últimos 60 anos se deve ao fato de que o principal lugar de lazer das crianças burguesas das grandes cidades foi deslocado dos espaços públicos para os espaços familiares e daí para os espaços individualizados (BUCKINGHAN, 2007, p. 105), que contam agora com a possibilidade de lazer oferecida pelas tecnologias da informação e comunicação (FRITH, 1978; LIVINGSTONE, 2002, 2007; CRUBELLIER, 1979; OPIE; OPIE, 1969, GLEVAREC, 2010). Trata-se, portanto, de uma individualização que permitiu a cada pessoa, inclusive as crianças, exercer a sua privacidade até mesmo dentro da família (SINGLY, 2006), associada a um quadro de maior autonomização cultural da infância e especialização dos espaços da casa, que tem recebido o nome de “cultura do quarto” (GLEVAREC, 2010).

Como objeto de estudo recente, a cultura do quarto se insere em um quadro epistemológico cada vez mais inclinado à análise de relações espaciais. Embora não acadêmico, é ilustrativo o trabalho fotográfico *Where Children Sleep*,² de James Mollisson (2010), que retrata diferentes formas de dormir das crianças ao redor do mundo. No prefácio da versão impressa, o fotógrafo queniano relata que teria cogitado atribuir ao trabalho o título *Quartos de criança ao redor do mundo*, mas que se deu conta de que a categoria ‘quarto de criança’ derivava de sua própria experiência e cultura, portanto não adequada para compreender realidades muito diferentes.

² Trata-se de trabalho fotográfico realizado no quadro de um projeto sobre direitos da criança da Fabrica, Centro de Pesquisa da Benetton, e com apoio da filial italiana da ONG *Save de Children*.

Figura 1 – Ahkôhxtet, 8 anos, índia da tribo krahô, vive na bacia amazônica



Fonte: *Where Children Sleep*, de James Mollisson (2010).

Figura 2 – Alex, 9 anos, mora no Rio de Janeiro e dorme na rua, muitas vezes em móveis abandonados como o sofá da foto.



Fonte: *Where Children Sleep*, de James Mollisson (2010).

As fotos das crianças brasileiras que participaram do projeto de Mollisson ilustram bem o problema do déficit habitacional no País. Tal precariedade, no entanto, não se reduz à falta de moradias, mas se expressa na inadequação das moradias existentes. Uma dessas inadequações é a densidade excessiva por dormitório, caracterizada pelo IBGE pela presença de mais de três moradores por dormitório.

Se nas classes populares brasileiras ainda se constata a existência de domicílios superpovoados, as classes mais abastadas dispõem de espaço, o que lhes permite destinar um ambiente para cada indivíduo ou, ao menos, propor a partilha dos quartos dos filhos de acordo com o sexo.

A presente pesquisa foi realizada junto a essa segunda parcela da população que, a despeito de todas as desigualdades socioespaciais, desfruta de condições materiais de existência, que permitem dispor de um quarto para seus filhos e, não raro, um quarto para cada filho. O objetivo era compreender como e em que medida o lugar destinado às crianças nos espaços domésticos afeta e reflete os modos de integração das crianças à sociedade.

Assim, se o quarto é tomado aqui como objeto empírico, o objeto teórico desta tese é a socialização das crianças das frações superiores e das elites, com o pressuposto de que, “nasce-se burguês, mas aprende-se também a sê-lo” (LE WITA, 1988, p. 5). Dito de outra forma, trata-se de distinguir o nascimento em uma família com alta posição na escala social do fato de ser inserido em uma cultura de classe, criar ou adquirir disposições³ socialmente herdadas, dominar esquemas e ser capaz de reproduzi-los. Essa cultura de classe, que Le Wita (1988) denomina ‘cultura burguesa’, é aqui compreendida como um estado e como um processo de aquisição e interpretação individual socialmente modelado.

Apesar de todas as indeterminações e descontinuidades históricas do conceito de burguesia,⁴ e da atual conotação pejorativa do termo, ele foi eventualmente utilizado neste trabalho por remeter aos ‘burgos’, termo que inicialmente designava cidades autogovernadas e muradas, mas que passou posteriormente a designar qualquer tipo de cidade.

³ Disposição é entendida aqui no mesmo sentido das teorias disposicionais, ou seja, como uma tendência a agir construída a partir de experiências anteriores (a infância aqui tem um enorme peso) e que condicionam tomadas de posições futuras.

⁴ Para explicar o caráter transitório do termo “burguesia”, Le Wita (1988) recorre a Barthes que, em *O prazer do texto* (2004), usa a ideia de defecção para mostrar como o texto vai desfazendo a nomeação, ou, de forma metafórica, como o texto desborda o nome. No que diz respeito à burguesia, a defecção do termo viria da mudança de sentido ao longo da história e de um *ethos* de classe, que consiste em recusar qualquer categorização.

Uma vez que é recorrente a ideia de que as crianças urbanas das camadas superiores estão cada vez mais confinadas em condomínios e que mantêm uma relação distante com a cidade, a forma como a cultura burguesa se relaciona com os espaços públicos passa aqui a ser também de suma importância, ainda que o lócus desta pesquisa seja o espaço doméstico.

A delimitação sociocultural do grupo pesquisado teve, por consequência, a demarcação do território onde a pesquisa ocorreria. Na cidade de Belo Horizonte, a Zona Sul é a região de maior índice de desenvolvimento humano (IDH), além de ser uma região de fortes desigualdades socioespaciais por comportar tanto bairros residenciais de luxo, como Lourdes e Belvedere, quanto favelas como o Aglomerado da Serra e o Morro do Papagaio. Nas últimas décadas, essa região tem sofrido significativas transformações socioespaciais, uma vez que as elites têm se deslocado do Centro-Sul para a periferia Sul, no limite com a cidade de Nova Lima, configurando um movimento que vem sendo denominado de autossegregação urbana.

A infância contemporânea não passa, obviamente, ao largo dessas transformações. Vivendo no limite Sul da cidade, as crianças com quem a pesquisa foi realizada habitam casarões, edifícios luxuosos, e condomínios fechados denominados de “enclaves⁵ fortificados” por Caldeira (2000). Trata-se de “[...] espaços privatizados, fechados e monitorados para residência, consumo, lazer e trabalho” (CALDEIRA, 2000, p. 211) destinados às classes médias altas e às elites, que aparentemente estão em busca de mais segurança diante de um quadro de significativa violência urbana.

Vale dizer que esses aspectos da cultura burguesa não me são completamente estranhos. O grupo pesquisado está situado na cidade onde nasci e cresci e na região em que moro atualmente. Não se trata, portanto, de uma posição, como a frequentemente encontrada na etnografia clássica, do pesquisador em relação a uma cultura outra, de forma que a minha condição de nativa tensiona as noções de alteridade e exterioridade, que frequentemente são tomadas por centrais nesses trabalhos. Embora um ano da pesquisa tenha se passado na França, na experiência do doutorado ‘sanduíche’, esse deslocamento não seria suficiente para que eu pudesse me relacionar com a minha própria cultura como se ela fosse outra, ainda que

⁵ Enclave é um conceito da geografia política para designar territórios situados inteiramente dentro dos limites de outro território, mas mantém alguma autonomia política, social e/ou cultural.

a experiência de deslocamento tivesse atribuído inúmeros outros significados à minha própria posição.

Na pesquisa sobre condomínios fechados da cidade de São Paulo, Caldeira (1981, 2000) adverte para o fato de que a exigência da alteridade nas pesquisas, que emerge nas ciências sociais internacionais a partir de pesquisas sobre povos considerados primitivos ou não ocidentais, tem sido eventualmente assumida de forma pouco crítica nas ciências sociais nacionais ou periféricas, que, por diversas razões, pouco estudam a cultura do outro. Quando aplicada às pesquisas realizadas por intelectuais (em geral oriundos da classe média) sobre as classes populares, a exigência da alteridade pode ter como resultado uma espécie de discurso civilizado sobre um grupo tomado por primitivo. Além disso, esses grupos são intensamente escrutinados, inclusive por metodologias mais invasivas como a observação participante, enquanto as elites continuam a salvo, assumindo sem muitos questionamentos o lugar do universal.

Por outro lado, como descreverei adiante, minha posição de pesquisadora e mulher de classe média não me permitiu escapar do incômodo lugar de visitante e restituir à pesquisa alguma forma de alteridade. Nos espaços domésticos das famílias burguesas, a ritualização do cotidiano e a arte do detalhe só fazem reforçar ao pesquisador sua posição de estrangeiro.

Finalmente, convém ressaltar que a observação da construção cotidiana de um *ethos* de classe, significou ainda pesquisar a construção de disposições relativas aos estereótipos de gênero e a transmissão (assim como a interpretação) de diversos capitais.

A fim de alcançar esse objetivo, a tese foi organizada nas seguintes partes.

O capítulo 1 – *A emergência do quarto de criança como objeto de pesquisa no campo da infância: problematização e construção do objeto* –, sem pretender esgotar o assunto, faz uma revisão da literatura sobre a socialização familiar e sobre a cultura material da infância, a fim de descrever o contexto de emergência dos quartos infantis como objeto empírico. Em seguida, delimita o problema da tese, a saber, a socialização dos filhos de estratos sociais favorecidos observada através dos quartos de dormir.

O capítulo 2 – *O percurso investigativo* – descreve o percurso investigativo da tese apresentando e discutindo os procedimentos e as ferramentas empregados na pesquisa, que se desdobrou em duas frentes de trabalho: a pesquisa sobre o mercado de decoração e as visitas familiares.

O capítulo 3 – *O quarto personalizado* – apresenta e analisa os dados da pesquisa sobre o mercado de decoração infantil, mostrando a predominância de um discurso que erige ‘o quarto personalizado’ como modelo.

O capítulo 4 – *A socialização no espaço privado das crianças* – apresenta os dados obtidos nas visitas domiciliares, mostrando como, apesar de um discurso que nos convida a pensar em um quarto personalizado, os quartos infantis são espaços condicionados por questões socioculturais.

Por fim, nas *Considerações finais*, a pesquisa retoma as questões teóricas iniciais e tece comentários a partir do cruzamento dos dados obtidos e apresentados nos capítulos anteriores. Para auxiliar a contextualização dos dados da pesquisa, foram ainda elaborados dois índices biográficos (APÊNDICES E e F), um para os pais e outro para as crianças. Organizados em ordem alfabética, eles podem ser consultados através do nome dos pais ou das crianças, permitindo a consulta ao longo da leitura da tese, bem como uma leitura transversal.

CAPÍTULO 1

A EMERGÊNCIA DO QUARTO DE CRIANÇA COMO OBJETO DE PESQUISA NO CAMPO DA INFÂNCIA: PROBLEMATIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DO OBJETO

Figura 3 – A família. Lasar Segall



Fonte: <<https://www.wikiart.org/en/lasar-segall>>.

O fenômeno da socialização na família, denominado socialização primária⁶ por alguns pesquisadores, é de reconhecida importância para a sociologia, a psicologia e a psicanálise, sendo muito abordado teoricamente e bastante representado nas artes visuais e na literatura.

Em uma de suas raras passagens de sobre a criança, o psicanalista Jacques Lacan ([1969] 2003) afirma que a importância da família na transmissão⁷ pode ser atestada pelo fato de que ela resistiu à contestação da autoridade promovida pelas “utopias comunitárias” da metade do século XX. Isso quer dizer que, para Lacan, a família continua sendo fundamental para explicar a constituição do sujeito. No entanto, se a psicanálise se interessa pelo impacto da relação entre pais e filhos na personalidade e na constituição do desejo, interessa à sociologia como essa relação contribui para a reprodução social e cultural.

Em referência também à percepção das mudanças nas relações familiares, é paradigmática a conferência intitulada *Parents et enfants. Hier, aujourd’hui et demain*, ministrada pelo sociólogo Norbert Elias no colóquio *Vivre avec les enfants*, realizado em 1980 pela *Internationales Design Zentrum* (IDZ), de Berlim. Nesse texto escrito para a ocasião e publicado em língua francesa muitos anos depois, o autor reflete a respeito das mudanças na relação entre pais e filhos à luz do processo civilizatório (ELIAS, [1980], 2010). O autor afirma que no passado essa relação era frequentemente calcada na autoridade dos responsáveis, que recorriam por vezes até mesmo a punições físicas severas. Posteriormente, o modelo de relação entre pais e filhos passou a valorizar atitudes mais refletidas e autorreguladas, tanto é que são consideradas inapropriadas as ações educativas calcadas em sentimentos como a impaciência. Dessa mudança nas relações familiares decorre um novo estatuto para o filho do qual é emblemático na Idade Moderna o surgimento da prescrição do quarto de criança no espaço doméstico.

Mais recentemente, após intenso debate que por vezes tomou a forma do diagnóstico de uma ‘crise de autoridade’, as pesquisas sobre a socialização no cotidiano da família passaram a refletir sobre os novos arranjos familiares, o uso das mídias e das tecnologias pelas crianças e

⁶ Alguns autores como Singly (2010) têm interpelado o termo “socialização primária” diante da constatação de que contemporaneamente as relações familiares e a coabitação entre pais e filhos não ocorrem apenas na infância; ao contrário, é cada vez mais comum que os filhos já adultos continuem a morar com os pais. Por outro lado, podemos também nos perguntar se a expressão “socialização secundária” continua dando conta de uma realidade em que as crianças estão frequentando, cada vez mais precocemente, instituições educativas.

⁷ A transmissão aqui, diferentemente da transmissão na sociologia, é entendida como a transferência de um desejo ou de algo de simbólico do casal para os filhos.

os impactos de uma escolarização que ocorre cada vez mais precocemente. Além disso, em vez de estudar a família como uma instituição isolada, alguns autores se dedicaram a compreender o papel de mediação dos pais em relação a outras instâncias de socialização, ou seja, como a família exerce uma função de filtro do mundo exterior (LEICHTER, 1978).

Apesar dessa renovação temática, a socialização na família continua pouco pesquisada empiricamente (MONTANDON; LONGCHAMP, 2003). Entre os trabalhos empíricos, tornaram-se reconhecidas as obras *Childhood in Europe* (DU BOIS-REYMOND *et al.*, 2001), uma coletânea de artigos que buscam comparar a relação entre as crianças e as mídias em diferentes contextos desse continente, e a pesquisa de Montandon & Longchamp (2003) sobre as experiências de autonomia das crianças. Destaca-se ainda a *Revue Internationale d'Éducation Familiale*, criada em 1997 pela Associação Internacional de Pesquisa em Educação Familiar (*International Association of Training and Research in Family Education*), com o intuito de publicar artigos interdisciplinares sobre o tema.

Um exemplo de investigação que se volta para a socialização na família é o trabalho de Anne Carolina Ramos (2012), que analisa as relações entre avós e netos em famílias uniparentais reconstituídas. Através de entrevistas com 36 meninos e meninas de classe média e classe média alta, a pesquisadora mostra como as relações intergeracionais podem ser de muito valor para as crianças, sobretudo num contexto de rearranjo familiar. Assim, as crianças participantes da pesquisa afirmam que a casa dos avós é como uma extensão da própria casa, ou, nas palavras das crianças, uma “segunda casa”.

O trabalho de Ramos (2012) tangencia também um dos eixos que compõem os estudos sobre a socialização na família, primordial para a compreensão da emergência dos quartos infantis como objeto de pesquisa. Na medida em que um dos objetivos consiste em analisar o ponto de vista das crianças sobre os espaços da própria casa e da casa dos avós, a pesquisa apreende a cultura da infância através da arquitetura e dos objetos que a cercam, ou seja, através da cultura material da infância.

1.1 A família e a casa: socialização primária e cultura material

A abordagem da cultura material tem por pressuposto a ideia de que a arquitetura e o *design* de objetos produzidos para as crianças articulam sentidos, discursos e representações que são reinterpretados por elas em um circuito comunicativo.

Alguns autores têm sugerido a utilização da expressão “materialidades da cultura da infância”, no lugar de “cultura material da infância”, já amplamente utilizado por diferentes correntes teóricas (MANSON; RENONCIAT, 2012). Essa alteração teria por objetivo ressaltar a ideia de que nem toda cultura da infância é material; a materialidade é uma parte dessa cultura. Por outro lado, essa parte da cultura que se expressa em objetos e espaços não está apartada do simbólico. É nesse sentido que Sarmiento (2003) dirige sua crítica à distinção excessivamente estanque de Corsaro (2011) entre cultura simbólica da infância, constituída pelas mídias e pela literatura, e cultura material da infância, constituída pelo vestuário, pelos brinquedos e pelos móveis, etc. Para Sarmiento (2003) trata-se antes de compreender que pode haver uma materialidade no simbólico, assim como há uma dimensão simbólica na materialidade.

Acompanhando uma retomada dos estudos da cultura material em geral, a materialidade da cultura da infância já havia sido tomada como objeto de estudo por folcloristas internacionais e por brasileiros,⁸ que trabalharam na catalogação de brinquedos desde a passagem do século XIX até a primeira metade do século XX. No entanto, esses trabalhos tiveram por limite a pouca elaboração teórica e a descontextualização histórica e social desses artefatos culturais.

A ideia de cultura material de uma forma ampla, ou seja, não estritamente ligada à infância, emerge mais claramente da tradição marxista, através do decreto de Lênin, que cria em 1919 a Academia da Cultura Material da URSS. Ligada inicialmente ao materialismo histórico, essa abordagem é posteriormente influenciada pela arqueologia e pela sociologia, principalmente a partir da proposta de Marcel Mauss de pensar o corpo como o primeiro instrumento a ser dominado e como balizador da experiência humana no mundo (MANSON; RENONCIATT, 2012; REDE, 2000).

⁸ Entre os folcloristas brasileiros que se dedicaram a catalogar os brinquedos das crianças brasileiras, vale sublinhar a importância dos trabalhos de Câmara Cascudo (1947) e Veríssimo de Melo ([s.d.]).

O estudo da cultura material teve também sua expressão na História das Mentalidades, em trabalhos que buscaram compreender a circulação de certos objetos como os livros (CHARTIER, 2011), o vestuário (ROCHE, 2000) ou a alimentação (FLANDRIN, 1998). No que diz respeito aos estudos da infância, participa desse contexto o estudo pioneiro de Philippe Ariès ([1978] 1981), que conferiu alguma importância aos objetos tangíveis, ainda que de forma acessória e pouco analítica.

Com efeito, a emergência e a centralidade da noção de cultura material da infância são consideradas fruto de uma tradição anglo-saxônica, tendo como marco o trabalho *Children in the House. The Material Culture of Early Childhood, 1600-1900*, de Calvert (1994). Nessa pesquisa Calvert mostra como o universo dos objetos produzidos pelos adultos estrutura os tempos e os espaços, definindo estágios de desenvolvimento, além de contribuir para configurar a infância segundo o imaginário de uma sociedade.

Também sobre como os objetos participam na definição dos estágios de desenvolvimento da criança, Pascale Garnier (1995) analisa os debates promovidos a partir do século XVIII sobre quando e como as crianças podem ou devem fazer certas atividades. Assim, a autora retoma as controvérsias do século XVIII sobre a capacidade de andar das crianças, os debates sobre a necessidade de impor limites ao trabalho infantil ocorridas no século XIX, assim como os debates desenrolados no século XX, sobre as vantagens e as desvantagens do ensino precoce da natação.

Um segundo trabalho considerado pioneiro no estudo da cultura material da infância é o de Derevenski (2000), intitulado *Children and Material Culture*, que faz um estado da arte das pesquisas no campo da arqueologia que se dedicaram à infância na pré-história, na Antiguidade e na Idade Média.

Recentemente novos objetos, novas metodologias e novas conceituações buscam compreender esse circuito de sentidos dos objetos a partir das condições de sua produção e de sua recepção. Tem-se buscado pensar a criança, os objetos e os espaços produzidos por ela ou para ela, de forma dialética e no interior de relações socialmente situadas. Por fim, caberia aqui reconhecer e diferenciar duas vertentes teóricas dos estudos da cultura material que têm sido utilizadas também nos estudos da cultura material da infância.

Na perspectiva marxista, presente nos trabalhos que analisam os impactos da publicidade nas crianças, a relação entre os indivíduos e os objetos seria sobretudo caracterizada por uma opressão sobre a criança (alienada ou reificada). Compartilhado pela escola de Frankfurt e por Baudrillard, o conceito de alienação se tornou central nesse debate, portanto compreendido como uma despersonalização do objeto, que, no contexto das sociedades industrializadas cuja produção se dá em larga escala, é reduzido a mera mercadoria.

Numa segunda abordagem representada pelo antropólogo Daniel Miller (2001, 2013), essa relação entre sujeito e objeto é considerada como de mão dupla. Influenciado pela fenomenologia de Hegel e pela teoria da prática de Bourdieu, Miller tem se dedicado a pesquisar a cultura material no ambiente doméstico, compreendendo a casa de forma dialética, ou seja, como um espaço condicionante e condicionado. No caminho aberto pelo trabalho de Bruno Latour (2005), Miller afirma que, na relação cotidiana com a materialidade das coisas, somos submetidos ao agenciamento dos objetos, embora isso quase sempre nos passe despercebido. Na condição de modernos, somos convictos de que somos sujeitos em pleno controle dos objetos, mas não é bem assim. Para usar um exemplo anedótico de Harman (2009), uma semente pode destruir um império se o imperador engasgar. Assim, de certa forma, a constatação da ação dos objetos sobre nós é consequência do reconhecimento dos limites da ambição moderna de separar natureza e cultura, humanos e não humanos (KIMMICH, 2011).

Analisando a arquitetura sob esse prisma, Miller (2001) começa por distingui-la do vestuário. Enquanto o vestuário suscita questões sobre a superficialidade, a casa pressupõe relações de poder mais fortes, muitas vezes ligadas à guerra dos lugares empreendida pelo mercado imobiliário (ROLNIK, 2015). Esse jogo de forças não somente permanece no domínio público, mas também atravessa a soleira da porta, condicionando a forma como as pessoas vivem, localizando os moradores socialmente, determinando como eles se distribuem pelos cômodos e que sentidos dão aos espaços.

Em 1979, a revista *Architecture D'aujourd'hui* dedicou um volume aos espaços da criança, do qual faz parte um artigo de Marie Jaoul sobre sua infância na Maison Jaoul,⁹ célebre

⁹ As casas Jaoul, localizadas no subúrbio de Paris, são duas construções de Corbusier para André Jaoul e seu filho Michel Jaoul, avô e pai de Marie Jaoul. Com projeto concluído em 1951, as casas foram construídas entre 1954 e 1955.

residência projetada por Corbusier na fase brutalista.¹⁰ No artigo Marie Jaoul conta que seus amigos de escola lhe perguntavam se ela era pobre, já que morava em uma fábrica com concreto e tijolos expostos. Ela relata ainda como os espaços integrados propostos pelo renomado arquiteto lhe causaram profundo desagrado porque, após a mudança da família, pais e filhos passaram a viver excessivamente ‘entre si’. Descreve também a escassez de luz natural, a mãe sempre nervosa e sua decepção de criança ao perceber que ali não havia esconderijos secretos. Todos eram desconfortavelmente supervisionados naquela casa onde tudo se comunicava. Marie se lembra de que queria colar seus desenhos na parede azul, mas era interdita pelos adultos que lhe diziam ser desnecessário: a parede azul era ela mesma o quadro. Para a criança, aquela casa era muito bela e muito triste como um museu. Com a construção e o mobiliário sob a intransigente supervisão de Corbusier, cada coisa (e até mesmo cada pessoa) tinha seu lugar designado desde o projeto: “nós éramos como estátuas”, conclui, “era a casa que ditava a lei.” O relato de Marie Jaoul é um bom exemplo da ideia de Miller de que as casas interferem na forma de viver de seus moradores. É a isso que o antropólogo denomina o ‘agenciamento das coisas’.

Figura 4 – Maison Jaoul. Projetadas por Corbusier (1951)



Fonte: <<https://divisare.com/projects/344381-le-corbusier-cemal-emden-maisons-jaoul>>.
Foto de Cemal Emden, autorizada pelo fotógrafo para reprodução nesta tese.

¹⁰ O brutalismo é um estilo da arquitetura surgido na segunda metade do século XX e marcado sobretudo pelo avanço da engenharia civil diante da necessidade de reerguer as cidades no pós-guerra de forma econômica. Caracteriza-se pelo uso do concreto armado (*béton brut*) aparente e da madeira em seu estado natural, tendo Corbusier como um de seus representantes.

Essa ideia de agência dos objetos não nos permite pensar que estamos absolutamente submetidos às casas como mercadoria ou completamente alienados pelos objetos que cercaram nossa infância. Miller compreende a casa como uma *home possessions* (2001), isto é, ao mesmo tempo mercadoria e espaço de armazenamento de mercadorias. De alto custo e submetida a fortes relações de poder, ela é o “elefante das coisas”. Por tudo isso, o processo de apropriação de uma casa, que Miller chama de “acomodação”, não é simples, mas sempre condicionado por uma variedade de fatores externos à relação entre morador e moradia. Em última instância, o que interessa a Miller é compreender como as pessoas singularizam as experiências com os espaços e os objetos quando eles são padronizados, tornados mercadoria ou impostos pelo estado.

Se o foco não é a despersonalização ou o esvaziamento do objeto de toda a sua carga pessoal provocados pela mercantilização assim como em Marx, tampouco haveria aqui uma “aporia da causalidade” ou uma espécie de determinismo que poderia ser lido na homologia das estruturas bourdieianas. Ao contrário, o trabalho consiste em demonstrar o agenciamento dos objetos e as formas possíveis de singularização e subjetivação. A exemplo, uma das pesquisas empíricas de Miller consiste em discutir as formas de acomodação dos moradores em habitações populares padronizadas e construídas pelo estado, ou seja, pressupostamente despersonalizadas.

A saída de Miller (2001) para o impasse entre sujeito e objeto, assim como a de outros antropólogos que têm retomado a cultura material, a exemplo de Jean Pierre Warnier (1999), seria pensá-lo não em termos de um ator social e suas categorias (geração, gênero, classe social) como na sociologia, mas a partir da experiência singular do sujeito. Outros pesquisadores, antropólogos e sociólogos não concordam com esse movimento de abandono de uma perspectiva mais ampla, mas propõem observar a realidade social a partir do microssocial.

Por fim, outra questão recorrente nos estudos da cultura material são os usos da noção de espaço em diversas teorias. Miller (2001), por exemplo, não toma a casa ou o espaço simplesmente como metáfora ou modelo explicativo, como em algumas leituras da obra bourdieiana.¹¹ Ao contrário, ele toma a casa como uma categoria analítica.

¹¹ Vale dizer que recentemente até mesmo a ideia de que o espaço na obra de Bourdieu tem função de mera metáfora vem sendo discutida. Nikolas Fogle (2015), na obra *The spacial logic of social struggle*, reúne e

A casa é também uma ideia operante na sociologia brasileira, a exemplo dos célebres trabalhos de Gilberto Freyre ([1933] 2006) e Roberto DaMatta (1997), para quem as casas designam não simplesmente espaços geográficos ou coisas físicas mensuráveis, mas acima de tudo “[...] entidades morais, esferas de ação social, províncias éticas dotadas de positividade, domínios culturais institucionalizados e, por causa disso, capazes de despertar emoções, reações, leis, orações, músicas e imagens esteticamente emolduradas e inspiradas” (DAMATTA, 1997, p. 8).

No entanto, DaMatta (1997) assinala que, embora a casa seja importante na tradição brasileira, com grande incidência na história social, ela é comumente tomada como mero palco do verdadeiro ator social, que é a família, de forma que sua centralidade não é reconhecida. Para essa constatação, o autor oferece uma saída diferente da saída de Miller (2001). DaMatta busca compreendê-la como metáfora e não como espaço físico, o que lhe permite afirmar que, na sociedade brasileira, as relações públicas se dão de forma familiar, como se a rua fosse uma extensão da casa assim como um quarto pode ser compreendido como a casa de um indivíduo dentro da família.

Nessa direção, ou seja, tomando a casa como metáfora, na sua dissertação *A casa dentro da casa - o sentido do quarto para o adolescente na contemporaneidade*, a psicóloga Marilza Friche (2016), utilizando o conceito de cultura do quarto (GLEVAREC, 2010) busca compreender os modos de vida dos adolescentes contemporâneos e seus processos de subjetivação, investigando os significados atribuídos por eles a esses cômodos.

1.2 A emergência do quarto de criança como objeto de estudos

Além de paradigmática da utilização de casa como metáfora assim como na tradição de DaMatta (1997), a pesquisa de Friche (2016) é um exemplo da emergência do quarto como objeto de estudo. Assim, na interseção entre os estudos sobre a educação familiar e a cultura material da infância, o quarto de dormir das crianças tem suscitado novas questões e novas

analisa algumas ideias sobre o tema dispersas por toda a obra de Bourdieu. Como ponto de partida, Fogle afirma que a importância dada ao espaço nos permite pensar a obra bourdiesiana como uma sociologia topológica. Em seguida, ele demonstra como o espaço é mais do que um modelo de explicação, podendo ser compreendido como uma importante categoria na obra bourdiesiana, já que está presente em várias obras e não somente no célebre trabalho sobre a casa cabília

metodologias. Se, há algumas décadas, a história tem se dedicado a esse cômodo (KING-HALL, 1958; ROBERTSON, 1974; MIAL, 1980; WHITE, 1984; C. HALL, 1987; RENONCIAT, 2014; PERROT, 2010, 2011, VAZ-ROMERO TRUEBA, 2012), os quartos de criança muito recentemente têm despertado também o interesse de pesquisadores de outras áreas (DINKA, 2016; LONG, 2014; HACHET, 2014; ROLLET; PELAGE, 2014; KRUPICKA; DE LA VILLE, 2014; BROUGERE, 2014; ZAFFRAN, 2014; GASPOZ, 2014; NAL, 2014; CAMMARÉRI, 2013).

No Brasil ainda são poucos os trabalhos no campo dos estudos da infância que o tomam como objeto.¹² Na história da arquitetura, Thereza Dantas (2014) propõe investigar o lugar da criança no espaço doméstico a partir do estudo do mobiliário infantil da casa paulistana da década de 1950. Para isso, a autora utilizou textos e imagens retirados de revistas especializadas do período.

Mas é no campo da saúde que o quarto e os hábitos de sono das crianças têm sido mais frequentemente investigados na produção acadêmica brasileira. Essas pesquisas buscam, por exemplo, correlações entre equipamentos eletrônicos e a massa corporal das crianças (FERRARI *et al.*, 2015) ou entre os hábitos de sono e as chances de morte súbita em bebês (GEIB *et al.*, 2003). Vale destacar, entre os trabalhos do campo da saúde, aqueles organizados pelo médico Rubens Reimão que, em parceria com equipes interdisciplinares, estuda os hábitos de sono das crianças indígenas bororós da tribo indígena Meruri em reserva indígena do Mato Grosso (1999); das crianças terena, das tribos Tereré e Córrego do Meio, também no Mato Grosso (1998); e das crianças da comunidade negra rural formada por descendentes de escravos, que se instalaram em uma região de relativo isolamento geográfico em Furnas do Dionísio, Mato Grosso (1999). Esses trabalhos ressaltam que o lugar destinado às crianças nas moradias está fortemente relacionado a aspectos socioculturais. Os resultados demonstram que, em algumas comunidades indígenas ou quilombolas, o *co-sleeping*¹³ é o padrão entre

¹² Em pesquisa no portal de teses e dissertações da Capes por descritores como “quarto(s) infantil(is)” e “quarto(s) de criança(s)” não se encontrou nenhuma ocorrência. Com o uso das palavras “arquitetura” e “criança” foram encontradas algumas pesquisas sobre arquitetura escolar. Com uso das palavras “arquitetura” e “infantil” foram encontradas: (a) uma pesquisa de doutorado da UERJ sobre a apropriação do espaço de um berçário realizada pelos educadores; (b) uma pesquisa da Faculdade de Arquitetura da USP intitulada *A criança e o arquiteto: quem aprende com quem?*; (c) uma pesquisa da Faculdade de Arquitetura da USP, no campo da Psicologia Ambiental, intitulada *Casa um lugar de verdade - o estudo do espaço individual como um reflexo de quem o habita*. Em pesquisa no Scielo por “quarto” e “criança” ou “quarto infantil” somente foram encontrados artigos da área da saúde.

¹³ Prática em que os pais dividem com os filhos o quarto ou mesmo a cama.

crianças de até 2 anos; é majoritário entre crianças entre 2 e 10 anos e que dormir sozinho se torna um hábito apenas entre crianças maiores de 10 anos.

Embora não tomem o quarto como objeto empírico, alguns trabalhos sobre a infância em contexto de acolhimento institucional abordam as formas pelas quais as crianças se apropriam desse espaço frequentemente denominado nesse contexto de “dormitório”. A pesquisa *A infância institucionalizada: um outro modo de estar na ‘roda’*, de Antônio Feitosa e Leni Dornelles (s/d), investiga as percepções sobre o abrigo das crianças que nele habitam. Para isso, os pesquisadores propuseram às crianças atividades em que elas deveriam, através de colagens e fotografias, expressar que espaço gostariam que o abrigo tivesse e qual era o preferido entre os espaços existentes. É como um de seus espaços preferidos que algumas crianças fotografam o dormitório, sobretudo por se tratar, do ponto de vista delas, de um espaço organizado.

Por sua vez, a pesquisa de Roseli Nazário (2015) *Entre estar na casa e estar em casa: modos de ser criança em um contexto de acolhimento institucional* descreve uma cultura institucional marcada pela impessoalidade, que é verificável através da organização do espaço e da constatação da quase ausência de objetos que marquem a singularidade da criança: meu carrinho, meu tênis, minha cama.

Essas pesquisas demonstram que são variáveis as formas de dormir e de organizar o espaço das crianças no ambiente doméstico (ou institucionalizado), assim como são diversas as formas como as crianças significam os espaços a ela destinados. Se as pesquisas citadas e realizadas com comunidades não hegemônicas atestam essa diversidade, no contexto internacional os trabalhos mais recentes pouco consideram a variável classe social ou as culturas periféricas.

Com amostra populacional diversificada e abordagem não comparativa, diversas pesquisas tentam descrever as mudanças nas relações familiares através dos usos dos espaços (NAL, 2014; HACHET, 2014; ROUCOUS; DAUPHRAGNE, 2015; LONG, 2014) enquanto outras se debruçam sobre representações contemporâneas dos quartos infantis (RENONCIAT, 2014; BAZIN, 2014; YEMSI-PAILLISSÉ, 2014). Alguns poucos trabalhos analisam quartos pertencentes a grupos não majoritários tais como portadores de necessidades especiais

(CAMMARÉRI, 2014), crianças superdotadas (LIGNIER, 2016) ou mesmo quartos de adolescentes em situação de itinerância geográfica (GASPOZ, 2014).

A construção da identidade de gênero é analisada no trabalho de Catherine Rollet e Agnès Pelage (2014) sobre como os pais preparam o quarto para o bebê que está para nascer. Com base nos dados quantitativos da pesquisa *Étude longitudinale française depuis l'enfance* (ELFE), realizada com 18.500 famílias, cujos filhos nasceram em 2011, as autoras empreenderam uma pesquisa qualitativa entrevistando e observando 18 famílias que tiveram o segundo filho entre 2011 e 2013. Os resultados mostram que a regra de separar irmãos de sexos diferentes, prescrita há muitos séculos pela Igreja Católica (PERROT, 2011) e retomada em outros momentos históricos, está fortemente internalizada. Em razão dessa regra internalizada, os pais buscam descobrir o sexo do bebê o mais cedo possível, o que lhes possibilita decorar o quarto com cores e figuras 'de menino' ou 'de menina'. Assim, as autoras mostram como a socialização, além de condicionada por questões de classe social, é generificada.

Analisando 53 edições de revistas brasileiras que têm como temática a infância, Cláudia Amaral dos Santos (2004) descreve as características mais recorrentes dos quartos propostos para meninos e meninas. Condizentes com pesquisas anteriores (SAMPAIO, 2000), os resultados mostram como as revistas, que possuem um forte papel pedagógico, apresentam quartos de meninas repletos de romantismo e candura, enquanto os quartos de meninos trazem a ideia de aventura e ação. Além disso, se há alguma flexibilidade para as meninas, para quem eventualmente podem ser propostos quartos com cores ou temas considerados masculinos, o mesmo não se observa em relação aos meninos.

1.3 O mercado de decoração para ambientes infantis

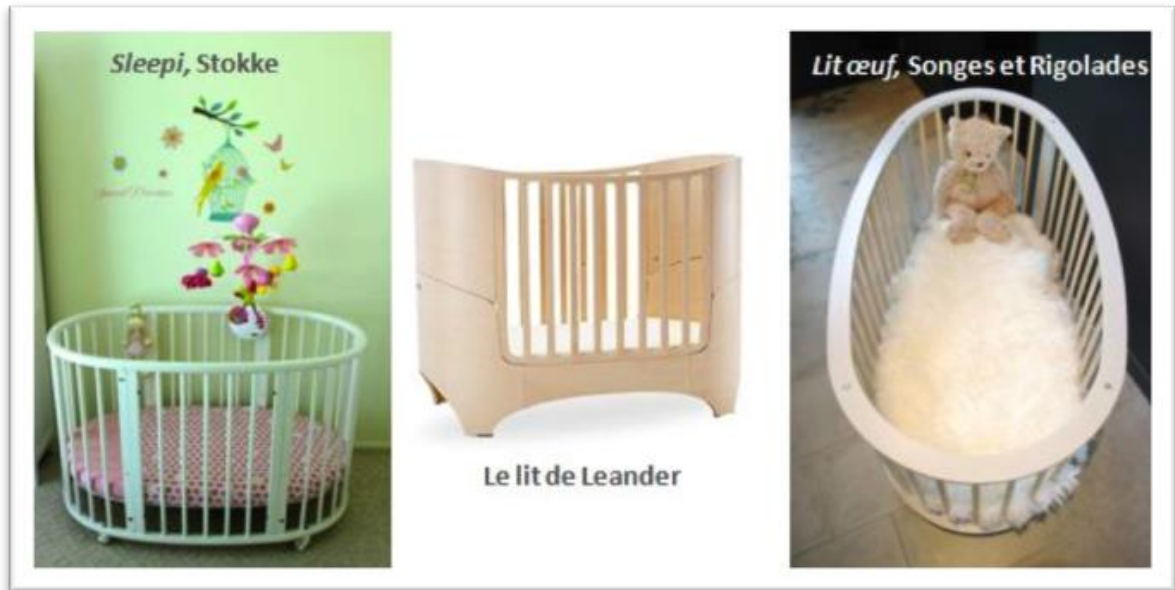
Além das pesquisas empíricas ocorridas no espaço doméstico, que vêm, de forma pioneira, enfrentando importantes desafios éticos e metodológicos, há aquelas que se dedicaram ao mercado de decoração para crianças. Uma vez que se trata de um mercado significativo nos Estados Unidos e na Europa, com crescimento no Brasil mesmo depois da crise econômica, os pesquisadores têm buscado compreender a cultura material da infância também através do seu contexto de produção.

O foco na oferta possibilita captar a estrutura estruturada, uma vez que ela é resultado de costumes e mentalidades dominantes e, ao mesmo tempo, a estrutura estruturante, considerando que os produtos ofertados condicionam estilos de vida, instituem práticas e contribuem para a construção de disposições. Isso quer dizer, por exemplo, que a demanda dos consumidores por produtos educativos pode agir sobre a oferta assim como a oferta generalizada por berços de padrão americanos pode instituir outras práticas.

É exemplo dessas pesquisas o trabalho de Brougère (2014), que analisa o *design* dos objetos produzidos para a infância como um discurso de endereçamento híbrido (DE LA VILLE; CRISTAU; KRUPICKA, 2014), ou seja, como um discurso que se endereça ora às crianças, ora aos adultos, ora aos dois grupos concomitantemente. O autor prossegue demonstrando que o *design*, por definição, ultrapassa os limites da funcionalidade do objeto e, endereçando-se às crianças, absorve a noção de jogo. Por outro lado, quando se endereça aos adultos, ele assume o discurso educativo do bom gosto, cuja fronteira em relação ao mau gosto, em geral representado por uma cultura mundializada, está em constante disputa. Nesse sentido, o autor compreende o quarto da criança como um lugar onde o adulto, se detentor de condições culturais para tal, pode afirmar e colocar em cena sua distância de uma cultura padronizada.

Ainda no mercado de luxo e do bom *design*, os pesquisadores de *marketing* Cohen e Rampnoux (2014) analisam os discursos das marcas de móveis e os processos de decisão de compra de um berço com um formato pouco usual: o ‘berço ovo’. Resultado da busca pela racionalização dos processos industriais, o berço retangular busca facilitar a produção, o armazenamento e, conseqüentemente, diminuir os custos desse móvel. Além disso, o formato retangular possibilita a disposição do berço encostado na parede (e a conseqüente otimização do espaço, segundo o jargão dos decoradores), enquanto o berço oval exige uma disposição central no quarto. Sendo assim, o que motivaria uma compra aparentemente tão pouco ‘racionalizada’? Utilizando como quadro conceitual a *Consumer Culture Theory* (CCT), teoria que, além dos aspectos técnicos do produto, leva em consideração a experiência e as motivações emocionais do consumidor, os pesquisadores mostram que os compradores do berço em formato de ovo entrevistados tomaram decisões de compra consideradas ‘emocionais’ e não somente ‘racionalizadas’. Essas escolhas são caracterizadas pelos autores como ‘hedonistas’ ou ‘intrínsecas’, na medida em que se apoiam em uma “lógica de melhoria em relação a si mesmo, ou seja, como uma reação subjetiva à percepção do objeto” (COHEN; RAMPNOUX, 2014).

Figura 5 - Berço ovo



Fonte: COHEN; RAMPNOUX, 2014.

Se a reação é subjetiva, já os sentidos atribuídos aos objetos são compartilhados. Padronizados ou produzidos segundo as regras do *design* de bom gosto, originais ou massificados, femininos ou masculinos, infantis ou adultos, os objetos podem ser classificados (e ao mesmo tempo classificam os usuários) em relação àquilo que Baudrillard ([1968] 1997) entende como um ‘sistema de significações’. Trata-se de um sistema na medida em que, assim como na teoria do linguista Ferdinand de Saussure, o significado é dado por uma oposição ou diferença.

Dessa forma, o espaço, os móveis e os objetos do quarto da criança não são apenas significados pelos pais e pela criança, mas trazem consigo um universo de significações sociais que são melhor apreendidos dentro de um conjunto de oposições. Assim, ao mesmo tempo que os quartos são criações familiares (SEGALEN; LE WITA, 1993) e individuais, são espaços socioculturais carregados de signos ligados ao *status* social dos moradores. Desse modo, talvez pudéssemos falar de culturas do quarto, evidenciando a pluralidade de configurações de tempos, espaços e rotinas através das quais jovens e crianças constroem disposições. Uma dessas culturas é a cultura do quarto das crianças dos grupos sociais mais favorecidos.

1.4 Os espaços domésticos das crianças de classes médias altas e elites: “nascer em berço de ouro”

Inspiradas na obra de Bourdieu e Passeron, várias pesquisas interpelaram as instituições educativas, sobretudo com um certo ceticismo em relação às promessas de mobilidade social promovidas pela escola. No entanto, a contribuição da socialização primária na reprodução das desigualdades parece ter sido menos investigada (LE WITA, 1988). Em uma obra sobre a socialização primária das crianças da aristocracia francesa entre o final do século XIX e a primeira metade do XX, Éric Mension-Rigau (1990) relata as dificuldades de se realizar pesquisas sobre o espaço doméstico no campo da história, uma vez que ele é bem menos documentado do que o espaço institucionalizado.

Através de questionários e entrevistas, ou seja, através das memórias de infância, o autor buscou compreender as principais características da cultura transmitida pelas classes dominantes desse período. Ele estabelece dois traços marcantes dessa cultura: o domínio do espaço e o domínio do tempo. Sobre a relação com o espaço, ele descreve moradias muito protegidas, onde as crianças conviviam intensamente com uma rede de relações exclusivas. Elas sabiam que havia um mundo fora dos muros da propriedade da família, que, se não era desprezado, era visto sempre do alto. O domínio do tempo, por sua vez, ficava evidenciado na facilidade de rememoração das gerações passadas (constatada na própria metodologia da pesquisa) que parece ser favorecida pela casa, pelos móveis que atravessam gerações e pelos retratos dos antepassados na parede.

A formação desse grupo não era pensada em termos utilitários, uma vez que não teria por objetivo conquistar ou manter uma posição social. Essa posição já estaria garantida. Seja através de uma educação marcada pela erudição, seja através do desinteresse pela educação institucionalizada, a formação das crianças se dava de acordo com os valores da família, mais do que pela capitalização de um saber útil. A impregnação de valores do meio mais próximo era privilegiada, em detrimento da educação escolar (ele se refere aqui à educação republicana) cujo modelo era incompatível com a formação das elites. Mais do que a ideia de uma educação que garanta o futuro, era priorizado o aprendizado do ‘saber viver’, ou seja, das formas de pensar, sentir e agir que ultrapassavam o aprendizado das boas maneiras, embora elas também não fossem negligenciadas. O relato desses ascendentes da aristocracia francesa sobre a infância nas mansões de família mostra que o objetivo central da socialização primária

era transmitir “[...] um saber social fundamental: a valorização do conhecimento do grupo e de suas fronteiras severamente guardadas” (MENSION-RIGAU, 1990, p. XVIII).

Em uma etnografia da cultura burguesa da França contemporânea, Le Wita (1988) descreve algumas características que constituem permanências da cultura da aristocracia da Belle Époque e do período entreguerras, descrita por Mension-Rigau (1990). Permanecem a ritualização do cotidiano, a arte do controle de si e a arte do detalhe, que, buscando a discrição e a neutralidade, compõem uma etiqueta internalizada precoce e cotidianamente. Assim, do manuseio dos objetos à administração do tempo, trata-se de incorporar (ou seja, tornar corpo) uma posição social, de forma que a cultura ganhe trejeitos de natureza. Essa estratégia microfísica teria por efeito a distinção entre o burguês herdeiro e o burguês ascendente, que só tardiamente entra em contato com alguns códigos e, portanto, não pode contar com a mesma naturalidade dos nativos (PINÇON; PINÇON, 2000).

Mesmo efeito teria a rememoração das gerações anteriores. Se a memória tem aqui um papel tão importante, é porque, como se sabe, no interior dos extratos mais altos da sociedade, considera-se mais distintivo ser um herdeiro e ter um sobrenome (reconhecido) do que ter alcançado mais recentemente a mesma posição social.

Como demonstram esses trabalhos, os espaços e os objetos participam ativamente na construção das disposições de classe. As casas de família que acolhem diferentes gerações contribuem para o culto aos antepassados, na medida em que seus espaços são por vezes decorados para abrigar a memória. Ademais, a presença de objetos de arte da cultura canônica na decoração das casas de elite possibilita uma associação entre cultura e memória de infância, que tornam a aquisição do capital cultural um processo afetivo. Por fim, além do culto aos antepassados e da convivência cotidiana com objetos da cultura legítima, um último efeito dessas moradias de luxo na infância pode ser apontado: a disponibilidade de espaço das moradias pode sugerir a construção de uma relação específica com o próprio corpo que possibilitaria a interiorização do lugar ocupado na sociedade.

Esses são trabalhos que mostram como as casas e o mobiliário podem contribuir para a construção de disposições ligadas a uma cultura de classe. No caso dos grupos favorecidos que privilegiam a socialização familiar, os espaços domésticos atuam como catalisadores da impregnação de um saber social fundamental. No entanto, considerando que as elites

brasileiras são mais recentes do que as do velho mundo, e que, no caso de Belo Horizonte, habitam em cidades e edifícios modernos, podemos nos perguntar como se dá a socialização das crianças nesses espaços.

Além disso, embora a classe média, sobretudo em suas camadas superiores, absorva parte dos estilos de vida da elite, é possível que se encontre nesse grupo outras estratégias de socialização, sobretudo no que se refere à importância atribuída à escola, menos diletante que militante (NOGUEIRA, 1997). O fenômeno do espaço doméstico como um anexo da escola (ESTABLET, 1987), ou seja, como um lugar onde podem ser encontrados objetos pertencentes à cultura escolar, como quadro-de-giz, mapas e globos terrestres, parece ser muito mais válido para uma casa de classe média do que para uma residência de elite.

Essas são questões que ocupam algumas páginas desta tese. Ora debruçada sobre o mercado de puericultura e decoração, ora presenciando o cotidiano da vida privada das famílias, a pesquisa buscou compreender como e em que medida crescer em um quarto decorado pelos pais (ou em conjunto com eles) é também apropriação e reapropriação de disposições associadas a uma posição no espaço social.

CAPÍTULO 2

O PERCURSO INVESTIGATIVO



2.1 Procedimentos e ferramentas empregados

Para responder aos objetivos propostos nesta pesquisa, foram estabelecidas duas frentes de trabalho: a primeira consistiu em analisar o mercado de decoração de quartos infantis, e a segunda, em realizar visitas domiciliares a 20 famílias residentes em Belo Horizonte e oriundas de classes privilegiadas.

Os dados sobre o mercado de decoração de quartos infantis foram obtidos por meio dos seguintes recursos: (a) análise de dados secundários de uma pesquisa sobre o mercado de brinquedos e decoração de Belo Horizonte; (b) entrevistas semiestruturadas com profissionais do mercado de arquitetura e decoração; e (c) análise de conteúdo de um *site* de puericultura e decoração.

Além disso, durante as visitas domiciliares lancei mão dos seguintes instrumentos de coleta: (a) entrevistas semiestruturadas com famílias (pais e/ou mães); (b) produção de um vídeo em que a criança apresenta o próprio quarto; e (c) produção de um esboço de planta a partir do aplicativo *MagicPlan*.

Quadro 1 – Procedimentos e ferramentas utilizados na pesquisa

Pesquisa sobre o mercado	Pesquisa no ambiente doméstico
<ul style="list-style-type: none"> • Análise de dados secundários de uma pesquisa sobre o mercado de brinquedos e decoração • Análise de conteúdo em um <i>site</i> de puericultura e decoração • Entrevistas semiestruturadas com profissionais do mercado de arquitetura e decoração 	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas semiestruturadas com famílias (pais e/ou mães) (n = 20) • Produção de um vídeo em que a criança apresenta seu próprio quarto • Produção de um esboço de planta a partir do aplicativo <i>MagicPlan</i>

Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2017.

2.2 O mercado de arquitetura e decoração

Essa primeira frente de trabalho teve por objetivo pesquisar o mercado de decoração e puericultura, a fim de compreender as práticas dominantes e os discursos emitidos pelos produtores e veiculados em meios de comunicação, no que diz respeito ao quarto das crianças. Para isso, foram realizadas estas ações: (a) análise de uma pesquisa de mercado efetuada em 2013 pela Faculdade de Economia da Universidade Federal de Minas Gerais; (b) três

entrevistas com vendedoras de lojas de decoração para ambientes infantis; e (c) análise de conteúdo do *site* <bebe.com> realizada em 2014.

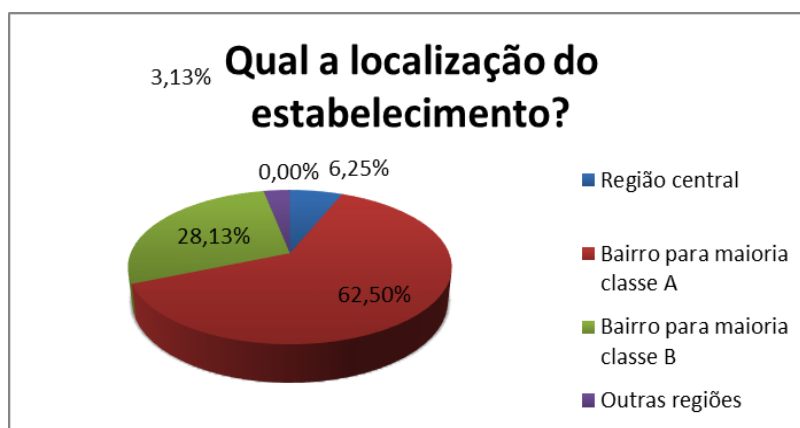
2.2.1 A análise da pesquisa sobre o mercado de brinquedos e decoração

A pesquisa de mercado aqui utilizada foi encomendada em 2012 à Faculdade de Economia da Universidade Federal de Minas Gerais por uma arquiteta e empresária, que objetivava abrir um empreendimento no ramo de decoração para criança e de brinquedos.

Desenvolvida em 2013 pela Consultoria Junior da UFMG, a pesquisa consistiu em: (a) análise de dados secundários, a saber, estudo a partir de matérias de jornais e revistas sobre o mercado de decoração; (b) questionário com “*players* similares”;¹⁴ e (c) questionário com potenciais clientes.

A pesquisa com “*players* similares” foi realizada em 37 estabelecimentos da Zona Sul de Belo Horizonte, região onde reside majoritariamente uma população oriunda das classes A e B. Porém, os critérios dessa classificação não foram evidenciados na pesquisa. Nessas entrevistas, o entrevistador se apresentou como um estudante de economia que estava realizando o trabalho de conclusão de curso.

Figura 6 – Localização do estabelecimento



Fonte: Pesquisa de mercado da FACE/UFMG realizada em 2013.

¹⁴ Nomenclatura utilizada pela pesquisa da Faculdade de Economia para designar os possíveis concorrentes da arquiteta.

Diante da crise econômica que esboçava seus primeiros sinais, a empresária desistiu de levar o projeto adiante, razão pela qual os dados foram por ela disponibilizados para utilização nesta pesquisa de doutorado.¹⁵

A respeito do uso de uma pesquisa de mercado em trabalho científico, torna-se pertinente retomar as ponderações de Bourdieu (1981) sobre as pesquisas de opinião pública.¹⁶ Para o autor, os maiores problemas desse tipo de pesquisa consistiriam nas fragilidades metodológicas decorrentes da forma como as questões são formuladas e do contexto em que são colocadas ao entrevistado. Em relação à formulação, frequentemente as pesquisas de opinião trazem ao entrevistado questões sobre as quais ele ainda não havia refletido. Assim, essa ferramenta de recolhimento de dados tende a não refletir com precisão as tomadas de posição em relação ao consumo, uma vez que nem sempre as disposições podem ser formuladas como um discurso racionalizado, consciente e coerente. Além disso, em relação ao contexto, as pesquisas de opinião são condicionadas pela exigência de objetividade e neutralidade, quando seria mais adequado elaborar perguntas que simulassem a prática real.

Para usar um exemplo concernente ao tema da pesquisa, em vez de perguntar a um potencial consumidor se a praticidade, a segurança ou a originalidade seriam os fatores mais importantes no momento de decisão de compra de produtos de decoração, seria mais revelador de uma verdadeira tomada de posição perguntar se ele preferiria comprar um berço em padrão americano ou um berço oval. Ademais, nas condições artificiais de uma pesquisa, o respondente tende a exprimir uma opinião isolada, enquanto nas situações reais, as opiniões são forças, e “as relações entre opiniões são conflitos de força entre os grupos” (BOURDIEU, 1981, p. 147).

Sem perder de vista essas ponderações, os resultados da pesquisa de mercado foram utilizados não como dados científicos incontestáveis e neutros, mas como discurso que, amparado em uma pesquisa secundária com matéria de jornais e revistas, opera com representações de infância que se revelaram de interesse da pesquisa.

¹⁵ Agradeço aqui, também em nome da professora Maria Alice Nogueira, essa gentileza de Marcela Nunes.

¹⁶ Ainda que nem toda pesquisa de opinião pública seja uma pesquisa de mercado, o autor considera as pesquisas de mercado um tipo de pesquisa de opinião.

2.2.2 Entrevistas com profissionais do mercado de arquitetura e decoração

Entre as lojas identificadas como “*players* similares” pela pesquisa de mercado realizada pela Faculdade de Economia da UFMG, três foram escolhidas para a realização de entrevistas semiestruturadas com vendedores. As entrevistas foram realizadas por mim em julho de 2015.¹⁷

Através delas, esperava-se compreender as diferentes significações no que diz respeito à decoração de quartos infantis para um grupo social que parecia homogêneo diante das estatísticas. Além disso, com um roteiro mais aberto, as entrevistas forneceram a oportunidade de aprofundar a compreensão das qualificações de quartos infantis apontadas pelo questionário da pesquisa da FACE/UFMG. Buscou-se compreender, por exemplo, o que significa ‘qualidade’ em um móvel para crianças, quais eram os produtos mais vendidos, que tipo de conselho o atendente dava às mães no momento da compra, etc.

As três lojas foram selecionadas por apresentarem características distintas. A primeira loja, que aqui será chamada de *Joana Hauss*, está situada em um bairro da Zona Sul de Belo Horizonte que é recente e dispõe de muitos empreendimentos comerciais. Surgido na década de 1970, o bairro passou por forte processo de verticalização a partir de 1985, com as mudanças na Lei de Uso e Ocupação do Solo, chegando a constar como o bairro que oferece o maior número de unidades habitacionais, conforme levantamento do Instituto de Pesquisas Administrativas da Universidade Federal de Minas Gerais (IPEAD, UFMG, 2005). Passou a ser reconhecido como o “bairro dos filhos da Zona Sul”, por ter atraído jovens casais que ainda não tinham possibilidade de morar nos bairros ainda mais nobres da região. Por isso, a região foi apontada pela pesquisa de mercado da FACE/UFMG como propícia para a abertura de lojas de decoração e brinquedos. É considerada uma região de padrão alto (3)¹⁸ pela classificação de bairros de Belo Horizonte do IPEAD, ou seja, região em que a renda mensal do chefe do domicílio é igual ou maior a 8,5 salários mínimos e menor que 14,5 SM. A loja é de rua e trabalha com objetos de decoração e móveis pré-fabricados.

¹⁷ O nome dos estabelecimentos comerciais e dos vendedores foi alterado para garantia de privacidade.

¹⁸ A partir dos dados do censo de 2000, os bairros de Belo Horizonte foram classificados pelo IPEAD/UFMG em quatro categorias, de acordo com a renda média mensal do chefe do domicílio em salários mínimos (SM): (1) popular: inferior a 5 SM; (2) médio: igual a ou maior que 5 SM e menor que 8,5 SM; (3) alto: igual a ou maior que 8,5 SM e menor que 14,5 SM, (4) luxo: igual ou superior a 14,5 SM.

A segunda loja, chamada *Conforto e Beleza*, está situada em um *shopping* especializado na vendas de móveis e utilidades domésticas da Zona Sul da cidade. O bairro é considerado de luxo (4) na classificação de bairros feita pelo IPEAD, ou seja, bairro cuja renda do chefe do domicílio é igual ou superior a 14,5 SM, embora a loja atenda também diversos clientes de bairros próximos. Segundo as vendedoras entrevistadas, essa loja tem um público mais diversificado, uma vez que atrai profissionais de decoração e famílias que vão ao *shopping* também para usufruir dos equipamentos de entretenimento, como restaurantes e cinema. Além de oferecer móveis pré-fabricados, principalmente berços, a loja executa projetos de arquitetos e decoradores. Segundo o *site* da empresa, o estabelecimento busca oferecer aos clientes, “ambientes personalizados e sob medida”.

A terceira loja, *Le Petit*, está situada em um dos bairros mais antigos e tradicionais de Belo Horizonte, considerado de luxo (4) na classificação de bairros feita pelo IPEAD, ou seja, bairro cuja renda do chefe do domicílio é igual ou superior a 14,5 SM. Trata-se de loja com atendimento de hora marcada, discretamente situada no saguão de um prédio comercial cujo acesso é realizado via interfone. Trabalha com móveis pré-fabricados e enxovais de luxo.

Nas três lojas, fui atendida por vendedoras do sexo feminino, embora na loja *Conforto e Beleza* haja também vendedores do sexo masculino, ali chamados “representantes”. A idade das vendedoras variou entre 18 e 60 anos.

Em todas as lojas, me apresentei como uma pesquisadora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, que estava desenvolvendo uma pesquisa sobre quartos infantis. As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro (APÊNDICE A) e gravadas em um telefone celular.

Quadro 2 – Características das lojas

Joana Hauss Bairro padrão alto	Conforto & Beleza Bairro padrão luxo	Le Petit Bairro padrão luxo
Loja de rua	Loja de <i>shopping</i> (público mais diversificado)	Loja discreta dentro de prédio com campanha e portaria
Forte marca de gêneros	Marcas de gênero menos evidentes	Marcas de gênero menos evidentes
Quartos com temas	Quartos com estilos	Ênfase na qualidade, em materiais nobres, ideia de conforto
Produtos personalizados artesanais	Produtos sob medida Móveis práticos e funcionais	Produtos personalizados
O material é menos nobre e mais econômico. (Ex.: MDF)	Menção a espaços reduzidos O preço é um critério importante de compra.	Aproveitamento de espaço e preço não são critérios de compra importantes.

Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2017.

2.2.3 Análise de conteúdo de um *site* de puericultura

Após o levantamento de publicações sobre puericultura e decoração de quartos de criança, o *site* <bebe.com.br>, do portal da Editora Abril, foi escolhido pelas seguintes razões:

- (a) o grande volume de informações fornecidas pelo *site* sobre o próprio público;
- (b) o alto número de visualizações;
- (c) o fato de que as matérias de decoração não se restringiam a sugestões para quartos de bebê, mas incluíam quartos de crianças mais velhas;
- (d) o público-alvo (TAB. 2);
- (e) a facilidade de acesso às informações e às imagens;
- (f) a queda de vendas das revistas impressas; e
- (g) as categorizações do *site*.

Em novembro de 2014, o *site* contava com 12.021.474 visualizações e 3.070.779 visitantes únicos.¹⁹ O perfil do internauta, delineado pela editora e disponibilizado no *site* para

¹⁹ Dados do *Google Analytics* divulgados no site da editora: <<http://www.publiabril.com.br/tabelas-gerais/sites/audiencia>>. Acesso em: set. 2015.

anunciantes, afirma que 53% do público do *site* é considerado classe B:²⁰ 99% são mulheres, e 52% estão na faixa etária de 25 a 34 anos.²¹

Tabela 2 – Perfil do internauta

Sexo		Classe social					Faixa etária							
M	F	A	B	C	D	E	2-9	10-14	15-19	20-24	25-34	35-44	45-49	50+
1%	99%	9%	53%	37%	2%	0%	0%	0%	10%	21%	52%	6%	0%	0%

Fonte: Dados da pesquisa de qualificação dos *sites* da Abril.

Na data da coleta das informações, em abril de 2015,²² a seção de decoração estava subdividida em alguns itens/*links*, dos quais foram selecionados para análise 16 subtítulos:

1. Quartos da *Mostra Bebê 2014*
2. Decoração de quarto de menino
3. Decoração de quarto de menina
4. Quarto compartilhado entre menino e menina
5. Quarto montessoriano
6. Cores perfeitas (e nada convencionais) para o quarto do bebê
7. Poltronas para amamentação: qual combina com você?
8. Quartos de bebê com um toque antigo
9. Quartos infantis e inteligentes
10. Monte uma brinquedoteca: o cantinho onde a única regra é se divertir
11. Almofadas: o toque especial na decoração
12. Berços ideais para um sono seguro
13. Decoração na medida certa
14. *Valente* (filme da Disney) inspira decoração de quarto infantil
15. *Playground* no quarto
16. O bê-á-bá da decoração

Na análise foram recenseados os atributos utilizados para designar os quartos, e selecionados/grifados não só os adjetivos, mas também as qualificações implícitas em outras

²⁰ De acordo com o “Critério Brasil 2015-2016” da ABEP, a classe B, constituída por B1 e B2, tem renda familiar entre 5.5 SM e 10.5 SM. Ver: <<http://www.abep.org/criterio-brasil>>.

²¹ Dados da Pesquisa de Qualificação dos *Sites* Abril - 2012, divulgados no *site* da editora: <<http://www.publiabril.com.br/tabelas-gerais/sites/perfil-dos-internautas>>. Acesso em: set. 2015.

²² Ao longo da pesquisa, a organização dos tópicos e dos filtros do portal foi modificada, mas entendo que essa dinamicidade, própria dos conteúdos de internet, não invalida os resultados trazidos aqui. O conteúdo consultado foi salvo na forma de arquivo.

classes gramaticais. “Alegrar”, por exemplo, foi contabilizado como “alegre”. Esse recenseamento criou aquilo que a análise de conteúdo entende por ‘categorias iniciais’ (BARDIN, 1977). Por fim, foram também analisadas algumas imagens e sua relação com os respectivos textos.

2.3 As visitas domiciliares

2.3.1 O universo pesquisado

2.3.1.1 O território da pesquisa

A Zona Sul de Belo Horizonte abrange diversos bairros, como Savassi, Funcionários, Serra, Carmo, Sion, Anchieta, Santo Agostinho, Lourdes e São Bento. Embora seja a região de maior IDH da cidade, é também uma região que concentra muitas desigualdades.

Figura 7 - Foto panorâmica da cidade de Belo Horizonte



Fonte: <skyscraperCity>.²³

²³ *SkyscraperCity* é fórum na internet, que tem por objetivo tratar de temas relacionados à arquitetura e ao urbanismo. Com o objetivo de mostrar a diversidade urbanística, os membros podem divulgar fotos de quaisquer cidades que tenham fotografado. A foto acima foi postada por um usuário que se apresenta como Charles ZSBH.

Foi nessa mesma região que a cidade teve sua origem, a partir do planejamento do engenheiro e urbanista Aarão Reis (1853-1936). Concebida para abrigar a nova capital de Minas Gerais após a transferência do centro político administrativo da cidade de Ouro Preto, Belo Horizonte foi inaugurada em 1897. As primeiras casas construídas exprimiam em suas fachadas a estratificação social, que se tornou marca da nova capital. Seguindo padrões que iam de A a F, as casas de padrão A eram destinadas ao baixo funcionalismo público, e as de padrão F, aos desembargadores. As fachadas contavam com mais ou com menos janelas, de acordo com essa padronização. Quanto mais alto na hierarquia social a família estivesse posicionada, maior era o número de janelas (GUIMARÃES, 1991).

Com um dos planos urbanísticos mais arrojados da época, influenciado pelas concepções higienistas do Barão Hausmann e pela concepção positivista de Auguste Conte, Aarão Reis projetou uma cidade que não previa um espaço de moradia para os grupos populares. Sem ter onde morar, até mesmo os trabalhadores empregados na construção da nova capital se viram forçados a improvisar habitações em torno da cidade que emergia. A inauguração e os primeiros anos da cidade já anunciavam a segregação espacial que acompanha a história de Belo Horizonte.

Nos anos seguintes, foram implementadas políticas de remoção da população que se instalava de forma irregular na região central, destinada principalmente ao alto funcionalismo público. As tentativas de solucionar o problema habitacional da cidade através de políticas de construção de habitações populares nos anos 1940 se mostraram insuficientes para dar conta da demanda que já se acumulava há algumas décadas. Assim, essa dinâmica espacial centro-periferia se instalou e serviu de metáfora espacial para muitas análises sociológicas. No entanto, desde o final do século XX, pode ser percebido o início de um movimento de deslocamento da elite belo-horizontina da região central em direção à periferia Sul e ao município de Nova Lima, num movimento autossegregativo, justificado principalmente pela busca por segurança. Contudo, como demonstram alguns estudos, esse espraiamento vai também ao encontro do esforço empreendido pelos setores mais altos da escala social para viver entre iguais.

Essa nova organização socioespacial se reflete nesta tese, sobretudo nas visitas que foram realizadas nos condomínios fechados dessa região. Um deles é o Grand Lider Olympus,²⁴ descrito em seu *site* como “[...] o primeiro *private* condomínio de Minas Gerais”, “[...] um empreendimento que vai recriar a paisagem do [bairro] Vila da Serra”. Com 52 mil metros quadrados, a página promocional do Olympus afirma oferecer toda “[...] segurança, conforto e privacidade que a sua família merece. Além de estar situado em um bairro privilegiado, cercado de luxo e belas paisagens”. Localizado no limite Sul da capital, o Vila da Serra é descrito no *site* do condomínio como um bairro onde “[...] os moradores da região podem desfrutar de uma vida tranquila e de uma paisagem belíssima rodeada de montanhas”. Afirma que ele “[...] está entre os bairros mais valorizados da cidade, com perspectiva de, em breve, se tornar um grande centro financeiro”.

Figura 8 - Foto do condomínio Olympus



Fonte: Disponível no site da construtora.

Além de piscinas cobertas, o Olympus oferece piscinas com borda molhada, quadras e salões de festas em cada uma de suas nove torres, uma praça central de 4.500m² com lagoa e cascata artificiais, pista de *cooper* e de *golf* executivo, *putting green* (pista de *golf* para tacadas de curto alcance) e *driving range* (pista para tacadas de distância). Na descrição dos equipamentos de lazer, chama a atenção o valor dado aos materiais (borda molhada), o

²⁴ Com um nome significativo, esse condomínio situa-se no bairro Vila da Serra, em Nova Lima, região que faz divisa com a periferia sul de Belo Horizonte.

provimento do espaço (praça central de 4.500m²) e o uso de termos em inglês para a descrição de espaços destinados a práticas esportivas altamente distintas.

No que diz respeito à segurança, o condomínio oferece guarita blindada, antecâmara para pedestres com o objetivo de evitar a entrada de entregadores, segurança perimetral, circuito fechado de TV, porteiros e seguranças, além de central de alarme em cada um dos apartamentos que, detalhadamente descritos no *site* de divulgação do empreendimento como um diferencial do edifício, configuram o que Caldeira (2000) denomina a ‘estética da segurança’.

2.3.1.2 As famílias

Do ponto de vista socioeconômico, as famílias pesquisadas (n=20) situam-se nos mais altos estratos da hierarquia social brasileira. Para melhor descrevê-las, utilizei como parâmetro o critério de classificação da ABEP, conhecido como Critério Brasil (2015-2016).²⁵ A versão mais recente dessa classificação tem a particularidade de levar em consideração não apenas a renda declarada, critério considerado insuficiente, mas também outros indicadores como nível de instrução, condições de moradia ou posse de bens duráveis. Advertindo que é grande a variância das respostas quanto à renda, o que torna ineficiente a classificação levando em consideração exclusivamente esse parâmetro, o Critério Brasil (CB) classifica as famílias em seis estratos socioeconômicos:

Quadro 3 – Estimativa para a renda média domiciliar para os estratos do Critério Brasil

Estrato socioeconômico	Renda média domiciliar estimada
A	R\$ 20.272,56
B1	R\$ 8.695,88
B2	R\$ 4.427,36
C1	R\$ 2.409,01
C2	R\$ 1.446,24
D	R\$ 639,78

Fonte: Critério Brasil 2015 <file:///C:/Users/HP/Downloads/01_cceb_2015.pdf>.

²⁵ Construído pela Associação Brasileira de Empresas de Pesquisas (ABEP), constitui uma evolução dos indicadores criados pela Associação Brasileira de Anunciantes no final da década de 1960.

Dentro de um mesmo estrato social as pesquisas estatísticas observam uma considerável variação das respostas relativas à renda, situação que pode ser explicada por diversas razões. Nos estratos mais altos, a ineficiência do indicador renda se deve sobretudo ao fato de que esse grupo tende a omitir ou subdimensionar essa informação nas entrevistas e questionários (ALVES; SOARES, 2009). Além disso, outra fragilidade da utilização da renda como critério único de classificação diz respeito à distinção, alertada por economistas, entre renda do trabalho e a renda de capital (ALVES; SOARES, 2009).

Buscando também minimizar essas dificuldades da classificação econômica, esta pesquisa optou por inferir a riqueza da família pela renda e, nos casos de omissão da renda ou nos casos em que esse campo foi claramente subdimensionado, foi utilizado o valor aproximado do imóvel de moradia. Além disso, observou-se também o número de empregados domésticos e o bairro de residência, partindo-se do pressuposto de que a localização no espaço urbano também pode ser caracterizada socioeconomicamente. Para tanto, assim como na caracterização das lojas em que ocorreram as entrevistas,²⁶ utilizei a classificação de bairros de Belo Horizonte elaborada em 2005 pelo IPEAD/UFMG, a partir dos dados do censo do ano 2000. Assim, os bairros da cidade foram classificados em quatro categorias, de acordo com a renda média mensal do chefe do domicílio em salários mínimos (SM): (1) popular: inferior a 5 SM; (2) médio: igual ou maior a 5 SM e menor que 8,5 SM; (3) alto padrão: igual ou maior a 8,5 SM e menor que 14,5 SM, (4) luxo: igual ou superior a 14,5 SM.

²⁶ Ver: Quadro 2 – Características das lojas.

Quadro 4 – Classificação socioeconômica das famílias

Genitor (filho)	Classificação por renda	Bairro	Empregados domésticos
1. Lana (Fernando)	(A)	Luxo	1
2. Lúcia (Ana Beatriz)	(A)	Luxo	1
3. Helena (Ana Laura)	(A)	Luxo	2
4. Flávia (Miguel e Caio)	(A)	Luxo	1
5. Fabiana (Isabel e Leandro)	(A)	Luxo	2
6. Cássia (Vitor e Laís)	(A)	Luxo	2
7. Samara (Cauã)	(A)	Luxo	1
8. Célia (Daniele, Leopoldo e Murilo)	(A)	Luxo	1
9. Daniela (Italo e Sabrina)	(A)	Alto padrão	1
10. Letícia (Abelardo)	(A)	Luxo	1
11. Regina (Gabriel, Henrique e Camila)	(A)	Luxo	1
12. Solange (Pedro e João)	(B1)	Luxo	1
13. Isadora (Joaquim)	(B1)	Luxo	0
14. Maria Paula (Davi)	(B1)	Luxo	1
15. Eduardo (Gustavo)	(B1)	Luxo	1
16. Sinara (Leonardo e Lucas)	(B1)	Alto padrão	1
17. Luana (Paulo)	(B1)	Luxo	1
18. Selma (Larissa e Daniel)	(B1)	Luxo	0
19. Bianca (Clara)	(B2)	Luxo	1
20. Sara (Tiago)	(B2)	Luxo	0

Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2017.

Quanto ao endereço de moradia, 18 famílias residem em bairros “padrão luxo” e 2 em bairro de “alto padrão”; 17 famílias contam com serviços de empregado(s) doméstico(s). As 3 famílias que não contratam empregados domésticos mensalistas pertencem ao estrato B, e todas as famílias que contratam mais de um empregado pertencem ao grupo A. Em algumas famílias os empregados dormem na casa em que trabalham. Essa prática parece ainda ser razoavelmente difundida, uma vez que não é raro que as plantas dos novos empreendimentos imobiliários da Zona Sul de Belo Horizonte contenham um “quarto de empregada”, em geral anexo à área de serviço.²⁷

Das 20 famílias que compõem o grupo pesquisado, 11 podem ser classificadas como A, 7 como B1, e 2 como B2. A distribuição dos estratos sociais em relação à média nacional,

²⁷ No caso do condomínio Olympus, que apresenta mais de uma opção de plantas arquitetônicas disponíveis em seu *site*, é possível verificar plantas com previsão de um quarto de empregados (ilustrado com duas camas) e plantas com previsão de dois quartos para empregados.

realizada pelo Critério Brasil²⁸ aponta que apenas 2,9% da população brasileira compõem o grupo A, 5% dos brasileiros compõem o grupo B1, e 17,3%, o B2.

Por fim, a estratificação socioeconômica deve também levar em conta a escolaridade das famílias. No grupo em questão, o grau mínimo de instrução obtido pelos informantes é o diploma de ensino superior (10); há também especialistas (5), mestres (2) e doutores (3), como mostra o Quadro 5.

Quadro 5 – Nível de escolaridade do informante (pai ou mãe)

Responsável (filhos)	Classificação	Escolaridade da mãe
1. Lana (Fernando)	(A)	Superior
2. Lúcia (Ana Beatriz)	(A)	Doutorado
3. Helena (Ana Laura)	(A)	Superior
4. Flávia (Miguel e Caio)	(A)	Especialização
5. Fabiana (Isabel e Leandro)	(A)	Especialização
6. Cássia (Vítor e Laís)	(A)	Superior
7. Samara (Cauã)	(A)	Mestrado
8. Célia (Daniele, Leopoldo e Murilo)	(A)	Superior
9. Daniela (Ítalo e Sabrina)	(A)	Mestrado
10. Letícia (Abelardo)	(A)	Doutorado
11. Regina (Gabriel, Henrique e Camila)	(A)	Superior
12. Solange (Pedro e João)	(B1)	Superior
13. Isadora (Joaquim)	(B1)	Superior
14. Maria Paula (Davi)	(B1)	Superior
15. Eduardo (Gustavo)	(B1)	Especialização
16. Sinara (Leonardo e Lucas)	(B1)	Especialização
17. Luana (Paulo)	(B1)	Superior
18. Selma (Larissa e Daniel)	(B1)	Superior
19. Bianca (Clara)	(B2)	Especialização
20. Sara (Tiago)	(B2)	Doutorado

Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2017.

Comparado à média brasileira, o capital escolar dessas famílias também se revela muito elevado. Com efeito, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2015 (PNAD), no Brasil, apenas 16% das pessoas com 25 anos de idade ou mais têm ensino superior completo (IBGE, 2015). Diante desses dados e sobretudo em comparação à média nacional, pode-se afirmar que o grupo pesquisado pertence aos estratos sociais favorecidos.

²⁸ Estimativa baseada em estudos probabilísticos do Datafolha, IBOPE Inteligência, GFK, IPSOS e Kantar IBOPE Media (LSE).

Traçado o perfil sociocultural do universo pesquisado, cabe ainda descrevê-lo em termos sociodemográficos, ou seja, quanto ao arranjo e ao tamanho das famílias. Aqui, compreende-se por arranjo familiar a estrutura ou a forma de composição da família. Uma vez que nesta pesquisa foram tomadas somente as famílias coabitantes com filhos pequenos, elas foram classificadas como biparentais, monoparentais e reconstituídas. Como famílias reconstituídas foram consideradas aquelas unidades domésticas compostas por casal e filhos, em que ao menos um dos filhos é filho de somente um dos cônjuges. Já o tamanho das famílias é utilizado para designar o número de filhos do casal²⁹ ou de um dos cônjuges, contanto que coabitem. Assim, no que diz respeito ao arranjo familiar e ao tamanho das famílias, o Quadro 6 sintetiza as características do grupo pesquisado.

Quadro 6 – Características demográficas do grupo pesquisado

Responsável e (criança(s) entrevistada)	Arranjo familiar	N.º de filhos	Classificação
1. Lana (Fernando)	Biparental	2	(A)
2. Lúcia (Ana Beatriz)	Biparental	2	(A)
3. Helena (Ana Laura)	Biparental	2	(A)
4. Flávia (Miguel e Caio)	Biparental	2	(A)
5. Fabiana (Isabel e Leandro)	Biparental	2	(A)
6. Cássia (Vítor e Laís)	Biparental	2	(A)
7. Samara (Cauã)	Biparental	1	(A)
8. Célia (Daniele, Leopoldo e Murilo)	Biparental	3	(A)
9. Daniela (Ítalo e Sabrina)	Biparental	2	(A)
10. Letícia (Abelardo)	Biparental	1	(A)
11. Regina (Gabriel, Henrique e Camila)	Biparental	3	(A)
12. Solange (Pedro e João)	Biparental	2	(B1)
13. Isadora (Joaquim)	Biparental	2	(B1)
14. Maria Paula (Davi)	Biparental	3	(B1)
15. Eduardo (Gustavo)	Recomposta ³⁰	1	(B1)
16. Sinara (Leonardo e Lucas)	Biparental	2	(B1)
17. Luana (Paulo)	Biparental	1	(B1)
18. Selma (Larissa e Daniel)	Biparental	2	(B1)
19. Bianca (Clara)	Recomposta	1	(B2)
20. Sara (Tiago)	Biparental	1	(B2)

Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2017.

Em resumo, no que diz respeito à composição familiar, do universo das 20 famílias, 18 são biparentais, e a amostra condiz com o fato de que, apesar do crescimento progressivo de

²⁹ Aqui foram tomados os filhos naturais ou não.

³⁰ Criança com dupla residência, ou seja, os pais compartilham a guarda.

outros arranjos familiares, as famílias biparentais ainda são maioria no Brasil. No que diz respeito ao tamanho da família, o grupo pesquisado é composto por 5 famílias com apenas 1 filho, 11 famílias com 2 filhos e apenas 3 famílias com 3 filhos. Esses dados também são coerentes com as alterações demográficas que apontam para a redução do tamanho da família brasileira, que passou de 5,8 filhos por casal em 1970 para uma média de 2 filhos por casal (IBGE, 2015).

2.3.1.3 As crianças e a disposição dos quartos

Ao mesmo tempo em que se observa a redução do tamanho das famílias, as estatísticas apontam para o crescimento de domicílios com 5 ou mais cômodos, assim como para a diminuição do número médio de pessoas por moradia. Assim, se em 1970 o número médio de pessoas por domicílio era 5,3, esse número caiu para 3,3 em 2010. Cresceram os domicílios, mas também o número de cômodos nas moradias, de forma que, se os domicílios com 5 cômodos ou mais representavam apenas 48% em 1960, esse número passou para 70% em 2010 (ALVES; CAVENAGHI, 2012).

A mudança demográfica e dos padrões de habitação brasileiros talvez ajude a explicar o fato de que o total dos pais respondentes da pesquisa (n=20) afirma ter dividido o quarto com os irmãos, enquanto que, entre as 31 crianças participantes da pesquisa, 25 possuem um quarto exclusivamente para si e apenas 6 partilham o quarto com um irmão ou irmã.

Reservar um quarto para cada filho é possível para todas as famílias com até dois filhos. Nesse sentido, no que diz respeito à organização dos espaços, entre as 11 famílias com 2 filhos, apenas em 2 delas as crianças dividem o quarto. São elas:

- (a) Uma família que, morando em um apartamento de três quartos, reservou um cômodo para o casal, um para o escritório e o terceiro cômodo para os filhos: uma menina de 4 anos e um menino de 7 anos. De acordo com a mãe, a família optou por essa divisão porque o espaço do escritório é considerado muito importante. No entanto, essa família planeja separá-los na adolescência, seja comprando o apartamento do andar de cima, seja se desfazendo do escritório.

(b) Uma família com dois filhos do sexo masculino, um de 6 e um de 9 anos que, morando em um apartamento de quatro quartos, optou por reservar um quarto para o casal, um quarto para os dois filhos, um quarto para escritório e um quarto de brinquedo. A mãe explica que essa divisão é motivada pelo conselho do pediatra de evitar que o filho alérgico dormisse em um ambiente com brinquedos e, portanto, com maior possibilidade de acumulação de poeira.

Entre as 3 famílias com 3 filhos, 2 dispuseram uma criança sozinha e duas juntas, de acordo com o seguinte arranjo:

- (a) dois meninos de 8 e 7 anos juntos e uma menina de 3 anos sozinha,³¹ ou seja, uma família em que o critério de gênero coincidiu com o etário.³²
- (b) um menino de 7 anos sozinho e duas meninas de 6 e 3 anos juntas, ou seja, uma família em que o critério de gênero se sobrepôs ao critério etário.³³

A terceira família com três filhos reservou um quarto para cada filho. Trata-se de um apartamento com quatro suítes, todas elas com *closet*.

O Quadro 7 a seguir apresenta a organização dos espaços entre as famílias.

³¹ A mãe conta que a caçula tem reivindicado a revisão desse critério, uma vez que não lhe parece justo que os pais dividam um quarto, os irmãos mais velhos dividam outro e logo ela, que é a menor da casa, permaneça sozinha.

³² É importante observar que essa família mora em uma casa com muitos cômodos e poderia destinar um cômodo para cada um dos três filhos, mas os primogênitos preferiram dividir um quarto.

³³ Trata-se de um apartamento de quatro dormitórios. A família preferiu reservar um cômodo para escritório.

Quadro 7 – As crianças e a disposição do quarto

Nome	N.º de filhos na família	Quarto
1. Fernando (a irmã de 17 anos não participou)	2	Individual
2. Ana Beatriz (o irmão de 3 anos não participou)	2	Individual
3. Ana Laura (o irmão de 15 anos não participou)	2	Individual
4. Miguel (irmão de Caio)	2	Divide com Caio
5. Caio (irmão de Miguel)	2	Divide com Miguel
6. Isabel (irmã de Leandro)	2	Individual
7. Leandro (irmão de Isabel)	2	Individual
8. Vítor (irmão de Laís)	2	Individual
9. Laís (irmã de Vítor)	2	Individual
10. Cauã	1	Individual
11. Daniele (irmã de Leopoldo e Murilo)	3	Individual
12. Leopoldo (irmão de Daniele e Murilo)	3	Individual
13. Murilo (irmão de Daniele e Leopoldo)	3	Individual
14. Ítalo (irmão de Sabrina)	2	Divide com Sabrina
15. Sabrina (irmã de Ítalo)	2	Divide com Ítalo
16. Abelardo	1	Individual
17. Gabriel (irmão de Henrique e Camila)	3	Divide com Henrique
18. Henrique (irmão de Gabriel e Camila)	3	Divide com Gabriel
19. Camila (irmã de Gabriel e Henrique)	3	Individual
20. João (irmão de Pedro)	2	Individual
21. Pedro (irmão de João)	2	Individual
22. Joaquim (o irmão de 15 que não foi entrevistado)	2	Individual
23. Davi (as irmãs não participaram)	3	Individual ³⁴
24. Clara	1	Individual
25. Gustavo	1	Individual
26. Leonardo (irmão de Lucas)	2	Individual
27. Lucas (irmão de Leonardo)	2	Individual
28. Paulo	1	Individual
29. Larissa (irmã do Daniel)	2	Individual
30. Daniel (irmão da Larissa)	2	Individual
31. Tiago	1	Individual

Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2017.

No que diz respeito aos aspectos geracionais, caberia ainda lembrar que os sujeitos da pesquisa são não somente pais, mas também filhos, considerando que a socialização é coconstruída por adultos e crianças (SIROTA, 2007).

³⁴ As irmãs dividem outro quarto.

Assim, a pesquisa buscou ouvir igualmente os relatos das crianças, pressupondo que elas têm uma perspectiva específica do mundo social, que significam e simbolizam a seu modo. No caso específico do objeto desta pesquisa, as crianças revelam uma perspectiva privilegiada, uma vez que são proprietárias e usuárias do próprio quarto.

Inicialmente, a escolha por pesquisar com crianças entre 7 e 11 anos se deu por duas razões. Em primeiro lugar, o objetivo da pesquisa era perceber como a criança se apropria do espaço e das heranças simbólicas materializadas, o que parecia ser mais evidente na chamada segunda infância (ou pré-adolescência), embora não seja exclusividade desse período. Aos 7 anos, a criança em geral já está com os móveis que vão acompanhá-la por mais tempo: o berço e a cama intermediária foram substituídos por uma cama maior e sem grades. Nessa época, algumas crianças passam a se incomodar com a decoração da primeira infância, como relataram algumas vendedoras de lojas de decoração entrevistadas: “Depois de uma certa idade, as meninas já não querem mais o cor-de-rosa, os babados e as imagens de princesas”. Além disso, cursando o ensino fundamental, as crianças usualmente já têm deveres de casa, e é mais frequente a intervenção da escola para que a família garanta um espaço de estudos.

Em segundo lugar, a opção por trabalhar com crianças menores exigiria ferramentas metodológicas que dessem conta da especificidade da linguagem infantil, implicando encontros temporalmente mais alargados e uma maior disponibilidade das famílias pesquisadas, o que, nesse meio social, seria certamente improvável. Mas é possível reconhecer nessa escolha alguma arbitrariedade, levando-se em conta que os recortes etários são, em geral, resultado de expectativas de comportamento e que as crianças reais retificam esses limites e ratificam as indeterminações das fronteiras de idade (SIROTA, 2007).

Na prática, no entanto, embora a pesquisa procurasse crianças entre 7 e 11 anos, a faixa etária do grupo pesquisado variou entre 3 e 11 anos, uma vez que algaçulas pediram para participar da pesquisa, e outros participaram porque, mesmo sendo menores de 7 anos, dividiam o quarto com irmãos pertencentes à faixa etária do critério de pesquisa. Sendo assim, no total, participaram 31 crianças: 22 meninos e 9 meninas.

Quadro 8 - Características do grupo de crianças pesquisado

Nome e irmãos	Idade/Anos	Posição na fratria
1. Fernando (a irmã de 17 anos não participou)	11	Caçula
2. Ana Beatriz (o irmão de 3 anos não participou)	8	Primogênita
3. Ana Laura (o irmão de 15 anos não participou)	11	Caçula
4. Miguel (irmão de Caio)	9	Primogênito
5. Caio (irmão de Miguel)	5	Caçula
6. Isabel (irmã de Leandro)	8	Primogênita
7. Leandro (irmão de Isabel)	6	Caçula
8. Vítor (irmão de Laís)	8	Primogênito
9. Laís (irmã de Vítor)	6	Caçula
10. Cauã	11	Filho único
11. Daniele (irmã de Leopoldo e Murilo)	9	Primogênita
12. Leopoldo (irmão de Daniele e Murilo)	6	Filho do meio
13. Murilo (irmão de Daniele e Leopoldo)	3	Caçula
14. Ítalo (irmão de Sabrina)	7	Primogênito
15. Sabrina (irmã de Ítalo)	4	Caçula
16. Abelardo (dois meios-irmãos não participaram da pesquisa)	9	Caçula
17. Gabriel (irmão de Henrique e Camila)	8	Primogênito
18. Henrique (irmão de Gabriel e Camila)	7	Filho do meio
19. Camila (irmã de Gabriel e Henrique)	3	Caçula
20. João (irmão de Pedro)	9	Primogênito
21. Pedro (irmão de João)	5	Caçula
22. Joaquim (o irmão de 15 que não foi entrevistado)	9	Caçula
23. Davi (as duas irmãs não participaram)	7	Primogênito
24. Clara	7	Filha única
25. Gustavo	9	Filho único
26. Leonardo (irmão de Lucas)	8	Primogênito
27. Lucas (irmão de Leonardo)	4	Caçula
28. Paulo	11	Filho único
29. Larissa (irmã do Daniel)	11	Primogênita
30. Daniel (irmão da Larissa)	7	Caçula
31. Tiago	7	Filho único

Fonte: Elaboração da autora, 2017.

2.3.2 O acesso às famílias pesquisadas

As pesquisas empíricas realizadas com camadas superiores da sociedade, seja internacionais (PINÇON; PINÇON, 1989, 1997, 2000; LE WITA 1988), seja brasileiras (TRIGO, 2001; NOGUEIRA, 2002), frequentemente relatam as dificuldades encontradas pelos pesquisadores na identificação dos potenciais entrevistados e no acesso a eles.

Embora algumas revistas sobre estilos de vida das classes dominantes ou colunas sociais possam ajudar na identificação dos indivíduos desse grupo, o acesso por essa via é tão difícil quanto a seleção através do endereço. Se as pesquisas com os meios populares frequentemente acessam esses grupos tocando a campainha da casa, as classes dominantes requerem um agendamento antecipado após a apresentação e a recomendação de um conhecido. Na apresentação, as credenciais do pesquisador são descritas, juntamente com a relação que ele tem com o intermediário. Já a recomendação atesta tacitamente a honorabilidade do entrevistador atendendo a um “princípio essencial de cooptação” (PINÇON; PINÇON, 1997) caro a esse grupo.

No caso desta tese, as mesmas dificuldades foram encontradas. O recurso mais eficiente foi o envio, por intermédio de uma pessoa da minha relação pessoal, do convite para grupos de pais de diferentes escolas da Zona Sul de Belo Horizonte, organizados via *Whats App*. A partir daí, foram realizadas 13 entrevistas. Acredito que, além da indicação do intermediário, serviram como credenciais os seguintes fatores: (a) o fato de se tratar de uma pesquisadora do sexo feminino; (b) a aparência superficial e mesmo frugal do tema ‘quartos de criança’; (c) o fato de se tratar de uma pesquisa da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais; e (d) a possibilidade de os dados serem tratados em uma universidade francesa.

Duas entrevistas foram realizadas a partir da técnica de amostragem não probabilística denominada ‘bola de neve’. Assim, alguns entrevistados convidados indicaram outras famílias de suas relações sociais. Por fim, foram ainda realizadas três últimas entrevistas a partir de indicações das minhas relações pessoais. Dadas as dificuldades de controlar a seleção dos participantes, o grupo pesquisado não possui representatividade estatística.

Quadro 9 – Resumo dos meios de acesso às famílias

Grupos de pais de Whats App	13
Efeito bola de neve	2
Indicação de amigos	5
Total	20

Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2017.

2.3.3 Pesquisando em espaços domésticos

Pedir licença, apresentar-se ao olfato do cachorro da casa, atravessar diferentes sistemas de segurança, enfim, adotar o espaço privado como objeto empírico trouxe para a pesquisa algumas implicações éticas e metodológicas. A aproximação das famílias e o consentimento para a realização da pesquisa com as crianças, sobretudo num espaço tão íntimo como o quarto, exigiu a indicação de alguém mais próximo e de confiança, sobretudo nos estratos mais altos da hierarquia social, cuja etiqueta dispensa o hábito de mostrar a casa até mesmo para as visitas mais íntimas. Cresceu também, junto com a escala social, o medo da violência e as respostas em forma de dispositivos privados de segurança: identificação com documentos em portarias blindadas, sensores de presença, alarmes, câmeras, elevadores e portas com senhas. Esses aparatos de segurança, que transformam as residências de classes médias altas e elites em enclaves fortificados envoltos por uma ‘estética da segurança’ (CALDEIRA, 2000),³⁵ fizeram da minha chegada uma aproximação monitorada e submetida a um ritual cujos códigos (numéricos ou sociais) não são compartilhados.

O segundo momento foi aquele de adentrar, sempre até certo ponto, a intimidade da família. Seguindo as indicações de cada anfitrião, fui convidada a sentar no sofá, num banco de cozinha ou até mesmo na cama das crianças. O maior ou menor nível de confiança e de informalidade foi resultado da combinação entre a proximidade do mediador do contato, a posição da família na hierarquia social e fatores de ordem mais subjetiva. Sem dúvida alguma, a minha condição de mulher de classe média foi uma credencial importante na aproximação das famílias, uma vez que as mulheres são socialmente percebidas, mesmo que de forma não

³⁵ Teresa P. Caldeira (2000) afirma ainda que esses aparatos compõem uma estética da segurança, ou seja, passaram a ser bem vistos. Em entrevistas por bairros de São Paulo, ela percebe que os moradores de bairros mais antigos lamentavam as cercas e as câmeras uma vez que esses e outros aparatos alteravam a estética da cidade ao longo dos anos; no entanto, os moradores dos novos bairros de elite consideraram esses elementos como um distintivo social.

consciente,³⁶ como mais confiáveis no cuidado com as crianças, não recaindo sobre elas suspeitas de crimes de violência.

O convite da pesquisa era endereçado a mães e pais; no entanto, entre as 20 famílias pesquisadas, apenas uma foi realizada com um pai, e todas as outras, com mães. Essa predominância da presença feminina na pesquisa possivelmente se deve a uma grande mobilização e disponibilidade das mães de classe média em relação a assuntos que dizem respeito aos filhos e à educação deles, como demonstram diversas pesquisas (VAN ZANTEN, 1997; LAREAU, 2011; KELLERHALS, J.; MONTANDON, C.; GABEREL, 1991; SILVA, 2003). Decorre daí o fato de que os grupos de pais formados no aplicativo *WhatsApp* são, em sua maioria, compostos por mães. Como a maioria dos entrevistados era do sexo feminino, não raro essas mães buscaram em mim um ponto de convergência que poderia tornar menos desconfortável o encontro com um estranho. “Você também é mãe, sabe como é”, foi uma frase repetida inúmeras vezes, em muitas residências, o que ilustra bem esse esforço mútuo de empatia.

A ordem dos procedimentos foi negociada em cada família. Em algumas, conversei inicialmente com a mãe, porque a criança estava terminando o dever de casa. Em outras, conversei primeiro com a criança porque a mãe estava terminando de cuidar de outro filho. Na maioria das visitas, não me opus à participação da criança na conversa com a mãe, exceto quando a mãe indicava que queria falar alguma coisa em particular ou quando eu mesma preferi ser cautelosa, como no caso de uma criança adotiva. Para as crianças mais tímidas, o fato de me ver conversando primeiro com a mãe foi uma forma de diminuir o estranhamento; além disso, a participação da criança na entrevista com a mãe fez com que surgissem versões diferentes para o mesmo fato e pequenas retificações que puderam evidenciar as negociações relativas aos significados e aos usos do espaço.

Em algumas famílias, os pais já haviam adiantado à criança o motivo da minha visita, de forma que só reafirmei dizendo que se tratava de um ‘trabalho da minha escola sobre quartos infantis’ e que eu precisava visitar alguns quartos. Outros pais não informaram à criança sobre a visita, ou por não entenderem que isso fosse necessário, ou, como argumentou uma mãe, para não criar expectativas e ansiedades.

³⁶ Utilizo aqui a expressão “não consciente”, no lugar do termo “inconsciente”, para evitar o conceito psicanalítico.

Todas as crianças aceitaram participar e assinaram o *Termo de assentimento esclarecido para as crianças* (Apêndice D). A criança adotiva, que chamarei aqui de Joaquim,³⁷ aceitou participar, mas quando a mãe lhe disse que eu iria filmar, ele se encolheu e reagiu: ‘Filmar?’ Cogitei que talvez Joaquim tivesse me associado a uma assistente social, personagem que havia sido mencionado na entrevista da mãe e acordei que, se ele não quisesse participar do vídeo, eu poderia filmar sem que ele aparecesse. Com a concordância de Joaquim, assim foi feito.

Vários foram os adultos que se interpuseram à fala das crianças, seja forçando interpretações, seja interferindo diversas vezes no relato do(a) filho(a). Ouvir a criança nesse contexto, não foi tarefa das mais fáceis. “Mostre tal coisa pra ela”, foi uma frase dita por várias mães que interferiram no vídeo dos filhos.

No que diz respeito à filmagem, as crianças mostraram o quarto sem nenhuma instrução específica. Algumas me perguntaram o que deveriam mostrar e sugeri que mostrassem o quarto, os objetos preferidos, o que não gostam muito, quem deu, etc. Durante a gravação, interfeiri algumas vezes pedindo mais informações sobre algum móvel ou objeto, mas a sequência foi definida pela criança.

Como foi explicado anteriormente, os irmãos com idade diferente da faixa etária selecionada e que estavam presentes no momento da pesquisa participaram dela quando solicitaram. Alguns irmãos caçulas quiseram participar com desenhos, outros quiseram também produzir um vídeo. No vídeo de algumas crianças, foi notada uma emulação dos *youtubers* mirins³⁸ fazendo o *tour* pelo quarto. Às crianças que, no momento da entrevista com a mãe, me disseram que gostavam de brincar de ser *youtuber*, foi sugerido fazer um vídeo como se fosse um *tour* pelo quarto.³⁹ As fotografias dos quartos visitados, que ilustram os próximos capítulos, foram retiradas desses vídeos, o que trouxe algumas implicações. Permitindo o protagonismo das crianças no direcionamento das imagens, a pesquisa se tornou menos invasiva, o que, além de atender o postulado ético de diminuição dos inconvenientes gerados pela pesquisa, contribuiu para amenizar posturas defensivas que pudessem prejudicar a

³⁷ O nome das crianças e dos responsáveis foram alterados para garantir o sigilo dos participantes.

³⁸ Crianças que fazem sucesso publicando vídeos de produção caseira em canais próprios do *YouTube*.

³⁹ Tipo de vídeo publicado no *YouTube* em que crianças de diversos países apresentam seus quartos.

geração dos dados. Além disso, uma vez que as crianças têm noções de privacidade diferentes das noções adultas, elas se sentiram à vontade para abrir armários, gavetas e caixas, postura que dificilmente a pesquisadora se permitiria, se estivesse à frente da produção das imagens. No entanto, essa decisão trouxe desafios como a captura de imagens de qualidade a partir de vídeos em movimento e a ausência de fotografias com planos mais abertos. Para reduzir esta última dificuldade, foram utilizados os esboços de planta arquitetônica produzidos com as crianças a partir do aplicativo *Magic Plan*.

A confecção do esboço de planta, realizada após o vídeo, agradou bastante às crianças. Algumas me pediram para enviar a planta posteriormente, outras baixaram o aplicativo em seus aparelhos para brincarem sozinhas. Tanto a gravação da entrevista quanto a filmagem e a produção do esboço da planta foram realizadas a partir de um *tablet*,⁴⁰ objeto muito familiar para as crianças desse meio social, inclusive as mais novas, que ainda nem possuem um telefone celular.

Como não se tratava somente de uma conversa ou de uma entrevista, fez-se necessário escutar adultos e crianças, e concomitantemente observar corpos, espaços e a decoração da casa constituindo um “estar lá” (ROBIN; TILLARD, 2010) suficientemente atento, mas que buscasse não ser invasivo. Ao final da entrevista, as crianças participantes receberam um aviso de porta, em branco, para ser confeccionado por elas mesmas.⁴¹

No que diz respeito à análise dos dados, à primeira vista, eles pareciam uma coleção de fatos corriqueiros: o espaço privado, chamado por Roche (2000) de “o porão da civilização”, é um domínio em que a rotina, a inércia e a consciência fraca estão em sua influência máxima. Trata-se, afirma o autor, de um espaço onde prevalecem o silêncio sobre experiências comuns, uma temporalidade marcada por fracas rupturas e mudanças pouco visíveis. Um lócus em que predominam os hábitos, os costumes, as tradições que escapam da datação fácil e das divisões sociais reconhecidas. Nesse sentido, a pesquisa em domicílios exigiu uma postura etnográfica inversa àquela das primeiras etnografias realizadas com grupos considerados ‘exóticos’ ou ‘primitivos’. Realizada em um meio próximo e cotidiano, a análise dos dados significou, ao contrário, tornar exótico aquilo que nos é demasiadamente familiar (SIROTA, 2006, 2010; DAMATTA, 1997).

⁴⁰ Computador portátil com tela sensível ao toque.

⁴¹ Utilizado como marcador de página desta tese.

Além disso, a análise se deu em três tempos: aquele de capturar as significações dadas pelos pais, aquele de tomar e interpretar as significações dadas pelas crianças e, por fim, aquele de perceber as informações provindas dos espaços, móveis e objetos.

CAPÍTULO 3

O QUARTO PERSONALIZADO

Figura 9 – Imagem do teste para descobrir o seu estilo, proposto pelo *blog* de uma decoradora



Fonte: <<http://www.blogdecorer.com.br/2015/12/vem-fazer-o-teste-e-saber-qual-seu.html>>.

3.1 A historicidade dos atributos da casa

Em seu livro *Casa, a pequena história de uma ideia*, Witold Rybczynski (1996) parte do pressuposto de que o conceito de lar e a ideia de conforto atribuída a ele são históricos. O autor lembra como eram improváveis os quartos de dormir no século XVI, quando circulavam pela casa numerosos parentes e servidores, e os cômodos ainda não tinham funções específicas: à noite, retirada a mobília,⁴² a sala de jantar poderia se tornar o lugar de dormir.

A ‘privatização’ da moradia pôs fim à casa aberta, onde também eram exercidas funções públicas. Ao que parece, a cidade italiana de Florença foi pioneira nesse movimento: as reformas empreendidas nas casas florentinas do século XIV refletem um movimento crescente de fechamento das lojas abertas para a rua, o surgimento de pátios internos e a alteração dos endereços comerciais para novos endereços mais distantes da residência (CASEY, 1992).

Se o trabalho e as atividades comerciais passam a ocorrer em outro espaço além do residencial, a casa se transformou em um domínio das mulheres (CASEY, 1992), de forma que a domesticidade se traduziu também na ‘feminização’ dos espaços das moradias. As crianças, que antes eram responsabilidade da comunidade, tornam-se encargo dos pais (ARIÉS, 1981), movimento que conduz à constituição da família burguesa moderna e à transformação do espaço da casa em um ambiente de acomodação dessa nova e compacta unidade social.

Surgem os quartos, inicialmente denominados de ‘privacidades’, espaços onde as pessoas podem ficar a sós. Os cômodos da casa, anteriormente multifuncionais, se especializam: o andar térreo para as atividades diurnas, os andares mais altos para as atividades noturnas, e, pelo menos nas classes privilegiadas, pais e filhos passam a dormir em quartos distanciados dos espaços dos criados. A retração da sociabilidade do espaço público para o espaço privado terminou, assim, por modificar substancialmente a organização do espaço doméstico, como esclarece Singly (2006, p. 33):

⁴² A palavra “mobília” tem origem nesse momento e designa aquilo que pode ser movido.

De forma esquemática, o domicílio se transforma progressivamente em dois tempos. O primeiro tempo é aquele que corresponde à primeira modernidade: é o momento em que a família se separa do resto da sociedade, do bairro, da vizinhança. A intimidade é inicialmente familiar. O segundo momento, que se abre com a segunda modernidade, rompe em parte com essa lógica, a fim de autorizar cada pessoa a ter também sua intimidade pessoal. A segunda não suprime a primeira. Uma e outra se articulam segundo dosagens diferentes de acordo com a idade, o gênero, as culturas pessoais (Tradução nossa).⁴³

Paralelamente à constituição da individualidade de cada membro da família, a eficiência e a racionalização do serviço doméstico se impõem como uma necessidade nas casas ao final século XIX e ganham força no século XX, a partir da influência cultural norte-americana. A redução dos serviços e a mecanização da casa possibilitada pela energia a gás – e depois pela elétrica – criaram a necessidade e as condições para o advento da casa prática. Criticando o virtuosismo dos arquitetos do sexo masculino, que desconheciam a realidade do trabalho doméstico, diversas especialistas do sexo feminino que se autointitulavam ‘engenheiras domésticas’ – como Catherine Beecher, Harriet Beecher Stowe, Ellen H. Richards e Mary Pattison – dedicaram-se a redigir manuais em que advogavam a funcionalidade dos espaços domésticos.

A casa como uma máquina para morar é a metáfora de Corbusier para definir esse espírito da casa moderna. No entanto, embora haja uma continuidade entre as casas propostas pelas ‘engenheiras domésticas’ e a arquitetura de Corbusier, há entre as duas uma diferença que merece ser assinalada. Enquanto as ‘engenheiras domésticas’ priorizavam a função e acreditavam que competia aos moradores definir a aparência da casa, o arquiteto francês fazia crer que não era suficiente ser moderno; era também importante parecer moderno e reafirmar um estilo, vale dizer, um estilo austero. As soluções propostas por ele eram prototípicas, e não individuais, de forma que cada morador deveria se adaptar ao espaço da casa e não o contrário (RYBCZYNSKI, 1996).

Nesse sentido, parece ter prevalecido na atualidade o entendimento das ‘engenheiras domésticas’ de que a estética da casa deveria atender ao gosto individual do morador. O espaço doméstico contemporâneo tem sido afetado pela estetização do mundo

⁴³ “Le domicile se transforme progressivement, schématiquement en deux temps. Le premier temps est celui qui correspond à la première modernité: c’est le moment où la famille se coupe du reste de la société, du quartier, du voisinage. L’intimité est d’abord familiale. Le second temps qui s’ouvre avec la seconde modernité rompt en partie avec cette logique afin d’autoriser chacun à avoir aussi son intimité personnelle. La seconde ne supprime pas la première, l’une et l’autre s’articulent, selon des dosages différents selon les âges, les genres, les cultures personnelles [...]”

(LIPOVETSKY; SERROY, 2015), sendo definido não só exclusivamente pelo conforto, pela privacidade ou pela funcionalidade, mas também por uma sensibilidade estética que busca uma fruição de prazeres sensoriais menos padronizados e mais personalizados. Embora seja conveniente encarar com precaução o otimismo eufórico em relação ao consumo do filósofo Gilles Lipovestky e do professor Jean Serroy, é preciso reconhecer a acuidade da descrição realizada pelos autores, no que diz respeito ao subjetivismo estético que marca a decoração na contemporaneidade.

3.2 A decoração em tempos de subjetivismo estético: o quarto personalizado

A síntese esboçada acima não pretendeu senão evidenciar o fato de que os predicados reivindicados e atribuídos ao espaço doméstico são sócio-historicamente cambiáveis. É com base nesse postulado que se busca, nesta tese, conhecer as características que vêm sendo atribuídas aos quartos de crianças pelas revistas e pelos *sites* especializados, além dos atributos conferidos a esses espaços pelos vendedores de estabelecimentos comerciais do ramo.

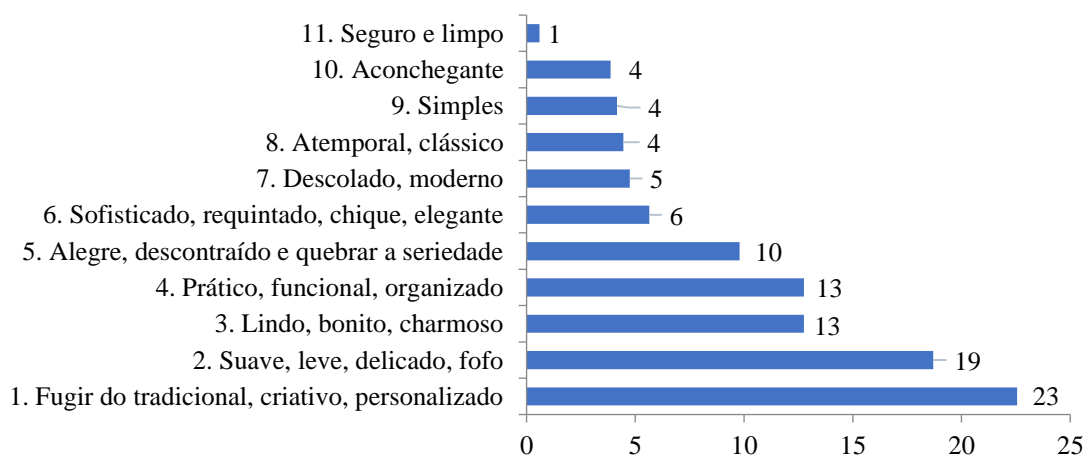
No que diz respeito ao *site* <bebe.com.br>, selecionado aqui pelas razões já apontadas no capítulo 2, encontram-se, a seguir, os grupos de características recenseados e ordenados segundo a frequência com que apareceram no *site* na ocasião da análise de conteúdo.

Tabela 2 – Atributos dos quartos de criança segundo o *site* <bebe.com.br>

Atributos		Valor	%
1	Fugir do tradicional, criativo, personalizado ⁴⁴	76	23
2	Suave, leve, delicado, fofo	63	19
3	Lindo, bonito, charmoso	43	13
4	Prático, funcional, organizado	43	13
5	Alegre, descontraído ⁴⁵	33	10
6	Sofisticado, requintado, chique, elegante	19	6
7	Descolado, moderno	16	5
8	Atemporal, clássico	15	4
9	Simples	14	4
10	Aconchegante	13	4
11	Seguro e limpo	2	1
Total		337	100

Fonte: Elaboração da pesquisadora.

Figura 10 – Categorias por porcentagem de incidência



Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2017.

⁴⁴ Compõem ainda essa categoria os atributos: “fugir do óbvio”, “fugir do lugar comum”, “sair do convencional”, “diferente”, “fazer a diferença.”

⁴⁵ Compõem ainda essa categoria os atributos: “divertido”, “vibrante”.

Entre os grupamentos de atributos encontrados, dois apontam para a possibilidade de se entender o quarto de dormir das crianças dentro de um contexto não somente estético, como o do grupo “lindo, bonito, charmoso” (grupo 3), mas também de subjetivação estética, que se expressa na recusa da convenção/tradição e nas propostas de personalização de objetos ou do espaço (grupo 1). Aponta também nessa direção a baixa incidência dos atributos “atemporal” e “clássico” (grupo 8).

Ademais, atendendo o princípio dos gostos subjetivos, a *home personalizada* descrita por Lipovestky e Serroy (2013) é caracterizada pelo ecletismo estético, como no exemplo do *site* <bebe.com.br>: “[...] o quarto, planejado pelo Ateliê MR, manteve os tons branco e rosa na decoração. O destaque foi a mistura de elementos clássicos com modernos”. Ele também é configurado pela deslegitimação da impessoalidade: “Você deve se embasar no seu gosto pessoal para decidir, sempre equacionando com o espaço”. Buscam-se a expressão de um estilo próprio, as possibilidades de personalização e de customização dos objetos, evitando que o gosto pessoal se submeta a regras estéticas ou estilos puros.

No Salão Internacional do Móvel de Milão de 2016, algumas marcas tradicionais no mercado de móveis lançaram produtos infantis. Uma delas foi a *Kartell Kids*, que convidou reconhecidos *designers* para projetar móveis produzidos para “futuros consumidores”. Além disso, a empresa italiana ofereceu aos clientes a possibilidade de personalizar duas dessas peças fabricadas em policarbonato, produzidas pelo célebre *designer* Philippe Starck: uma luminária e uma cadeira. A personalização oferecida consistia na possibilidade de adicionar desenhos ou nomes às peças, como mostra a FIG. 11 a seguir.

Figura 11 - Luminária e cadeira customizáveis lançadas em 2016 pela empresa Kartell Kids



Fonte: Mobiliário infantil como objeto de *design*
 <<http://www.habitusbrasil.com/mobiliario-infantil-como-objetos-de-design/#post-body>>.

Na pesquisa de mercado da Faculdade de Economia da UFMG mencionada no capítulo 2, é recorrente a ideia da personalização. O questionário aplicado aos lojistas propõe uma questão específica sobre a oferta e a demanda de produtos personalizados.

Tabela 3 – Oferta por produtos personalizados

Há oferta de produtos personalizados?	Valor	%
Não	21	57%
Sim	16	43%
Total	37	100%

Fonte: Pesquisa de mercado da Face/UFMG.

Tabela 4 – Demanda por produtos personalizados

Há demanda por produtos personalizados?	Valor	%
Sim	20	54%
Não	17	45%
Total	37	100%

Fonte: Pesquisa de mercado da FACE/UFMG.

Cabe notar que a elaboração do questionário da pesquisa de mercado em questão foi precedida de pesquisa exploratória com matérias veiculadas na mídia sobre decoração para crianças, de forma que, ao que parece, o próprio questionário reflete o destaque conferido à

ideia de personalização dos produtos e dos ambientes, presente no discurso das revistas e nos *sites* especializados. Aos outros atributos (segurança, funcionalidade, conforto, etc.) a pesquisa de mercado reserva um lugar meramente secundário. Em questão de respostas múltiplas, essas outras características aparecem reunidas; assim, solicitou-se aos lojistas que apontassem as mais apreciadas por seu público.

Tabela 5 – Características apreciadas segundo os lojistas

Características	Valor	%
Qualidade	25	67%
Estética	20	54%
Funcionalidade	14	38%
Preço do produto	14	38%
Se é educativo	10	27%
Imagem reconhecida pela mídia	9	24%
Outro	0	0%

Fonte: Pesquisa da FACE/UFMG. Adaptação.

Também nas entrevistas por mim realizadas com as vendedoras de três lojas de decoração, o subjetivismo estético volta a aparecer. Na loja Joana Hauss a vendedora Natália,⁴⁶ de 25 anos, afirma que o seu produto de maior venda são os quadros de MDF⁴⁷ personalizados: “A gente é quem faz o que o cliente quer. A gente tenta entender o que ele quer e faz em cima do que ele gosta”. Afirma que o perfil estético dos clientes é variado: “Tem quem goste de quartos temáticos, tem quem goste de quarto básico”. Quando pergunto sobre as qualidades que seu público mais procura em um produto, ela afirma que seus clientes buscam praticidade, segurança e produtos personalizados, e que não percebe como significativa a demanda por produtos educativos.

Na loja Conforto e Beleza, sou atendida por duas vendedoras: Adriana, 46 anos, *design* de interiores e dezessete anos de experiência com o mercado de móveis para criança; e Maria, 64 anos, curso superior completo e sete anos de experiência no ramo. Quando pergunto sobre as qualidades que o público mais procura em um produto, elas elegem a segurança e o bom preço. Adriana conta que os produtos de maior vendagem são os berços (pré-fabricados, em tamanho americano e padronizados de acordo com as regras de segurança do Inmetro). Entre

⁴⁶ Foi alterado o nome das entrevistadas a fim de garantir seu anonimato.

⁴⁷ MDF (*medium density fiberboard*) é um material sintético, que consiste na mistura de fibras de madeira prensadas e resina.

os berços, aqueles com cabeceira em capitonê⁴⁸ (FIG. 12) e em estilo provençal são identificados pela vendedora como tendências de decoração. Para as crianças mais velhas, no entanto, os pais procuram móveis sob medida e soluções para aproveitamento do espaço. Essa loja apresenta um perfil um pouco diferente das outras duas, uma vez que oferece ‘soluções’ em marcenaria, mas não objetos de decoração. O modelo é de um quarto ‘prático’, mais racionalizado e ascético do que ligado às exigências emocionais do consumidor. Porém, o subjetivismo aparece aqui na ideia de um móvel “sob medida”, “de acordo com as necessidades do cliente”, sugerindo que a própria necessidade é personalizada.

Na loja Le Petit sou atendida pela vendedora Fabiane, de 28 anos. Ela descreve o público da loja como “classe AAA”. Afirmo que, em geral, a cliente compra o móvel e ganha um projeto de decoração em 3D personalizado: “a partir de um desenho, seja ele qual for, que a mãe pedir, criamos o enxoval”. Ao apresentar sua linha de produtos, ela enfatiza o material: são móveis de madeira nobre, colchas de percal 400 fios, almofadas de silicone antialérgico, bordados de veludo importado e talheres infantis de prata. As inspirações são mais clássicas do que modernas e, quando pergunto sobre as qualidades que seu público mais procura em um produto, ela elege conforto, *design*/estética, segurança e produtos personalizados. Explica que não tem demanda por produtos educativos. No que diz respeito à dinâmica de troca dos móveis, ela explica que há uma preocupação da loja em oferecer móveis “para uma vida toda” e que, por volta dos seis anos, ou seja, depois do berço, que se transforma em minicama, as famílias adquirem uma cama tamanho viúva,⁴⁹ “que acompanhará a criança até a cama de casal”. Nessa discreta loja de um bairro de luxo, que não é aberta para a rua, mas cujo acesso se dá por interfone, o desejo da mãe, qualquer que seja ele, pode ser materializado, mas não em um material qualquer: a matéria do desejo importa quase tanto quanto o desejo.

Mais do que propor características estéticas (bonito, harmonioso, etc.) ou estilos consagrados (moderno, provençal, etc.) o mercado de decoração para crianças tem proposto que cada um siga seu próprio estilo e faça sua escolha pessoal dentro de um sistema de objetos fundados sobre o princípio da diferença (BAUDRILLARD, [1968] 2009).

Mesmo a referência ao estilo provençal e a procura pelas cabeceiras de capitonê, expressões de uma nostalgia cultural, não são incoerentes com o estilo pessoal. Cada um cria seu próprio

⁴⁸ Técnica de estofamento utilizada nos móveis vitorianos.

⁴⁹ Cama mais larga que a de solteiro e mais estreita que a de casal, em geral, na medida de 1,28m x 1,88m.

museu pessoal, combinando diferentes estilos; no entanto, o passado e o exótico constituem um refúgio disponível apenas para aqueles que podem usufruir do domínio do espaço e do tempo (BAUDRILLARD, [1968] 2009). O domínio do tempo, é dado àqueles que, vindos de famílias de prestígio, podem contar histórias de sua linhagem a partir de imóveis herdados e móveis antigos. O domínio do espaço, por sua vez, é próprio dos que podem viajar e aprendem a reconhecer a beleza em outras culturas, sobretudo naquelas próprias de destinos turísticos improváveis.

Figura 12 – Cabeceira de capitonê



Fonte: <<http://www.berco.com.br/bercos/top-5-berco-americano-com-capitone>>.

Tal princípio distintivo, que encontra também sua expressão no jargão do mercado ‘produto diferenciado’, atuaria como uma resposta à padronização dos objetos da própria cultura de massa. Assim, é dada ao consumidor uma escolha, essa espécie de ‘graça coletiva’ e de ‘signo da liberdade’, entre um leque de possibilidades, que tem por objetivo provocar a ilusão de escape das necessidades que nos restringem (BAUDRILLARD, [1968] 2009, p. 149).

3.3 A ampla gama de pequenas diferenças

A exigência do mercado de que cada um decida individual e livremente, ou seja, a partir unicamente de seu gosto pessoal é constrangida por duas razões. Primeiro pelo fato de que o próprio gosto é constituído socialmente (BOURDIEU, 1979; 2006), depois pelo fato de que o mercado projeta e filtra antecipadamente a oferta, impedindo, ele mesmo, a realização dessa promessa de personalização. Para exemplificar essa ideia de Baudrillard ([1968] 2009), convém observar os dados sobre o mercado de decoração para as crianças sob a perspectiva de gênero.

Na entrevista realizada na loja Joana Hauss, quando a vendedora foi indagada sobre os temas de quartos ali disponibilizados, ela mostrou uma prateleira com diversos catálogos, confeccionados pela loja e separados por etiquetas: quartos de meninos e quartos de meninas. Para meninos, ela explica, os temas mais procurados são selva, fazenda e meios de transporte, enquanto para as meninas as mães têm procurado pelo estilo provençal.

O discurso da vendedora da loja Le Petit é menos explícito a esse respeito. Ela afirma que o rosa não está mais sendo muito usado e que já chegou até mesmo a decorar quartos de menina na cor azul (embora não tenha mencionado quartos de menino na cor rosa). No entanto, ao mostrar produtos de seu catálogo, ela aponta a possibilidade de escolher entre escrivatinhas e penteadeiras, estas últimas “para as meninas”.

Esses exemplos demonstram que, apesar de um discurso de mercado que faz aporia da liberdade de escolha e do gosto pessoal, na prática, as escolhas estão condicionadas por um universo de oferta limitado que, por sua vez, é também condicionado pela demanda. Ou seja, por trás de um discurso que convida a fugir do tradicional, fazer diferente e criar seu próprio estilo, a decisão de compra ocorre dentro de um universo muitas vezes tradicional e previsível: às mães de meninos serão apresentados os temas do catálogo de menino, enquanto às mães de meninas serão apresentados os temas do catálogo de meninas.

Veja-se a seguir outro exemplo de como o mercado filtra antecipadamente as possibilidades de escolha. A FIG. 13, imagem retirada do *site* <bebe.com.br>, apresenta uma proposta de quarto identificado como ‘para meninas’ com a seguinte legenda: “O rosa ainda é a cor

predominante nas decorações femininas. Se você é apaixonada por este tom, mas deseja fugir do tradicional, se inspire neste quartinho projetado pelo Atelier X”.

Figura 13 - Quarto rosa

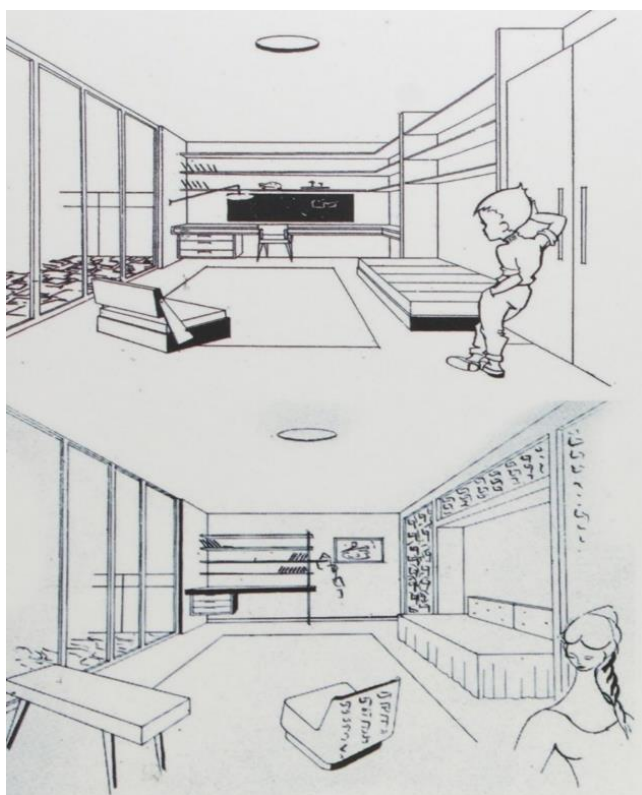


Fonte: Site <bebe.com.br>.

A imagem e a legenda proposta pelo *site*, que sugere a ideia de ‘fugir do tradicional’, expõem um evidente paradoxo, uma vez que a decoração do quarto fotografado é bastante convencional. No entanto, inexistente na proposta apresentada um discurso prescritivo e padronizado sobre como deve ser um quarto de menina (ou de menino). Ao contrário, na legenda da foto elaborada pela revista, tudo leva a crer que a decoração do quarto proposto é ancorada no desejo pessoal de escapar do convencional. Essa desarticulação entre imagem e texto sugere que a reprodução dos estereótipos de gênero venha ocorrendo mais como prática do que na forma de um discurso prescritivo.

Essa afirmação fica mais evidente se compararmos a FIG. 14 com matérias sobre quartos de criança veiculadas na década de 1950 pelas revistas especializadas. Em meados do século XX, as matérias muitas vezes prescreviam, textual e explicitamente, a necessidade de sexuação dos quartos infantis. Uma decoração mais direcionada e calma para meninas, em geral ligadas a atividades como brincar de casinha e ler, enquanto para os meninos as sugestões de decoração eram mais dinâmicas, estimulando-os a usar todo o espaço do quarto e decorar as paredes com cartazes.

Figura 14 – Projetos da década de 1950 para quarto de menino e para quarto de menina



Para as meninas, as características são bem diferentes e mais calmas; a decoração da peça deve ser mais delicada, os tecidos mais finos, e os móveis mais leves. A personalidade da menina é sensível a tudo que a rodeia. Pode-se colocar no quarto, desde cedo, plantinhas e pequenos bibelôs a fim de que ela os trate com cuidado.

Fonte: *Acrópole*, 1954, n. 188, p. 3-5 *apud* DANTAS, 2014, p. 151-152.

Assim, o discurso do subjetivismo estético parece ter assumido o lugar do discurso prescritivo. No lugar de uma regra estética para todos, o que se constata é um discurso de liberdade ‘para ser quem se é’. Contudo, no que diz respeito às práticas, percebe-se a reprodução dos estereótipos de gênero nas proposições de decoração das revistas e dos *sites* especializados, bem como nas práticas dos lojistas. Isso mostra que a crença na liberdade para criar o próprio estilo, fundada no princípio da escolha, é mais limitada do que parece. A diferença entre os produtos oferecidos constitui a bem da verdade uma diferença marginal (BAUDRILLARD, [1968] 2009) e acessória, uma vez que as opções que são produzidas em escala industrial, só podem produzir pequenas diferenças ou diferenças não essenciais.

Contudo, essas pequenas diferenças, ao mesmo tempo que permitem a reprodução cultural porque são pequenas e marginais, fazem com que o produto e o consumidor sejam classificados dentro de um sistema cultural de oposições baseado na escolha (BAUDRILLARD, [1968] 2009; BOURDIEU, [1979] 2006). Na medida em que a personalização, embora dirigida pelo mercado, é vivida pelos sujeitos consumidores como liberdade, é que a diferença marginal, expressa nos acessórios e detalhes, catalisa seu poder distintivo.

Na desventura do indivíduo descrita por Baudrillard ([1968] 2009), bem menos otimista que a perspectiva de Lipovetsky e Serroy (2015, p. 163), a sociedade “[...] realiza todas as revoluções possíveis, contanto que sejam revoluções sobre si mesma. Sua produtividade crescente não leva a qualquer modificação estrutural”. Mesmo os objetos domésticos, destinados ao espaço privado, se estruturam não em relação às necessidades individuais do consumidor, mas em função da ordem de produção e da integração ideológica de móveis, eletrodomésticos e objetos decorativos a um sistema simbólico. No fim das contas, o que se afirma é a inexistência de objetos privados, e daí podemos concluir pela inexistência do quarto absolutamente personalizado. Dito de outra forma, trata-se de buscar compreender o quarto infantil para além da fantasia de personalização difundida pelo mercado. Trata-se de tomá-lo, evidentemente, como um espaço decorrente dos processos de individuação, como o próximo item demonstrará, e sobretudo como um espaço social e cultural repleto de signos distintivos (SEGALEN; LE WITA, 1993, p. 12), como descreverá o capítulo 4.

3.4 O quarto individual: templo da autonomia e da privacidade

É inegável que o quarto de dormir é fruto da especialização tanto dos espaços da casa quanto da individuação. O quarto de dormir das crianças, mais especificamente, decorre ainda de um reconhecimento desse grupo etário que não é natural, mas social e historicamente construído. Assim, para as classes privilegiadas dos centros urbanos, dormir sozinho é uma técnica corporal racionalizada que se aprende desde cedo, haja vista um grande número de publicações que se dedicam a esse tema.⁵⁰

⁵⁰ Ver, por exemplo: ESTIVILL, E.; BÉJAR, S. *Nana, nenê. Como resolver o problema da insônia do seu filho*. São Paulo: Martins Fontes, 2000; PANTLET, E. *Soluções para noites sem choro*. São Paulo: Makron Books, 2003.

Considerando o grupo pesquisado, podemos dizer que o ideal de que cada membro da família tenha a sua própria individualidade e privacidade alcançou a infância. Se todos os pais informantes dividiram na infância o quarto com seus irmãos, 25 das 31 crianças participantes da pesquisa têm um quarto só para si. Sem dúvida, a possibilidade de poder contar com um espaço pessoal dentro do espaço familiar produz efeitos na construção de disposições das crianças de camadas privilegiadas dessa geração.

Não conhecer a promiscuidade no cotidiano é uma experiência que deve ter relação com a naturalidade com que as pessoas bem nascidas colocam em cena seus corpos nas inter-relações sociais. Do mesmo modo, é esse lugar ocupado na sociedade que é interiorizado, ao mesmo tempo em que essas relações com o espaço (PINÇON; PINÇON-CHARLOT, 2000, p. 87).

Mesmo não tendo essa experiência na infância, muitos adultos entrevistados reportaram a realização de uma mudança residencial na ocasião do nascimento do segundo filho, sobretudo quando eram de sexos diferentes, a fim de possibilitar que cada um deles dispusesse de seu próprio quarto. Outras famílias relataram a realização de reformas no imóvel para garantir a privacidade dos filhos, como Helena,⁵¹ que tem uma filha de 11 anos e um filho de 15. Ela explica que mora na mesma casa de quatro quartos desde que se casou. Tendo já a possibilidade de reservar um quarto individual para cada um dos dois filhos, ela conta ter pensado, naquela época, que o “ideal” seria construir mais um banheiro de forma que cada criança tivesse o seu. Em seguida, Helena afirma que o que lhe parecia ideal, se mostrou, na verdade, uma necessidade: “Hoje em dia, não consigo nem imaginar como seria sem isso (o novo banheiro).” Assim como esta, outras famílias pesquisadas também podem oferecer, não só um quarto, mas um banheiro e um *closet* para cada filho.

As crianças participantes também relataram sobre a experiência, possibilitada pelo quarto, de estar a salvo da vigilância adulta. Tiago, de 7 anos, explica em tom de zombaria que, para ele, o quarto é o lugar do “esconderijo de meleca”, atitude prontamente repreendida pela mãe. Miguel, de 9 anos, que no dia da minha visita recebia também um amigo, escolheu produzir o vídeo com o amigo e de portas fechadas. Longe dos adultos, ele explica que “aqui é o lugar onde eu faço coisas escondidas”.

⁵¹ O nome dos responsáveis e das crianças foi alterado para garantir-lhes privacidade.

Na porta do quarto das crianças mais crescidas muitas vezes foram encontradas as placas que permitem que a criança controle, ao menos de brincadeira, a entrada no seu espaço pessoal.

Figura 15 – Placa de porta escolhida por Fernando, 11 anos



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Figura 16 – Placa de porta do quarto de Abelardo, 9 anos



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Além de possibilitar a privacidade, o quarto infantil participa na constituição da autonomia das crianças. Expressão desse ideal educativo particularmente caro às classes mais favorecidas (KELLERHALS; MONTANDON, 1991), o quarto montessoriano⁵² tem sido frequentemente evocado nas matérias jornalísticas de decoração. A partir dos postulados ‘aprender com a experiência’ e ‘obter ajuda para fazer sozinho’, tal modelo propõe a

⁵² Quarto decorado segundo os princípios da educadora italiana Maria Montessori (1870-1952) que, conferindo muita importância às experiências sensoriais, defendia a adaptação dos ambientes às crianças a fim de propiciar o desenvolvimento da autonomia e da individualidade.

substituição do berço por uma cama baixa e a utilização de móveis que deixem os objetos ao alcance da criança e de forma que ela possa manipulá-los sozinha. Na matéria intitulada *Tudo ao alcance dos pequenos*,⁵³ uma *designer* de interiores relata o aumento na quantidade de famílias que optam pelo quarto montessoriano, somando hoje 20% de seus clientes.

Figura 17 – Quarto montessoriano



Fonte: Site <bebe.com.br>.

Foram ainda encontrados objetos que indicam o esforço educativo dos pais para que o filho ou filha adquira um comportamento autorregulado. O quadro da FIG. 18, confeccionado pela mãe para o quarto de seu filho Davi, 7 anos, traz nas colunas os sete dias da semana e, nas linhas, os comportamentos esperados pelos pais, tais como: a obediência aos pais, o uso correto do banheiro, a boa alimentação, o relacionamento harmonioso entre irmãos, etc. Caso Davi não consiga cumprir essas atividades, ele perde um ponto, que é indicado pelos bonecos de super-herói.

⁵³ Revista *Encontro*, Belo Horizonte, ano XV, n. 197, out. 2017.

Figura 18 – Quadro avaliativo do comportamento de Davi, 7 anos



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Clara, 7 anos, também tem em seu quarto um quadro educativo, onde estão anotadas suas tarefas divididas em aquelas a serem cumpridas pela manhã (vestir uniforme, calçar o sapato, pentear o cabelo, escovar os dentes, arrumar a lancheira, abrir a janela, apagar as luzes, etc.), aquelas a serem realizadas à tarde (fazer o dever de casa, tomar banho, passar hidratante, pendurar a toalha, etc.) e as tarefas a serem realizadas no período da noite (arrumar mochila e o material escolar e separar o uniforme para o dia seguinte).

Figura 19 – Quadro de tarefas de Clara, 7 anos



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Os comportamentos esperados de Davi estão mais ligados à ideia de autocontrole, enquanto as tarefas de Clara são, em geral, mais ligadas à ideia de organização dos espaços e de cuidado

peçoal. Como as duas crianças têm a mesma idade, é possível que essa diferença de expectativas educativas esteja ancorada no gênero.⁵⁴

Proibida em muitas famílias, a colagem de adesivos em móveis e paredes do quarto pelas crianças parece ser um indicador do grau de autonomia concedido pelos pais. Nos dois casos a seguir, ao menos um dos genitores exerce profissão ligada às artes, campo em que o ideal da liberdade é bastante cultivado como se sabe. Sobre os adesivos colados por Davi, a mãe comenta:

[...] o armário é puro adesivo, né? [...] Eu tinha pensado em usar esse adesivo do [personagem] Thomas pra dar uma graça, mas acabou que ele ficou escondido. Se não falar, a gente nem percebe que tem, de tanto adesivo que ele foi colando em volta. Mas Davi foi decorando do jeito que ele mesmo achou. Às vezes, ele pega uma coisa que acha legal, vem e coloca na parede.

Figura 20 – Adesivos colados por Davi nas portas do guarda-roupa



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

⁵⁴ Outros aspectos da sexuação dos quartos infantis serão abordados no capítulo 4 desta tese.

Figura 21 – Adesivos e figurinhas colados na parede por Tiago



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

O quarto individual, onde a criança pode desenvolver a autonomia, a individualidade e expressar seu gosto pessoal, parece também indicar mais independência entre as gerações, o que pode ser evidenciado na forma como os pais nomeiam os filhos. É cada vez mais raro dar aos filhos o nome dos pais ou dos avós, bem como adotar os indicativos de parentesco Júnior, Filho, Neto. Essa mudança na forma de nomeação indica, em certa medida, um rompimento com a linhagem e a transformação do nome em marcador individual (SINGLY, 2010).

Entre as crianças participantes da pesquisa, uma única tem o nome igual ao do pai. Sobre essa escolha, a mãe explica:

Foi uma escolha minha. O pai nunca me pediu isso. As pessoas estranhavam muito, eram até falsas. Quando eu estava grávida, perguntavam: “É menino ou menina?” “Como vai chamar?” Quando eu dizia Abelardo soava estranho. Eu pensava: ‘Meu Deus, meu filho vai ter um nome incomum’. Mesmo pro meu marido já é um nome de velho. Eu li um livro inteiro de nomes, e nenhum combinava. Ele foi concebido Abelardo. Meu marido disse: Bom, se você quer, eu fico muito feliz. E pro Abelardo isso nunca foi problema, não é Abelardo? A gente sempre conversa sobre isso abertamente.

Além da homenagem aos parentes de gerações anteriores, o critério de escolha do nome pelos pais entrevistados oscila entre significado (em geral bíblico) e a estética. Evidentemente, por trás da aparente arbitrariedade da escolha estética, escondem-se regras sociais derivadas das lutas simbólicas entre classes, de forma que a liberdade de escolha ocorre dentro de um universo delimitado e socialmente aceitável.

Embora seja enunciada por um pequeno grupo dentro do universo pesquisado, chama a atenção uma quarta justificativa para os nomes: a escolha do nome realizada pelo próprio filho. Expressão literal do conceito de autonomia, essa justificativa aparentemente absurda, ocorreu mais de uma vez nos relatos da pesquisa. Um dos exemplos de nomeação motivada pela escolha do próprio filho está no relato de Eduardo, fisioterapeuta e pai de Gustavo (9 anos). Eduardo se separou da mãe de Gustavo quando ele tinha 4 anos e, desde então, a família se organiza em guarda compartilhada. No dia da visita da pesquisadora à casa de Eduardo, Gustavo estava na casa do pai e participou também da conversa a seguir.

O pai: Gustavo, você conta a história do seu nome aqui, por favor.

Gustavo: Qual?

O pai: A do seu nome.

Pesquisadora: Por que você se chama Gustavo? É o que eu queria saber...

Gustavo: Eu não sei.

O pai: Ah, você já ouviu essa história milhões de vezes, rapaz. Milhões de vezes.

[...]

Gustavo: Qual foi essa história que eu me esqueci?

O pai: Eu gosto muito de coisas alternativas e assim, desde que ele estava sendo gerado lá, a gente pegou aquele caderno de nomes e eram milhões de nomes. Um dia, eu acordei gritando ‘Diego! Diego! Ele vai chamar Diego!’ E a minha ex-mulher falou: ‘Odeio esse nome!’

Rimos.

Gustavo: Eu também, eu ia odiar esse nome.

O pai: Foi um trauma! [fala em tom de brincadeira] E aí nós frequentávamos uma mulher que é meio sensitiva, e ela conversava com ele. E no meio do assunto, nós estávamos com muitas dúvidas no nome, ela falou...

Pesquisadora: Na barriga?

O pai: Na barriga... aí você tem que acreditar ou não. E ela falou: ‘Oh, o nome dele tem que ser com G’. Aí já melhorou bem. Eu sou doido pra levar ele lá pra ela ver. Tem anos que ela não o vê. A mãe queria Gabriel, mas Gabriel nunca gostei e Gustavo, eu tenho um paciente que tem paralisia cerebral e autismo, e era o único Gustavo que eu conhecia....Pensei: ‘Gustavo não, Gustavo não’... e eu lembrava do olho do menino, o menino tem um olho azul! É meu cliente há mais de 15 anos. [...] Então tinha a opção de Gustavo, Gabriel e tinha um outro nome que me esqueci... ah, Diego! Fiquei batendo pé em Diego. E aí no dia, nós fomos pra maternidade e levamos os três nomes naquele quadrinho que a gente põe na porta do quarto. Foram os 3. A gente não tinha decidido.

Rimos.

O pai: Aí a mãe falou, ‘Diego não, Diego não. Então vamos deixar Gustavo e Gabriel pra ele escolher.’ Concordei: ‘Tudo bem, vou deixar ele escolher.’ Aí eu assisti o parto, e essa moça sensitiva falou, ‘na hora que for cortar o cordão umbilical você dá a mão pra ele’. Tudo dentro dessa prática dela. [...] Então, quando o médico pôs o bebê na mãe, nós levamos as duas plaquinhas, olhamos pra ele e falamos assim. ‘Você quer chamar Gabriel?’ e ele chorou. ‘Você quer chamar Gustavo?’, ele levantou o olho...

Rimos.

Gustavo: Não sei se acho que isso foi engraçado! Gustavo é ruim porque é o namorado da Luísa,⁵⁵ na verdade é superamigo da Luísa.

⁵⁵ Nome da colega de sala de quem Gustavo diz gostar.

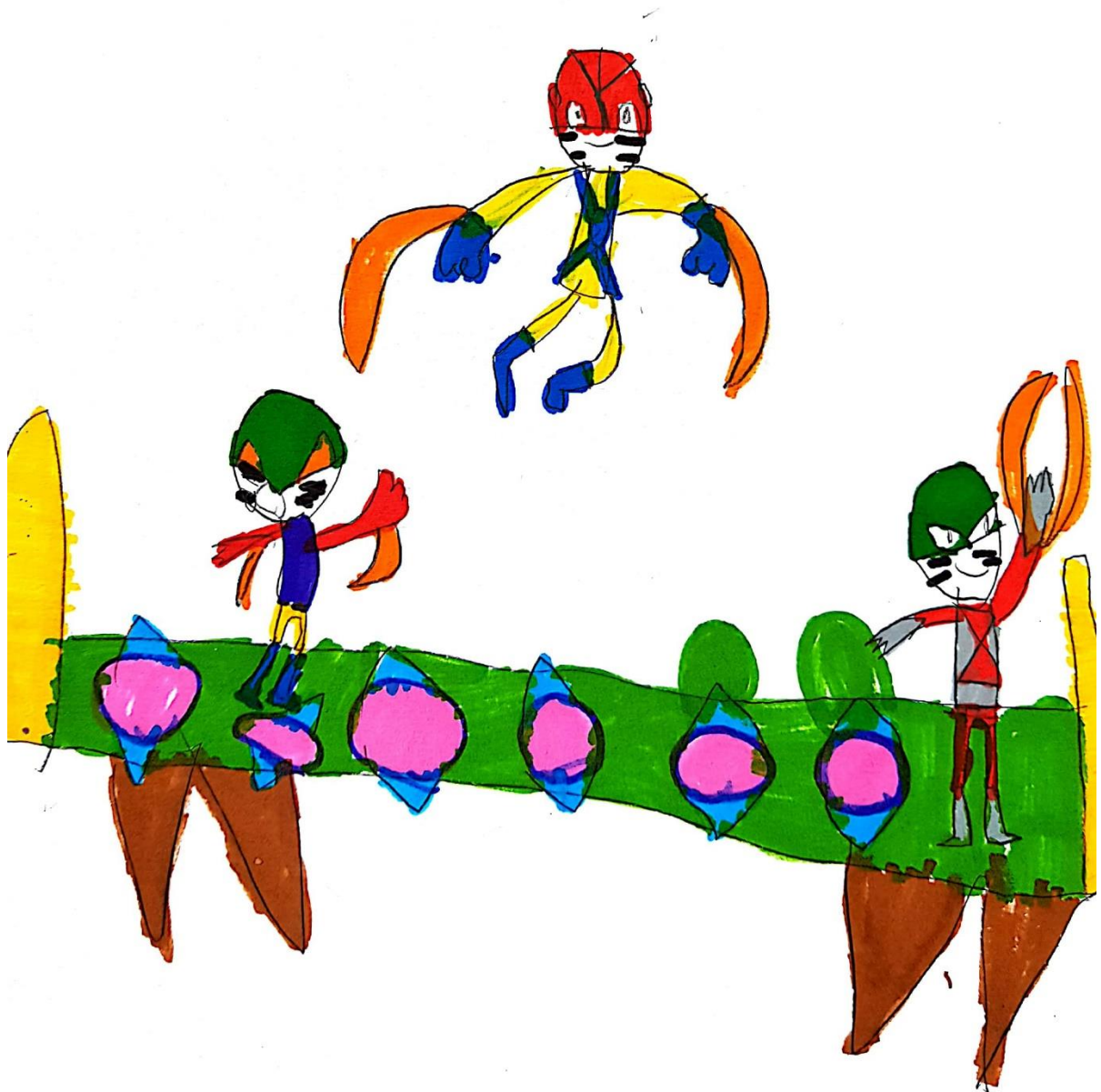
Assim como o pai de Gustavo, outros informantes relataram ter sido o próprio filho quem “soprou o nome no ouvido das mães”, transferindo para a própria criança a escolha da nomeação. Dessa forma, os relatos dos nomes escolhidos pelas crianças e a decoração dos quartos parecem reiterar a autonomia como um valor educativo cultivado; cada indivíduo sendo levado, através da socialização, a construir e contar sua própria história, expressando sua própria personalidade em um espaço pessoal.

Contudo, como já foi dito anteriormente, o quarto das crianças não deixa de ser também um espaço criado pela família (SEGALEN; LE WITA, 1993) e condicionado por inúmeros imperativos sociais que atravessam a soleira das portas dos espaços mais privados e íntimos, tema do capítulo 4.

CAPÍTULO 4

A SOCIALIZAÇÃO NO ESPAÇO PRIVADO DAS CRIANÇAS

Figura 22 – Desenho do quarto de Davi



Fonte: Elaboração de Davi.

4.1 O quarto como criação familiar e a valorização da convivência em família

Se os quartos de dormir dos estratos favorecidos passaram a ser espaços em que a criança pode expressar a sua personalidade, são as mães, em geral, que coparticipam da decoração do quarto do filho ou da filha, como demonstra o endereçamento das matérias de decoração ao público feminino. Assim, na condição de investimento material e emocional, os quartos podem também ser compreendidos como um espaço de criação familiar (SEGALEN; LE WITA, 1993).

Nas famílias em que os filhos dispõem de quartos individuais, a privacidade oferecida por esses espaços é tensionada pelo ideal de preservação da convivência familiar. Célia é mãe de três crianças: Daniele, Leopoldo e Murilo. A família se mudou para um apartamento de dois pavimentos em um condomínio fechado, composto por 4 suítes, todas com *closet*. Os três filhos têm quarto individual, mas a mãe conta que às vezes se arrepende “de não ter colocado os dois meninos juntos pra que tivessem mais contato, dividissem”. Nesse caso, ao que parece, a própria planta do apartamento induziu à distribuição dos quartos, o que nos faz pensar em um agenciamento do espaço que constrangeu o ideal de solidariedade entre irmãos.

Nas casas construídas pelos próprios proprietários, ou seja, na situação em que o agenciamento do espaço é mais restrito, também é possível notar a tensão entre o ideal educativo de autonomia dos filhos e a necessidade de preservação da convivência familiar. Samara relata que, quando ficou grávida do seu único filho Cauã, 11 anos, a família resolveu se mudar para uma casa maior. Compraram um terreno em um condomínio fechado e contrataram um escritório de arquitetura para projetar a casa da nova família. A planta foi realizada com a seguinte distribuição: no primeiro pavimento, estão o jardim frontal para onde se abre o quarto da criança, um banheiro, sala (também aberta para o jardim), cozinha e um quarto de música com janela para os fundos. No segundo andar, a suíte dos pais e um escritório. Como Cauã é portador da síndrome de *down*, os pais pensaram que essa disposição espacial ofereceria mais autonomia ao filho, uma vez que ele possivelmente residirá com os pais, mesmo na vida adulta. No entanto, essa escolha gerou uma polêmica entre os familiares. Para a mãe e as irmãs de Samara, a planta da casa representava uma rejeição dos pais à criança, e a escada, uma separação.

A vulgarização de conhecimentos da psicologia e da pedagogia permite a essas famílias mobilizá-los na realização do quarto dos filhos. A decoração desse espaço parece refletir, além da regra amplamente internalizada da separação dos irmãos por sexo, a necessidade de uma ‘boa distância’ entre pais e filhos: nem grande demais, nem pequena demais. Assim, é com constrangimento que algumas mães admitem que os filhos eventualmente dormem ou dormiam na cama dos pais.

Apesar de ter proporcionado um quarto individual para seu filho Fernando, 11 anos, em cuja porta se encontra afixada uma placa escolhida pelo menino onde se lê “Não entre, perigo de morte” (FIG. 15), Lana, explica com orgulho: “Essa não é uma casa de porta trancada. Podem existir casas assim, mas a minha não é uma casa de porta trancada”.

A valorização do tempo em família, e mais que isso, de um tempo de qualidade, se evidencia também em um pequeno ritual incluído na rotina atribulada da família de Letícia, mãe de Abelardo, 9 anos. Ela explica que, todos os dias, eles acordam bem cedo e correm para se arrumar e preparar o café da manhã, mas que às 06:20 em ponto, ao menos por 5 minutos, ficam abraçados.

Também não é rara a convivência com tios e avós, sobretudo nas famílias com capital econômico acumulado há mais gerações. Mesmo havendo dois empregados domésticos – uma “ajudante” da casa e um motorista, ou seja, dispondo de companhia de adultos enquanto os pais trabalham, Ana Laura, 11 anos, passa muitas tardes na loja da mãe. Uma vez por semana, a mãe tem um compromisso profissional fora do seu estabelecimento comercial, e nesse dia a criança passa a tarde na casa da avó.

Nas famílias mais tradicionais, não só a convivência do núcleo familiar, pais e filhos, é incentivada, como também a relação com avós, tios e primos. Letícia explica que o melhor amigo de seu filho Abelardo é o avô, que mora no mesmo prédio, aliás, um prédio construído pela família. Abelardo, apesar de ter apenas 9 anos, vive em um ambiente seguro e familiar, que lhe possibilita ter a chave de casa, além da chave da casa do avô. Nos fins de semana, o menino vai para um condomínio onde a tia e os avós possuem casa de campo. Como é filho único, além de único sobrinho e neto, ele possui um quarto para si em cada uma dessas casas, de forma que essa proximidade favorece a realização de atividades em família: “Ele vai com o

avô na marcenaria, recorta a madeira e cola. Depois desce no ateliê da avó e pinta” – explica a mãe.

A valorização da convivência em família também foi frequentemente evocada como justificativa para a ausência de aparelhos de televisão nos quartos infantis: “senão cada um fica na sua ilha”, explica Fabiana, mãe de Isabel, 8 anos, e Leandro, 5 anos. Maria Paula, mãe de Davi, 7 anos, explica que as crianças já tiveram televisão no quarto, mas agora elas dividem um único aparelho televisor na sala: “Porque senão eles ficam em seu quarto, isolados, não conversam, não precisam dividir, nem trocar nada com ninguém, porque já têm tudo que precisam. Começam a se isolar, porque já têm uma tendência”, conclui. Apesar desse relativo controle sobre os aparelhos televisores, muitas famílias expressaram a preocupação com o isolamento das crianças acarretado pelo entretenimento através dos dispositivos portáteis pessoais (*tablets* ou *iPads*). Esta tese analisará brevemente a relação das crianças com as tecnologias de informação e comunicação (TICs) no item 4.7 deste capítulo.

4.2 A relação com o espaço: grande mobilidade e *ethos* cosmopolita

Assim como Abelardo, outras crianças de famílias mais capitalizadas passam os fins de semana em propriedades como casas em condomínios fechados ou fazendas. Isabel, 8 anos, muitas vezes se desloca com os pais e o irmão para a fazenda dos avós e, não raro, a família faz uso de um helicóptero nesse deslocamento.

Apesar de haver certo consenso em relação ao confinamento das crianças urbanas, sobretudo daquelas que são moradoras de condomínios, os relatos das famílias mostram que elas desfrutam de muita mobilidade pelo condomínio, pela cidade e fora dela, e que experimentam diversos meios de transporte, embora pouco andem a pé e quase nunca desacompanhadas.

Na cidade de Belo Horizonte, nos últimos anos, tem sido comum a realização de festas infantis ‘em trânsito’. Seja em uma *boate-bus* ou em uma limusine, as crianças comemoram com os amigos dentro de um veículo em circulação com parada em um ponto da cidade para fotos. O *site* de uma das empresas prestadoras desse serviço afirma que esse formato de festas infantis combina “a modernidade dessa geração” prometendo “fazer sucesso onde passa” com um ônibus decorado com “luxo e sofisticação”.

Figura 23 – Festa em uma limusine



Fonte: Revista *Viver Brasil*

<<http://www.revistaviverbrasil.com.br/plus/modulos/listas/?tac=noticias-ler&id=283#.WjpmIFWnGUk>>.

Assim, mais do que o confinamento, a mobilidade parece caracterizar a socialização dessas crianças, para quem o domínio do espaço é favorecido por práticas multiespaciais. No entanto, esses diversos deslocamentos não garantem a essas crianças vivências e relações diversificadas. Ao contrário, embora os deslocamentos sejam intensos, os espaços frequentados são, assim como os condomínios, fortemente seletivos e monitorados. Seguindo a mesma lógica de ‘estar entre os iguais’, que é própria dos condomínios, a frequência a tantos espaços homogêneos tem por efeitos a “ilusão de frequentar todos os lugares” (PINÇON; PINÇON, 2000) e um confinamento que é mais sociocultural do que espacial.

Durante a semana, muitas crianças praticam esportes em um clube de lazer bastante seletivo. O local tem disponibilizado ainda uma sala acústica, computadores para pesquisas e o acompanhamento de um pedagogo para que os sócios realizem suas atividades escolares após as aulas de esportes. Os convites para não sócios são bastante escassos, e as babás que acompanham as crianças devem, obrigatoriamente, utilizar um avental branco com a identificação ‘acompanhante’.

Figura 24 – Foto de uma babá com colete de identificação



Fonte: Jornal *O Tempo*

<<http://www.otempo.com.br/cidades/projeto-quer-proibir-exig%C3%A2ncia-de-coletes-e-uniformes-para-bab%C3%AAs-1.1245685>>.

Se durante a semana os deslocamentos se devem às atividades extraescolares e nos fins de semana ocorrem para permitir a vida no campo, as férias são momentos para viagens nacionais e internacionais. Assim, não é raro encontrar sobre camas ou prateleiras, as pelúcias adquiridas em viagens:

Figura 25 – Pelúcias de viagem do quarto de Abelardo, 9 anos



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Figura 26 – Pelúcias do quarto de Ana Beatriz, 8 anos



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Figura 27 – Pelúcias do quarto de Ana Laura, 11 anos



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Outro objeto frequente em diversos quartos visitados é a miniatura do globo terrestre que, além de fazer parte da cultura escolar, sugere a possibilidade de ter o mundo nas mãos e de crescer “pensando longe”. Trata-se, portanto, de outro objeto que representa o *ethos* cosmopolita dos pais e que, antecipando as pretensões educativas em relação aos filhos, serve de suporte para a construção dessas disposições cosmopolitas nas crianças. No quarto de Vítor, 8 anos, além de inúmeros objetos que fazem referência a outras culturas, sobretudo a cultura inglesa, o *ethos* cosmopolita revestiu até mesmo as paredes do quarto na forma de um papel de parede estampado com o nome de capitais de vários países.

Figura 28 – Papel de parede e escrivaninha do quarto de Vítor



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Figura 29 – Papel de parede do quarto de Vítor. [detalhe]



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Assim, entre móveis e objetos, essas crianças têm a oportunidade construir disposições que levam a ‘pensar longe’, bem como mensurar que todos os lugares estão ao alcance das mãos, o que tornará mais provável uma trajetória internacional no futuro.

4.3 A relação com o tempo: os objetos como suporte da memória pessoal e familiar

Figura 30 – Quadro de maternidade personalizado⁵⁶



Fonte: Blog era uma casa

<<http://www.eraumacasa.com.br/blog/category/quadros-e-efeite-de-maternidade>>.

Além de contribuir para o domínio (e o sentimento de domínio) do espaço, os objetos decorativos possibilitam o domínio (e o sentimento do domínio) do tempo, de forma que frequentemente o quarto desempenha o papel de suporte da história de cada criança. Em alguns quartos visitados, as portas exibem o mesmo quadro utilizado na porta do quarto da maternidade, quando de seu nascimento.

Também não é raro encontrar, entre os objetos dos quartos de dormir, aqueles que receberam das crianças o título de “meu primeiro”: meu primeiro urso de pelúcia, meu primeiro livro de histórias, meu primeiro carrinho. Davi, 7 anos, é filho de um reconhecido artista plástico. A

⁵⁶ Aqui, não foi utilizado um exemplo da pesquisa de campo para preservar o anonimato das crianças.

mãe conta que, quando esperava por ele, o casal decorou as paredes do quarto do bebê com painéis adesivos confeccionados para a ocasião com ilustrações do pai. Ao me apresentar seu quarto, Davi confere bastante importância às paredes, onde estão dependurados quadros do pai, quadros de outro artista plástico amigo da família, ao lado de quadros pintados por ele mesmo. “Esse foi o primeiro que eu pintei”, apresenta:

Figura 31 – A primeira tela de Davi, 7 anos



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

A escrivaninha de Davi comporta, ao lado de lápis, cadernos e livros escolares, tintas de várias cores e pincéis diversos. Interrompo a apresentação do menino para lhe perguntar sobre as tintas e ele explica: “minha infância é desenhar”.

Figura 32 – Escrivaninha de Davi com tintas e pincéis



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Subindo na cadeira da escrivaninha, ele tem acesso às prateleiras e aos nichos mais altos.

Figura 33 – Davi procurando por uma caixa numa prateleira mais alta



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Atrás de um nicho com porta, está uma caixa, e dentro dela, como explica Davi, estão “alguns registros de quando eu nasci”. Na prateleira acima, está ainda uma foto do menino quando bebê e, ao lado, um troféu de futebol.

Figura 34 – Caixa de lembranças de Davi



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora2017.

Esses objetos, assim como os álbuns infantis (LORQUIN, 1993), ajudam a contar a história da criança. Seleccionados, eles possibilitam construir uma narrativa de si ancorada nas qualidades mais valorizadas pela família, assim como nas pequenas conquistas. São como

objetos de um museu pessoal que, com a curadoria dos adultos, auxiliam na escritura de uma história oficial.

Joaquim tem 9 anos e foi adotado aos 4. Ao contrário da maioria dos quartos visitados, seu espaço pessoal pouco revela de sua história. Com o álbum de fotos em suas mãos, sua mãe Isadora, me mostra uma foto do dia em que preparou o quarto para a chegada de Joaquim. Ela dá ênfase ao processo de educação iniciado após a adoção e afirma que “quando ele chegou, ele era um *pen drive* vazio”. Posteriormente, a família adotou outro filho, na época com 11 anos, que é irmão biológico de Joaquim. Mostrando uma foto de quando chegou e outra atual, a mãe afirma: “é outra pessoa, né?”. Não foi encontrado nos quartos deles nenhum objeto que faça menção à história pregressa dos dois irmãos no abrigo onde viveram ou sob a guarda da família biológica.

Os quartos desses irmãos adotados ensinam sobre como a seleção dos objetos cria narrativas que revelam alguns pontos, assim como silenciam outros. Por isso, os objetos não podem ser compreendidos como uma representação factual da história de cada criança. Para compreendê-los, é fundamental entender como cada objeto chegou ali.

São as mães, em geral as responsáveis pelo gerenciamento, arquivamento e seleção das fotos, ‘objetos-lembrança’ e documentos que contam a história da criança (LORQUIN, 1993). Gustavo tem 9 anos e é filho de pais separados com guarda compartilhada. Tanto na casa do pai quanto na casa da mãe, ele tem um quarto individual, ambos visitados por ocasião da pesquisa de campo; mas é no quarto da casa materna que se encontram os objetos que contam a história de Gustavo. Também é a mãe quem recorre ao álbum de bebê, guardado em sua casa, para explicar como era o berço em que Gustavo dormia.

Tiago, 7 anos, me apresenta seu quarto sem mostrar a parede com fotos de sua primeira infância. Quando lhe pergunto sobre esse canto, ele explica: “Aí estão as fotos que a mamãe costuma colocar, minhas medalhas. Eu tenho tantas medalhas que nem sei”.

Figura 35 – Parede de lembranças decorada pela mãe no quarto de Tiago



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Além de conter objetos que narram a história da própria criança, alguns quartos contam a história das gerações anteriores. Abelardo, assim como Davi, também possui uma caixa onde guarda lembranças. Sobre prateleiras que são chamadas pelo menino de “central da bagunça”, ao lado de enciclopédias e remédios, está a caixa onde guarda “algumas coisas especiais”, como por exemplo, a carteira de piloto de avião do avô.

Figura 36 – Caixa de lembranças do quarto de Abelardo



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

No quarto de Fernando, 6 anos, encontra-se um móvel baixo de madeira, onde estão arranjados diversos objetos: troféus de hipismo do pai, a balança que foi presente do avô, cavalos de brinquedos e dois cofrinhos onde o menino guarda algumas moedinhas. “É para

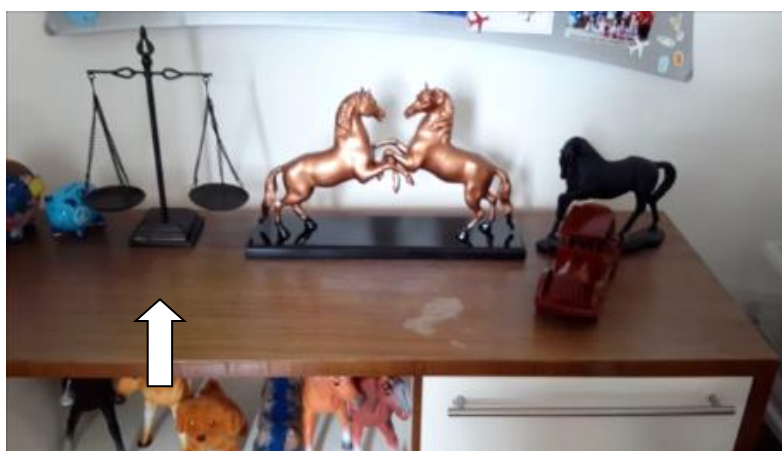
comprar uma casa”, ele explica. O quarto ao lado, de sua irmã Isabel, não possui objetos similares, o que permite pensar que a divisão das heranças simbólicas é também generificada.

Figura 37 – Troféu do pai de Fernando, ao lado de dois cofrinhos



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Figura 38 – A balança, símbolo do direito, presente do avô de Fernando



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Entre mães e filhas, pode ser observada uma outra forma de herança simbólica, que não diz respeito a vitórias esportivas ou práticas profissionais. Célia e sua filha Daniele, 9 anos, me apresentam o quarto da menina: uma cama, uma penteadeira e dois criados-mudos. A penteadeira é um móvel evolutivo, isto é, funcionava como trocador quando Daniele era ainda bebê, foi usada pelos dois irmãos caçulas com essa mesma função e, atualmente, voltou para o quarto da menina como penteadeira. A mãe explica que não quis adquirir móveis de “quartos de neném” e que preferiu adquirir aqueles que fossem acompanhar as crianças por mais tempo. Explica também que não utilizou cama intermediária – do berço, as crianças passaram

para a cama tamanho solteiro convencional, com grades de segurança removíveis. Os móveis buscados são, portanto, mais neutros, espaçosos e resistentes, evitando o descarte. Daniele utiliza a mesma cama desde os 2 anos, mas atualmente, como explica Célia, “ela está querendo a minha cama de criança, que está lá no sítio. Talvez a gente traga, ela é linda, assim, mais antiga, mais clássica”.

A mesma situação se repete no quarto de Ana Beatriz, 8 anos, decorado com os móveis de ferro que foram do quarto de infância de sua mãe Lúcia, que assim explica essa a situação: “Aqui é assim, a gente vai passando”.

Figura 39 – Cama de ferro herdada pela filha



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Figura 40 – Penteadeira de ferro herdada pela filha



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Assim, os objetos do quarto atuam como suporte não apenas para a memória da própria criança, mas também para a rememoração estendida às gerações anteriores, como são exemplo a carteira de piloto do avô de Abelardo, os troféus de hipismo do pai de Leandro e os móveis herdados das mães de Ana Beatriz e Daniele.

Algumas pesquisas realizadas na França demonstram que, ao descrever seus antepassados, indivíduos pertencentes aos estratos superiores da sociedade conseguem evocar gerações mais distantes do que indivíduos oriundos dos grupos menos favorecidos (SINGLY; THÉLOT, 1986; LE WITA, 1983). A razão disso é que, para as famílias de classes média e superior estabelecidas, além de inegável fonte de afeto, a memória tem um uso social: ela distingue os grupos em ascensão dos grupos que possuem capitais acumulados há gerações.

Assim, uma vez que a história dos antepassados detentores de capitais é frequentemente recontada, ela se torna memória coletiva do grupo e, por isso mesmo, mais facilmente evocada. A relativa estabilidade dos espaços e dos objetos contribui de forma bastante contundente nessa rememoração, de forma que as casas de família e seus móveis, que passam de geração a geração, oferecem a esse mesmo grupo “a imagem pacificante de sua continuidade” (HALBWACHS, 2012, p. 159).

Tornam-se emblemáticos os relatos sobre dois ícones da arquitetura residencial belo-horizontina: o edifício Niemeyer e a Casa Kubitschek, ambos projetados pelo arquiteto Oscar Niemeyer. O primeiro edifício, datado da década de 1950, é também conhecido por ter sido residência de Tancredo Neves e por ser residência da família Neves há gerações. Na reportagem intitulada *Edifício Niemeyer: DNA de um ícone*, um neto do político mineiro conta que, na infância, foi surpreendido pela mãe engatinhando nas marquises curvas que se tornaram símbolo de Belo Horizonte.

Por sua vez, a denominada Casa Kubitschek, também projetada por Niemeyer, foi construída em 1943, na orla da Lagoa da Pampulha, com o objetivo de servir de “casa de descanso” para o então prefeito Juscelino Kubitschek. Na década de 1950, a residência passou a ser propriedade de Joubert Guerra, prefeito de Diamantina na década de 1930 e chefe de gabinete e secretário de Juscelino Kubitschek durante o mandato de JK na prefeitura de Belo Horizonte. A casa permaneceu em propriedade da família Guerra até 2006, quando foi

vendida para a prefeitura com a finalidade de se tornar um museu. A cobertura da imprensa⁵⁷ sobre a reabertura da casa enfatiza que a família Guerra conservou o jardim projetado por Burle Marx, um mobiliário que inclui uma peça da arquiteta modernista ítalo-brasileira Lina Bo Bardi e um painel do pintor, também modernista e ítalo-brasileiro, Alfredo Volpi. Afirmado que “o bom-gosto é atemporal e que isso a Casa Kubitschek tem de sobra”, a reportagem traz a seguinte declaração de uma neta de Joubert Guerra: “Minha avó era uma mulher moderna, um poço de conhecimento e cultura. Apreciava a decoração e sempre fez de tudo para manter esse ambiente. Não havia por que mudar as coisas”, conta.

Esses relatos sobre duas das construções belo-horizontinas projetadas por Niemeyer revelam como a história dessas residências e de seus objetos de arte legítima conservados ao longo do tempo contribuem para a rememoração de histórias de famílias estabelecidas e seus personagens ilustres. Com passagens entre o mítico e o anedótico, os fatos corriqueiros da vida, como um bebê que engatinha, têm por cenário as linhas mais consagradas da arquitetura brasileira.

Evidentemente, crescer ouvindo histórias pessoais que se entrelaçam com a história do patrimônio cultural da cidade produz efeitos na socialização. Entre os efeitos atribuídos à convivência desde a infância com objetos antigos e legítimos, Bourdieu, ([1979] 2006, p. 75) destaca:

- A própria formação do gosto possibilitada pela convivência precoce com a cultura legítima, uma vez que a precocidade é “paradoxalmente, um efeito da antiguidade”, como afirma o sociólogo (BOURDIEU, [1979] 2006, p. 70).
- A naturalização decorrente dessa formação precoce. Aliás, o título da reportagem acima citada lança mão da imagem do composto químico responsável pela transmissão hereditária: o DNA. A imagem de uma transmissão hereditária biológica é bastante significativa do efeito de naturalização próprio da transmissão precoce efetivada através da socialização familiar.
- A adesão aos gostos legítimos e às aversões igualmente legítimas que contribuem de forma não consciente para a unidade de classe.

⁵⁷ Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/03/16/interna_gerais,357922/a-casa-do-modernismo-na-pampulha-sera-aberta-a-visitacao.shtml>.

- O entrelaçamento entre as histórias pessoais e o patrimônio cultural que propicia um sentimento de pertencimento a uma linhagem. Vale lembrar que se trata de pertencer a uma linhagem que ‘protagonizou a história’, de forma que a história é também mais de uns do que de outros.
- A formação de indivíduos capazes de interpretar os sentidos desses mesmos objetos de forma a reproduzir socialmente não somente o gosto legítimo, mas também as formas legítimas de apropriação dos artefatos culturais.

Na reportagem citada, o neto de Tancredo Neves, morador desde a infância do edifício Niemeyer, explica ainda que o arquiteto não tinha compromisso com a funcionalidade: “Isto não é um apartamento. É uma obra de arte”. Trata-se, portanto, do aprendizado precoce de uma forma de interpretar a arquitetura que se distancia de sua funcionalidade residencial. Em outras palavras, pensar em um apartamento como uma obra de arte é destituí-lo de sua função habitacional e de todas as restrições impostas pela necessidade.

Além de distanciado da necessidade e da funcionalidade, “o bom gosto é atemporal”, como afirma a segunda reportagem sobre a casa Kubitschek. Assim, a atemporalidade do bom gosto, própria dos indivíduos detentores de um ‘capital estatutário de origem’, pode ainda produzir na socialização um sentimento de estabilidade que também não deve ser negligenciado. Esse sentimento tem uma de suas expressões na declaração da neta de Joubert Guerra que assim o resume: “Não havia por que mudar as coisas”.

4.4 O quarto como campo de imersão estética

Em reportagem⁵⁸ na qual apresenta a casa onde mora,⁵⁹ o estilista mineiro Ronaldo Fraga afirma que “para quem tem crianças a casa “educa nas entrelinhas diariamente”. Fernando, criança de 11 anos do grupo pesquisado, é filho da fotógrafa Lana. Assim como no quarto de Davi, em seu quarto há uma parede em que está exposto um trabalho da mãe: uma coleção de fotos realizadas em um encontro de motos (FIG. 38). As fotos da mãe de Fernando não são meramente representativas. Ao contrário, elas adotam enquadramentos e técnicas de

⁵⁸ Disponível em: <<http://casavogue.globo.com/Interiores/casas/noticia/2016/08/casa-de-ronaldo-fraga-em-belo-horizonte.html>>.

⁵⁹ Aliás, explica o jornalista, uma casa da década de 1930, perto de onde morou o poeta Carlos Drummond de Andrade e Noel Rosa.

coloração que fazem sobressair a linguagem da fotografia em relação ao objeto fotografado. Como nos edifícios de Niemeyer, a fotografia de Lana sobrepõe a forma (da linguagem fotográfica) à sua função (de relevar o objeto). Cada fotografia traz detalhes de motos que parecem só fazer sentido no conjunto das oito fotografias.

Figura 41 – Parede do quarto de Fernando com as fotos da mãe fotógrafa



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Fernando explica que a família não tem nenhuma relação com o motociclismo. Sobre isso, ele conta: “Meus pais sempre perguntaram pra minha irmã se ela queria andar de moto. Era uma brincadeira, porque ela sempre teve muito medo do barulho das motos. Pra mim, nunca perguntaram. Não é injusto?” A narrativa de Fernando evidencia o fato de que o tema proposto pela mãe para a parede de seu quarto é a própria fotografia e não o motociclismo.

Assim, a convivência rotineira e precoce com a linguagem artística legítima forma nessas crianças o que é chamado por Bourdieu ([1979] 2006) de “olhar puro”, ou seja, uma percepção capaz de “traduzir” a linguagem artística, que se distingue do olhar ingênuo, mais ligado à estética popular de representação e mais próximo da vivência de sensações e das emoções cotidianas.

Essa educação estética possibilitada pelos quartos infantis não ocorre apenas nas famílias cujos pais são profissionais das artes, mas também através da prática, ao que parece bastante difundida no grupo pesquisado, do consumo de objetos de *design*.

É o que demonstra a pesquisa de mercado realizada pela Faculdade de Economia da UFMG, que colocou aos lojistas do mercado de decoração para crianças a questão da demanda por produtos utilitários, que fossem ao mesmo tempo decorativos (FIG. 39).

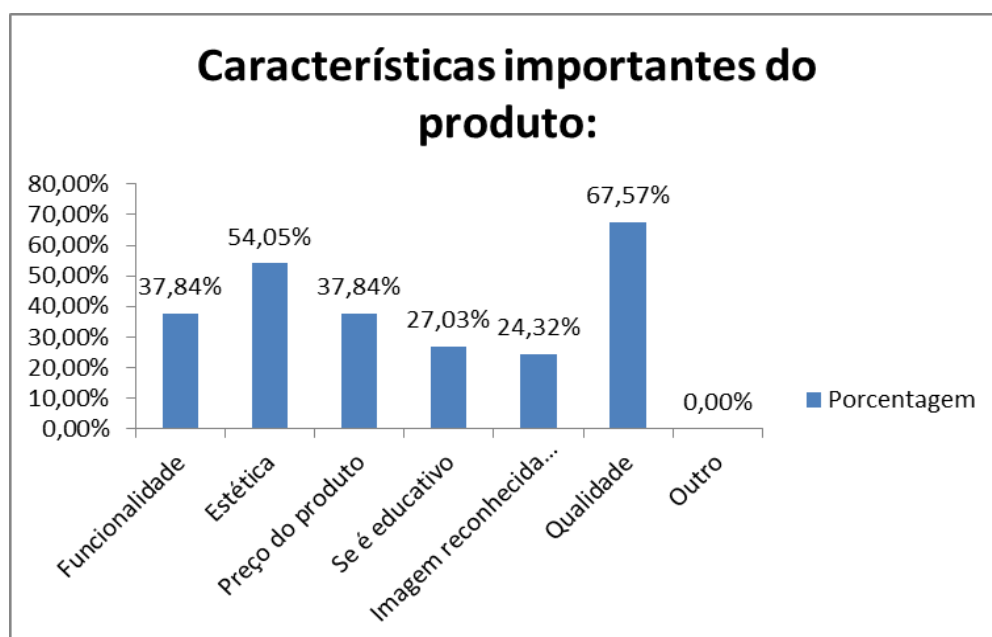
Figura 42 – Demanda por utilitários decorativos segundo lojistas



Fonte: Pesquisa de mercado da Faculdade de Economia da UFMG.

Entre os respondentes, 58,33% afirmam haver essa demanda. Entre as características dos produtos apontadas pelos lojistas como importantes, a estética (54,05%) é mais mencionada do que a funcionalidade (37,84%), como demonstra a FIG. 43 a seguir.

Figura 43 – Características importantes do produto segundo os lojistas



Fonte: Pesquisa de mercado da Faculdade de Economia da UFMG.

Bons exemplos de objetos de *design* estão no quarto de Miguel (9 anos), onde há uma bancada repleta de bonecos licenciados que escondem outras funções, como a criança faz questão de me mostrar: um desses bonecos é, na verdade, um despertador, e o outro, um abajur.

Figura 44 – O boneco do personagem Darth Vader⁶⁰ é um despertador

Fonte: Vídeo produzido por Miguel e um amigo.

⁶⁰ Antagonista da série de filmes *Star Wars*, criada pelo cineasta George Lucas em 1977. Com os direitos comprados pela *The Walt Disney Company* em 2012 e o lançamento de novos filmes, a marca *Star Wars* tornou-se uma das maiores franquias da história do cinema, com inúmeros filmes, bonecos e outros produtos.

Figura 45 – Boneco da marca Lego⁶¹ que é um abajur



Fonte: Vídeo produzido por Miguel e o amigo.

Outro exemplo está no quarto de Tiago. Trata-se de um aparelho de som em forma de peça do brinquedo de montar também da marca Lego.

Figura 46 – O aparelho de som do quarto de Tiago tem forma de uma peça da marca Lego



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Subordinando a função à forma, esses objetos utilitários assumem como linguagem visual a gratuidade desinteressada do brinquedo, que responde a um duplo endereçamento do mercado

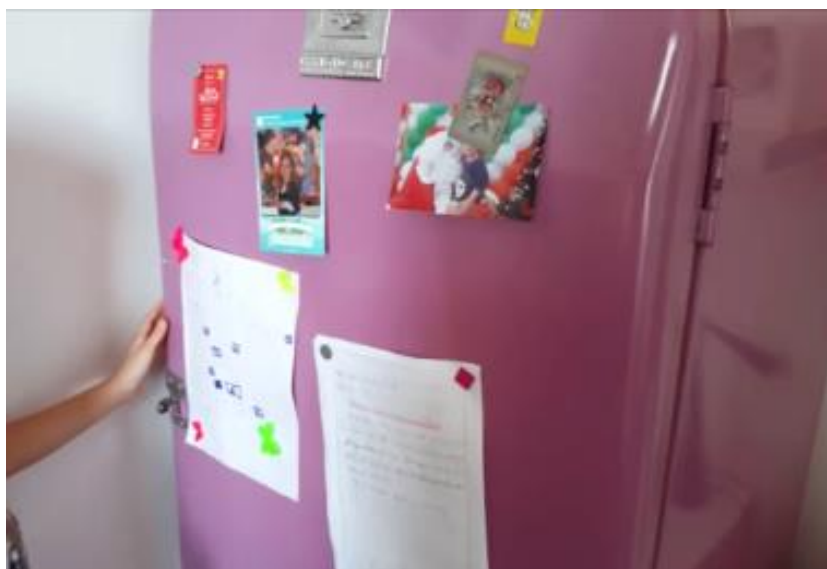
⁶¹ Brinquedo de montar com peças de plástico, produzido desde 1934 e popular em diversos países. É considerada uma das maiores franquias de produtos para crianças do mundo, tendo em 1980 criado uma linha de produtos educacionais que chegou ao Brasil em 1998 e se disseminou nos anos seguintes.

de objetos infantis: ao mesmo tempo que buscam atender o gosto estético dos pais,⁶² o *design* se endereça também às crianças, cada vez mais participantes nas decisões de compra das famílias.

Podemos pensar que a relação distanciada para com a funcionalidade (aqui atribuída ao brinquedo) é homônima de uma relação distanciada da necessidade (frequentemente atribuída às formas de aquisição dos grupos favorecidos). Bourdieu ([1979] 2006, p. 54) se reporta a essa realidade quando escreve “[...] todas as crianças começam a vida como burgueses”. Isso significa que, na medida em que se distancia da sua função, o brinquedo obedece à lógica da estética pura própria desse grupo social.

O afastamento da função também se apresenta na dessacralização dos móveis (LIPOVETSKY; SERROY, 2015), isto é, na completa descontextualização do objeto de sua função inicial, como podemos observar no uso de uma geladeira como estante de livros no quarto de Isabel, 8 anos.

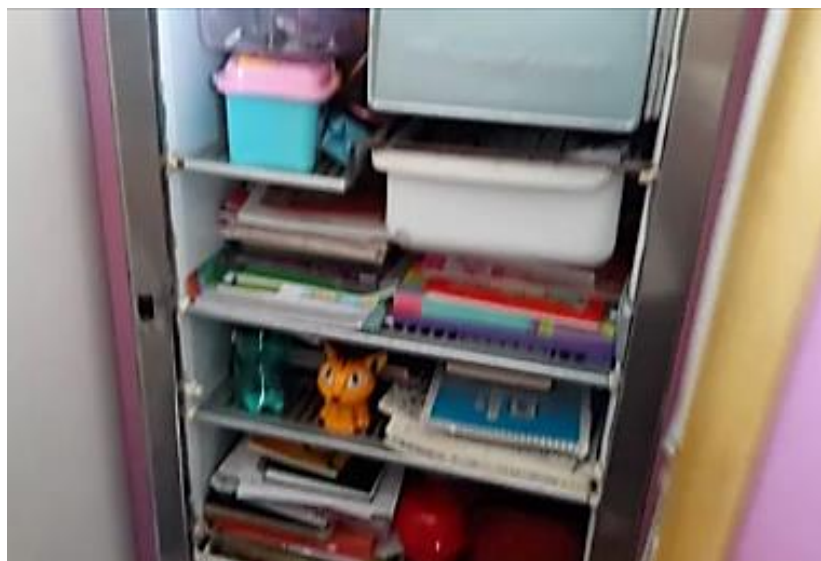
Figura 47 – Geladeira convertida em estante no quarto de Isabel



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

⁶² Note-se ainda que tanto *Star Wars* quanto *Legó* são marcas conhecidas pelos pais na infância e cujo relançamento conta também com o apelo afetivo da nostalgia.

Figura 48 – Geladeira com material escolar



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Assim, se os quartos testemunham uma educação estética espontânea, porque não necessariamente consciente, eles também apontam para outro tipo de educação, mais formalizada, que ocorre através das inúmeras atividades extraescolares praticadas por essas crianças, como trata o próximo subitem.

Em seu estudo sobre as camadas médias americanas, Lareau (2011) afirma que, se o centro dos lares do século XIX era a lareira, o centro das casas contemporâneas passou a ser o calendário.

4.5 O quarto como espaço organizador das atividades extraescolares

Com uma agenda repleta de compromissos, as crianças do grupo pesquisado praticam inúmeras atividades esportivas e artísticas, além dos cursos de idiomas. Com dois filhos e uma rotina movimentada, Helena, mãe de uma menina de 11 anos e um adolescente de 15, explica:

A Ana Laura faz muitas horas de dança. Aqui em casa, eu acabei acostumando os meninos com um ritmo bem forte. Eles só param uma atividade se começam outra.

Algumas crianças frequentam semanalmente psicólogos, psicopedagogos ou fonoaudiólogos, muitas vezes com o objetivo de ajustar alguma expectativa de comportamento que aumente o rendimento escolar. Por se tratar, em sua maioria, de alunos que ainda estão cursando os primeiros anos do ensino fundamental, segmento do ensino com baixo índice de fracasso escolar, poucos fazem aulas particulares ou acompanhamento escolar. Ademais, o itinerário escolar dos grupos favorecidos econômica e culturalmente, independentemente do segmento, é caracterizado pela continuidade, tratando-se de um percurso sem interrupções ou repetências (NOGUEIRA, 2000). No entanto, algumas famílias viram como positiva a iniciativa de um clube de lazer⁶³ de construir uma sala acústica para que as crianças sócias que realizam atividades esportivas no clube possam também ali cumprir as atividades escolares, sob a supervisão de um educador.

No espaço do quarto, a rotina dessas crianças pôde ser percebida nos quadros com compromissos afixados – grade de horários semanais das disciplinas escolares, horários de aulas extraescolares, calendários de provas, convites de festas de aniversário, informativos de excursões, etc. – mas também nos materiais necessários para a prática de atividades extraescolares – instrumentos musicais, raquetes de tênis, calçados especiais para esportes específicos – materiais que muitas vezes são de alto custo.

A prática de atividades diversificadas requer deslocamentos intensos que exigem das famílias uma organização similar àquela do mundo profissional. As crianças marcam seus compromissos em agendas e pregam lembretes em quadros de avisos do quarto. Abelardo, a criança participante que pratica o maior número de atividades extraescolares, possui em seu quarto um cabideiro onde ficam diversas mochilas já preparadas com o material necessário para a realização de cada aula (FIG. 51).

As atividades exigem ainda uma complexa organização dos deslocamentos. Nas famílias que não contam com o trabalho de um motorista, são em geral as mães, aliás, frequentemente denominadas pelo grupo de ‘mãetoristas’, que levam e buscam as crianças, embora alguns pais também participem da divisão. Algumas famílias contam ainda com a ajuda dos avós ou realizam escalas de revezamento de caronas com outros pais com os quais mantêm relações mais próximas.

⁶³ Trata-se do clube de lazer já citado anteriormente por sua alta seletividade. As cotas de sócios são raras e de alto custo, e os convites para não sócios, praticamente inexistentes.

Figura 49 – Quadro com calendário escolar e outros compromissos de Paulo



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Figura 50 – Quadro com calendário no quarto de Clara



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Figura 51 – Cabideiro com as mochilas de Abelardo



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

No grupo pesquisado, a quantidade de atividades extraescolares realizadas varia, principalmente, de acordo com o segmento social e a idade (Quadro 10). As crianças pertencentes ao grupo identificado como A praticam mais atividades que as crianças dos grupos B1 e B2.

Quadro 10 – Crianças por ordem de número de atividades

Criança	Idade	N.º de atividades	Segmento social
Abelardo	9	8	A
Isabel	8	6	A
Paulo	11	5	A
Leandro	6	4	A
Gabriel	8	4	A
Henrique	7	4	A
Camila	3	4	A
Daniele	9	4	A
Gustavo	9	4	B1
Ítalo	7	3	A
Sabrina	4	3	A
Vítor	8	3	A
Laís	6	3	A
Miguel	9	3	A
Caio	5	3	A
Tiago	7	3	B2
Ana Beatriz	8	2	A
Cauã	11	2	A
Ana Laura	11	2	A
Fernando	11	2	A
Leopoldo	6	2	A
Murilo	3	2	A
Daniel	7	2	B1
Clara	7	2	B2
Davi	7	2	B1
Joaquim	9	2	B1
Pedro	5	1	B1
João	9	1	B1
Larissa	0	1	B1
Leonardo	8	1	B1
Lucas	4	1	B1

Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2017.

Em relação ao tipo de atividade (Quadro 11), as crianças dos grupos B1 e B2 praticam mais esportes, principalmente natação e futebol, enquanto as crianças do estrato A praticam também línguas, música e os esportes considerados mais distintivos no Brasil, como tênis e equitação.

Quadro 11 – Atividades extraescolares

Criança, idade	Classe	Quantidade e tipo de atividade
Abelardo, 9	A	8 (catequese, violão, espanhol, inglês, basquete, futebol, vôlei, tênis)
Isabel, 8	A	6 (natação, balé, inglês, equitação, violão, tae-kwon-do)
Paulo, 11	A	5 (catequese, acompanhamento escolar, fonoaudióloga, terapia, ⁶⁴ futebol e bateria)
Leandro, 5	A	4 (natação, inglês, equitação, tae-kwon-do)
Gabriel, 8	A	4 (música, inglês, tae-kwon-do e natação)
Henrique, 7	A	4 (música, inglês, tae-kwon-do e natação)
Camila, 3	A	4 (música, inglês, tae-kwon-do e natação)
Daniele, 9	A	4 (inglês, natação, psicóloga e circo)
Ítalo, 7	A	3 (robótica, tae-kwon-do, natação)
Sabrina, 4	A	3 (robótica, ginástica artística, natação)
Vítor, 8	A	3 (natação, inglês, flauta)
Laís, 6	A	3 (natação, inglês, balé)
Miguel, 9	A	3 (natação, inglês, tênis)
Caio, 5	A	3 (não citadas)
Ana Beatriz, 8	A	2 (esportes e acompanhamento escolar no clube)
Cauã, 11	A	2 (natação e fonoaudiólogo)
Ana Laura, 11	A	2 (balé, equitação)
Fernando, 11	A	2 (inglês e caratê)
Leopoldo, 6	A	2 (natação e futebol)
Murilo, 3	A	2 (natação e fonoaudiólogo)
Gustavo, 9	B1	4 (psicomotricista, robótica, acompanhamento escolar, piano)
Daniel, 7	B1	2 (natação e fonoaudióloga)
Davi, 7	B1	2 (terapia, música)
Joaquim, 9	B1	2 (acompanhamento escolar, natação)
Pedro, 5	B1	1 (natação)
João, 9	B1	1 (futebol)
Larissa, 1	B1	1 (natação)
Leonardo, 8	B1	1 (futebol)
Lucas, 4	B1	1 (natação)
Tiago, 7	B2	3 (futebol, teatro e aikidô)
Clara, 7	B2	2 (circo, esporte)

Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2017.

⁶⁴ A rigor, fonoaudiologia e terapia não poderiam ser consideradas atividades extraescolares. No entanto, para os objetivos aqui propostos, a saber, compreender o uso do tempo e os deslocamentos realizados por essas crianças, essas atividades foram também consideradas.

Figura 53 – Vista do quarto de Ana Laura



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora.

Figura 54– Vista do quarto de Gustavo



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Quanto ao futebol, embora se trate de um esporte muito disseminado no Brasil, é importante observar as diferentes formas de prática desse esporte. Se, para as classes populares, o futebol é uma carreira profissional cobiçada, na medida em que pode representar uma possibilidade de ascensão social, para as classes privilegiadas essa trajetória é bastante improvável. Tal diferença interfere na frequência e na dedicação das crianças dos diferentes grupos sociais em relação a esse esporte (BOURDIEU, 1983).

Entre as crianças participantes desta pesquisa que jogam futebol, todos meninos, raros foram os que se descreveram como jogadores entusiasmados e dedicados, embora a maior parte deles tenha se definido como “torcedor doente” ou “fanático”. Assim, é mais na posição de consumidoras ou espectadoras do esporte que essas crianças se relacionam com o futebol, não sendo rara a prática de colecionar camisas oficiais que ganham ainda mais importância se são autografadas ou se são de times estrangeiros.

Figura 55 – Gaveta com a coleção de camisas oficiais de Fernando



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Assim, as crianças da pesquisa parecem manter uma relação distante e desinteressada em relação à prática do esporte, não sendo possível notar traços de ascetismo em relação a nenhuma das modalidades esportivas. Ao contrário, a relação com o esporte e, em algumas famílias, com vários esportes, pareceu privilegiar a convivialidade, a possibilidade de frequentar vários grupos e vários clubes esportivos, (desde que sejam seletos), como demonstra o relato da mãe de Abelardo sobre as aulas de futebol do filho, que ocorrem aos sábados no condomínio onde têm casa de campo:

No sábado, ele tem outro tipo de brincadeira que foge desse espaço [ela se refere ao fato de que passam o fim de semana na casa de campo do condomínio]. Por isso que a semana consegue ser mais árida, porque o final de semana é completamente diferente. Tem uma regra que é preciso que você saiba. Aqui em casa não se estuda sábado e domingo. Sábado e domingo são dias de descansar. [Sobre as aulas de futebol realizadas no condomínio]: Não é que ele goste de futebol, ele joga por causa da turma do condomínio. A gente tem aula sábado e domingo. É muito mais pelo grupo que pelo esporte, porque ele não é assim, um atleta.

Não sendo um fim em si mesmo e na medida em que o trabalho desses estratos sociais pouco depende da força física, as práticas esportivas parecem atender outros objetivos como a “estilização da vida” e o cultivo do capital social (BOURDIEU, 1983).

Com tantas atividades extraescolares, algumas famílias optam por aulas em domicílio, a fim de evitar o deslocamento excessivo das crianças, seja contratando professores particulares de instrumentos musicais ou de línguas estrangeiras, que dão aulas na casa das famílias, seja para o aprendizado de esportes nas áreas de lazer dos condomínios. A possibilidade de realizar diversas atividades “sem sair de casa” define o que vários entrevistados chamaram de “qualidade de vida”.

Célia, mãe de três crianças e moradora de um condomínio fechado, afirma que cada vez mais tem feito com que as atividades das crianças sejam realizadas em domicílio. As crianças têm aulas de natação com professor particular no condomínio e, recentemente, a família contratou uma fonoaudióloga que atende em casa. Abelardo, por sua vez, pratica esportes no clube e no condomínio de campo, mas também recebe aulas de violão e de dois idiomas em casa. O professor de línguas é um “senhor de mais idade”, “muito culto”, explica a mãe, “ele fala quatro ou cinco línguas diferentes”.

Entre as línguas estrangeiras cursadas, o inglês é a mais frequente, mas há também o espanhol. Entre as atividades artísticas, a mais praticada é a música (musicalização ou aprendizado de instrumento), seguida pelo balé, pelo circo e, por fim, pelo teatro. Há ainda duas práticas que não foram mencionadas: o catecismo e a robótica. A primeira tem por objetivo educar para a fé católica, preparando a criança para o sacramento da primeira comunhão. Já a robótica, como informa o *site* de uma instituição que oferece a atividade, tem por objetivo desenvolver habilidades para o século XXI, sejam elas cognitivas, sejam sociais.

Entre as habilidades cognitivas, destacam-se as habilidades matemáticas e a antecipação do aprendizado de programação de computadores. Entre as habilidades sociais que a atividade afirma buscar desenvolver, estão a criatividade e a capacidade de realizar trabalhos em grupo para a solução de problemas. São, portanto, habilidades profissionais associadas ao universo corporativo. Apesar da incidência de práticas diversas, os esportes são a atividade mais praticada nesse grupo, fato que poderia ser explicado por uma representação de infância mais ligada às atividades motoras.

Por fim, valeria a pena tomar essas atividades não exclusivamente como projeto educativo dos pais, mas pensá-las a partir do ponto de vista dos próprios filhos. Se uma visão mais romantizada da infância poderia levar a imaginar que essas crianças são vítimas de um projeto educativo muito ambicioso e rigoroso dos pais, alguns depoimentos mostram que elas muitas vezes participam ativamente desse projeto, como mostra a conversa abaixo, entre pesquisadora, Abelardo (9 anos), que pratica oito atividades semanais, e sua mãe, Letícia:

Letícia: E uma outra coisa importante também. Quem escolheu fazer esse tanto de atividades?

Abelardo: Eu!

Letícia: O que a mamãe fala pra você?

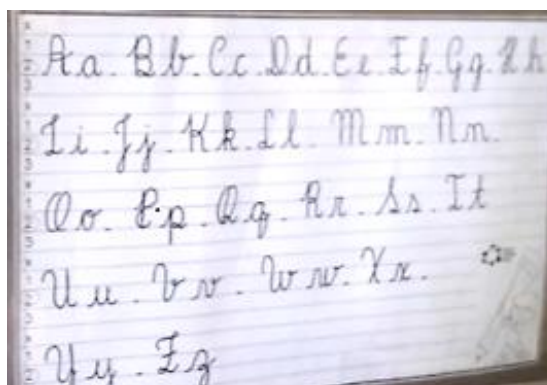
Abelardo: Que eu tenho que escolher, mas eu quero tudo.

Letícia: Eu acho muito, mas ele escolheu. A única coisa que eu falo é que se ele decidiu fazer essas atividades, tem que levar a sério. Eu acho que é muito, mas uma vez que ele optou, tem que ter responsabilidade. Ele tem um compromisso com o professor. A opção é 100% dele.

4.6 O quarto como anexo da escola

Além de base de apoio para rotinas dinâmicas, os quartos infantis podem ser compreendidos como um espaço que, atendendo às prescrições das instituições escolares de reserva de um espaço organizado e silencioso para os estudos e atendendo ainda aos investimentos educativos parentais, acolhem móveis e objetos pertencentes à cultura escolar: cartazes didáticos, quadros-negros, mapas, globos terrestres e a onipresente escrivaninha. Indicando uma forte ‘pedagogização do cotidiano’ nesse meio social, o quartos se configuram, não unicamente como espaços privados ou criações familiares, mas também como um anexo da escola (ESTABLET, 1987).

Figura 56 – Ficha das letras cursivas no quarto de Davi



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Figura 57 – Globo terrestre que mostra o trajeto das Cruzadas do século XII



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

No quarto de Pedro, 5 anos, está exposto um porta-retratos com uma fotografia de formatura de graduação. Pergunto a ele quem é a mulher que está na fotografia, e ele me explica que é sua prima e madrinha. Em seguida, explica com orgulho que ela é formada em um curso e em uma universidade de prestígio que ele já sabe citar, apesar da pouca idade. Esse porta-retratos, que não deixa de ser uma lembrança afetiva, é também um sinalizador que age silenciosa e cotidianamente, apontando para uma trajetória escolar e profissional a ser almejada.

Ainda que, no Brasil, a falta de dados estatísticos e de pesquisas não nos permita estabelecer uma relação entre a quantidade de moradores por dormitório e o rendimento escolar, pesquisas francesas apontam que uma criança que divide o quarto com irmãos tem até 12%

mais chances de repetir o ano do que uma criança que possui um quarto para si (GOUYON, 2006). Evidentemente, essa correlação estatística não significa uma relação de causalidade, uma vez que esse fator poderia ser apenas um mediador da influência socioeconômica. No entanto, tal correlação permite pensar no efeito que a reserva desse espaço privativo para os estudos poderia exercer sobre o rendimento escolar, causado, evidentemente, pelas condições materiais que ele garante, além de ser efeito do próprio investimento simbólico e afetivo, que materializa, no espaço, as expectativas educativas dos pais.

Na família de Selma, psicóloga escolar e mãe de Larissa (11 anos) e Daniel (7 anos), o quarto individual com escrivaninha foi um presente para as crianças. Essa memória afetiva Larissa narra no seguinte trecho de nossa conversa:

Larissa: Eu queria trocar de quarto porque estava difícil dividir com meu irmão, que estava fazendo muita bagunça. Então, eu pedi um quarto para meus pais, e a minha tia, que é decoradora, desenhou um com as coisas que eu queria.

Pesquisadora: Que coisas eram essas?

Larissa: Eu pedi uma escrivaninha, umas estantes pra eu colocar as minhas coisas... [...] Aí, no meu aniversário de 7 anos, a gente não fez festa, a gente não convidou meus amigos aqui, só a família, porque a família não pode faltar, e meu presente de aniversário foi o quarto. Demorou um pouco, enquanto meus pais arrumavam tudo e eu perguntava: mãe, já posso ir? Até que ele ficou pronto e ela disse: pode!

O irmão de Larissa, Daniel, também relata de forma afetiva o dia em que ganhou o quarto com a escrivaninha:

Quando eu entrei no segundo período, a gente viajou pra Salvador e quando a gente voltou, eu entrei no meu quarto e a minha mãe tinha arrumado tudo! Tinha uma bancadinha com uma cadeira e tudo arrumado pra eu fazer o para casa.

Ao rememorar seus quartos de infância, poucos pais relataram a presença de uma escrivaninha nesse espaço, na totalidade dos casos (n=20) dividido por duas ou mais crianças. A maior parte deles identificou a mesa da sala de jantar como o espaço mais utilizado para os deveres, podendo ser partilhada pelos filhos, mesmo nas famílias mais numerosas. No entanto, nas visitas que realizei, a escrivaninha esteve presente na quase totalidade dos quartos onde dorme apenas uma criança com mais de 6 anos, idade de entrada no ensino

fundamental⁶⁵ e, por consequência, da maior intensificação e formalização dos deveres de casa.

Figura 58 – Escrivaninha do quarto de Fernando, 11 anos

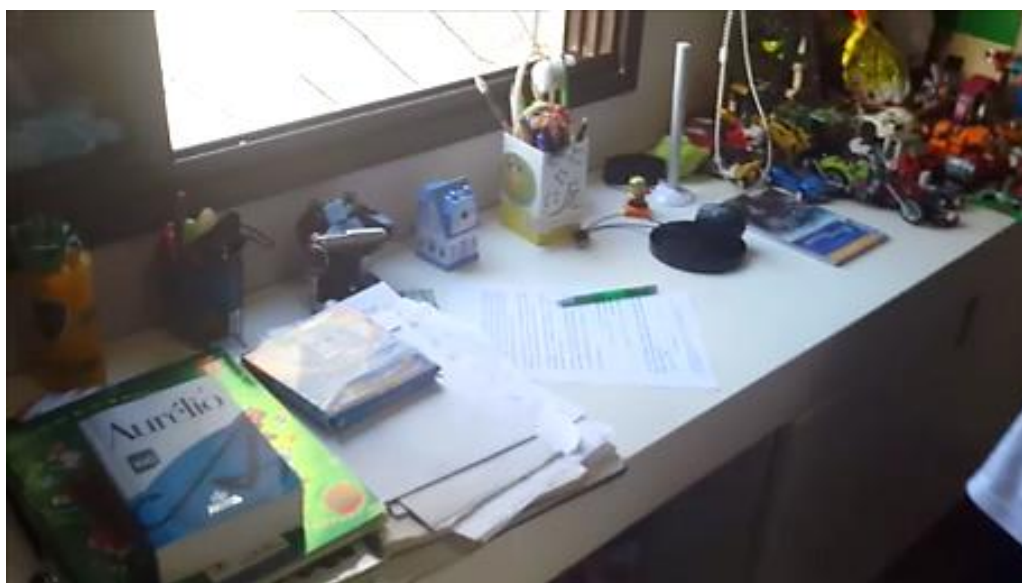


Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Apesar da importância conferida à escrivaninha, muitas crianças relataram que preferem fazer os deveres de casa em outro cômodo da casa, em geral, a mesa da sala de jantar, já que as escrivaninhas vivem cheias de outros objetos: pequenas coleções, brinquedos ou livros literários. Ao que parece, as crianças realizam uma apropriação desse móvel que tende a desviá-lo de sua destinação inicial, transformando-o em um “palco de suas ocupações prediletas”, como afirma Walter Benjamin (1987, p. 120), ao lembrar sua escrivaninha de infância: “Nada mais reconfortante do que permanecer assim, cercado por todos os instrumentos de minha tortura – vocabulários, compassos, dicionários – num lugar onde de nada valiam suas reivindicações”.

⁶⁵ Nos três quartos divididos entre irmãos, os pais reservaram o escritório da família para a realização das atividades escolares dos filhos.

Figura 59 – Escrivaninha de Abelardo, que prefere fazer os deveres escolares na sala



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Figura 60 – Escrivaninha de Larissa, que também prefere fazer dever de casa na sala



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Além da escrivaninha, foram encontrados nos quartos infantis visitados outros móveis e dispositivos relacionados à cultura escolar, como o varal para exposição das produções artísticas das próprias crianças e as pequenas bibliotecas. Sobre o gosto por colecionar livros, Benjamim (1987, p. 235) afirma que a origem da biblioteca de um adulto é a fidelidade à alegria proporcionada pela leitura na infância, podendo um livro antigo, herdado da mãe ou da avó, servir de solo “[...] no qual esse impulso lançará suas primeiras e delicadas raízes”.

Figura 61 – Biblioteca do quarto de Tiago, 7 anos



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

A descrição poética de Benjamin deixa entrever como a formação do gosto pela leitura pode ser potencializada pela familiaridade precoce com os livros e pela relação lúdica e afetiva com a própria literatura. Em algumas famílias do universo pesquisado, o quarto se mostrou como um espaço capaz de propiciar esse encontro entre a criança e a leitura. Em estantes ou prateleiras baixas, os livros preferidos estão dispostos e disponíveis para ser lidos e relidos no conforto e na privacidade do quarto. Entre estes, foram encontrados alguns livros de infância dos pais, o que permitiu identificar algumas crianças dessa pesquisa como herdeiros de algum capital cultural.

Figura 62 – Livros da mãe de Davi dividem a estante com os livros do menino



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Figura 63 – Biblioteca do quarto conjunto de Ítalo (7 anos) e Sabrina (4 anos)



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Outro fator que permitiu identificar as famílias com capital cultural mais elevado foi a seletividade em relação ao acervo, seja evitando livros comerciais, por exemplo, os livros-brinquedo ou com personagens de desenhos animados e de jogos de *video game*, seja priorizando os livros com textos clássicos e ilustrações de qualidade.

4.7 O quarto e os objetos culturais da infância mediados pela família

Além dos livros e dos brinquedos, é inegável que a internet constitui, na atualidade, um dos maiores desafios para a mediação parental, entendida aqui como um conjunto de diferentes estratégias utilizadas pelos pais com o objetivo de gerenciar o uso que os filhos fazem dos produtos culturais a eles disponibilizados. A mediação parental tem por objetivos não apenas aumentar o potencial educativo dos produtos culturais, mas também reduzir possíveis prejuízos, sobretudo em relação à segurança, uma vez que a internet tende a diluir as fronteiras entre o público e o privado.

Sabe-se que a mediação parental realizada especificamente em relação à internet, é dificultada pela presença do computador no quarto da criança. No entanto, o *tablet*, utilizado até mesmo por crianças muito pequenas que não possuem ainda um telefone celular, passa a ser o centro das preocupações, diante do fato de que sua portabilidade dificulta a mediação parental (ALMEIDA *et al.* 2011). Estabelecer limites para o uso do equipamento “é uma luta”, como confessam muitos pais.

Em relação à televisão, equipamento que há algumas décadas chamava para si todas as preocupações, grande parte dos pais de crianças pequenas afirmou ser contra a presença do eletrodoméstico no quarto dos filhos menores, mas entendem que isso deixa de ser um problema por volta dos 10 anos. Abelardo, que completará essa idade em pouco tempo, lembra a promessa feita por sua mãe, a arquiteta Letícia, de instalar uma televisão em seu quarto após esse marco etário. Pergunto a ele que uso fará do aparelho, se ele será utilizado para assistir programas de TV, You Tube ou para jogar eletrônicos:

Letícia: Pra quê? Pra nada, né?

Abelardo: Menos pra jogar e mais pra ver TV. Eu queria conectar no YouTube.

Pesquisadora: O que você gosta de ver no Youtube?

Abelardo: Vídeos de Nerf⁶⁶ e Minecraft.⁶⁷

Pesquisadora: E você joga Minecraft e o que mais?

Abelardo: Fifa, The Sims...

Pesquisadora: The Sims⁶⁸ é aquele jogo em que você cria uma personalidade?

⁶⁶ Linha de armas de brinquedo produzidas com um material esponjoso para evitar acidentes, permitindo brincadeiras em ambientes fechados.

⁶⁷ Jogo em que o objetivo é construir um mundo a partir da montagem de blocos de construção e outros materiais disponíveis.

⁶⁸ Assim como o *Minecraft* e tantos outros jogos mencionados pelas crianças da pesquisa, o *The Sims* é um jogo do tipo *sandbox*, ou seja, um jogo aberto. Nele, o jogador escolhe o personagem que deseja ser e constrói a

Abelardo: Não, é aquele que você cria a sua vida. Minha mãe já está por aqui dele. [faz gesto com a mão no topo da cabeça]

Letícia: É que eu acho que esse jogo não é pra idade do Abelardo. Ele difundiu e acaba que você tem que conviver com uma coisa que não indicaria pro seu filho. [No jogo] Tem que casar, ter filho, comprar o berço... Nós até tivemos uma conversa outro dia sobre isso. Mas ele [o filho] é adiantado, está no quinto ano, [...] então convive com crianças mais velhas e acaba tendo contato com assuntos que não seriam pra idade dele.

Pesquisadora: E o Minecraft, o que você acha dele?

Letícia: Vou te ser sincera, eu acho o Minecraft uma bobagem. Não consigo entender. Eu levei o Abelardo outro dia no escritório e em meia hora ele estava mexendo no SketchUp.⁶⁹ Como disse meu pai, era melhor que ele estivesse construindo no Sketchup, porque, daqui a pouco, ele estava fazendo perspectiva pra mim [...]. Então eu fico olhando aqueles blocos [...] Não consigo entender como um menino que usa televisão HD com uma tela desse tamanho pode gostar de um jogo com uma resolução de imagem tão ruim.

Algumas teorias (PRENSKY, 2001; TAPSCOTT, 1998), aliás bastante difundidas no senso comum, concebem as crianças como ‘nativas digitais’ e, por isso, mais hábeis em relação aos adultos, considerados como ‘imigrantes digitais’. A imagem de crianças que sabem mais do que os adultos e um possível hiato geracional causado pelas novas tecnologias, têm levado até mesmo ao questionamento da possibilidade de transmissão cultural entre gerações.

No lugar de tomar a relação entre as gerações e as tecnologias de forma essencialista (BUCKINGHAM, 2008), homogênea e universal (ALMEIDA *et al.* 2013), pesquisas sobre a relação das crianças portuguesas com as mídias (ALMEIDA *et al.* 2013, 2015) demonstram que, nas famílias com um nível escolar mais alto, tal como a família de Abelardo, são os pais que continuam a conduzir o processo de alfabetização digital dos filhos, enquanto nas famílias com escolaridade mais baixa, as crianças tendem a assumir a centralidade desse processo, muitas vezes auxiliando até mesmo os adultos da casa.

O trecho acima transcrito, extraído da entrevista com Letícia e seu filho Abelardo, confirma esses resultados das pesquisas portuguesas. Ainda que a criança seja um usuário competente das novas tecnologias, a mãe media o acesso de Abelardo, seja realizando uma educação estética, seja evitando que ele tenha contato com assuntos considerados inapropriados por fazerem parte de uma reserva simbólica do adulto (SARMENTO, 2004),

própria vida sem um objetivo específico. Trata-se, portanto, de um jogo cujo objetivo pode ser ‘personalizado’.

⁶⁹ *Software* para criação de modelos em 3D.

Assim, em muitas residências visitadas, o que se pôde observar foi a família exercendo de forma contundente o papel de filtro do acesso cultural dos filhos, garantindo, assim, a preservação dos valores estéticos e éticos desse grupo. Diversos pais evocaram a “preservação da infância” como razão para a mediação parental, controlando ora conteúdos que, segundo eles, poderiam levar a uma “sexualização precoce”, ora o tempo de uso dos equipamentos, que poderia comprometer o tempo de outras atividades consideradas brincadeiras mais genuínas.

A partir da “cultura do quarto” de crianças francesas, Glevarec (2010) conjuga esse cômodo em três tempos, segundo os significados conferidos a esse espaço pelas próprias crianças:

- o quarto como espaço de brincar, próprio da primeira infância;
- o quarto como casa dentro da casa, possibilitador da autonomia reivindicada na pré-adolescência (ou segunda infância); e
- o quarto como lugar de paixões e identificações adolescentes.

No caso da presente pesquisa, essa classificação etária não foi observada. Ao contrário, os quartos visitados se apresentaram como uma sobreposição desses três momentos, e o brincar, considerado por Glevarec (2010) como característica do quarto da primeira infância, é predominante mesmo nos quartos de crianças que já viviam sua segunda infância. Para ilustrar a ideia de muitos tempos que se sobrepõem em um espaço, ou seja, de um espaço com vestígios de tempos passados, o campo da arquitetura utiliza com frequência a imagem de um palimpsesto. O termo designa uma técnica muito comum na Idade Média, que consistia em, mediante o alto custo do pergaminho, raspar o texto primitivo para reutilizá-lo, dando lugar a novo texto. Tomando de empréstimo a metáfora, podemos pensar, portanto, nos quartos das crianças como um palimpsesto em que se sobrepõem diferentes momentos da infância.

Figura 64 – Bonecas do quarto de Ana Laura, 11 anos



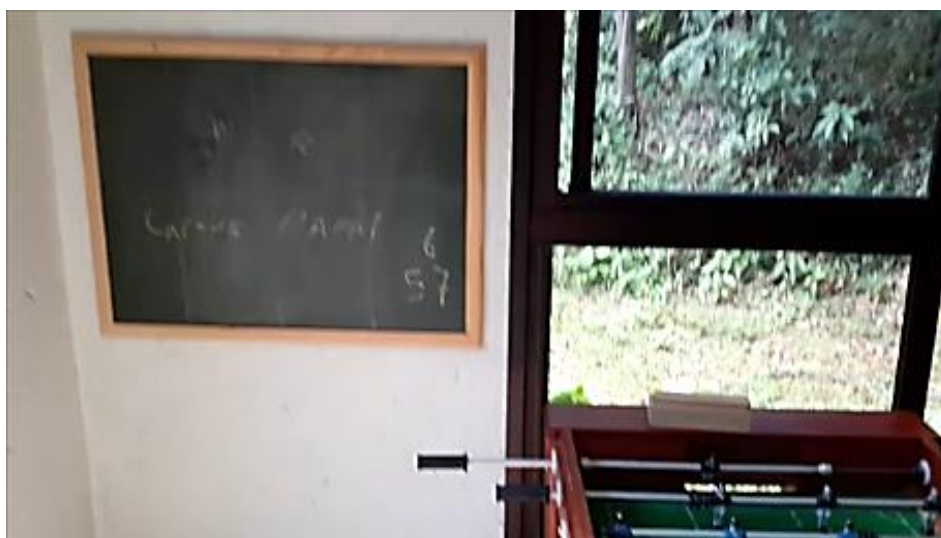
Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Figura 65 – Cômoda com 3 gavetas repletas de roupas de boneca



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

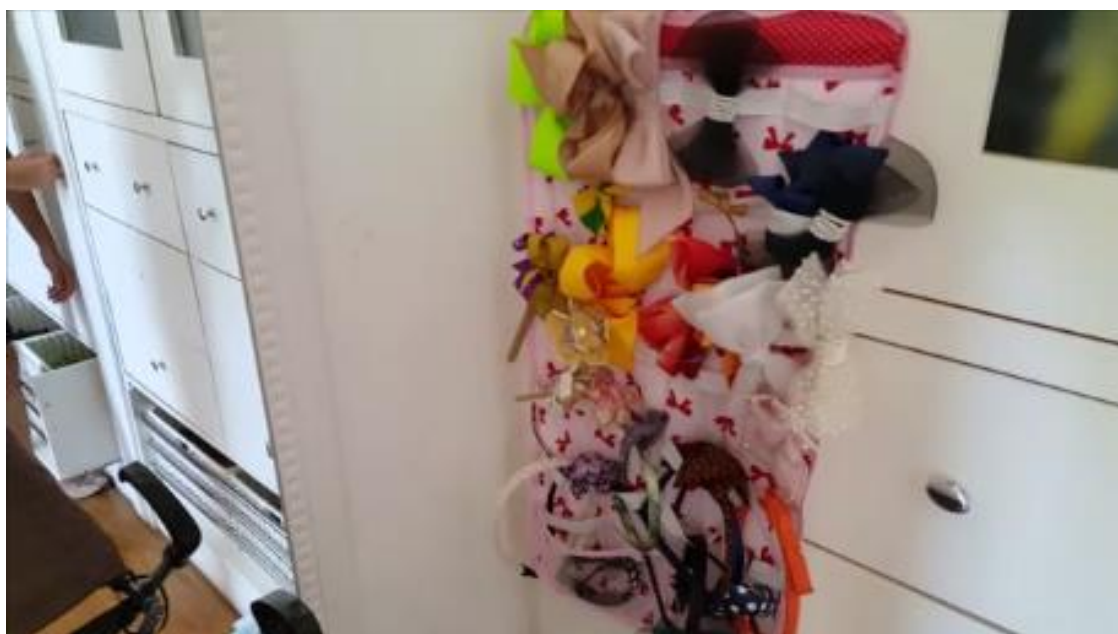
Figura 66 – Pebolim do quarto de Cauã



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Por fim, se a mediação parental age sobre a natureza dos objetos disponibilizados nos quartos, é notável também a grande quantidade de objetos proporcionados. Com armários repletos de brinquedos e roupas, essas crianças vivenciam cotidianamente certa angústia da escolha decorrente da quase inexistente restrição das necessidades, sentimento que a língua francesa bem define pelo termo *l'embaras du choix* (o embaraço da escolha). Assim, não foram raras as mães que formularam “ele tem tudo” ou “até isso ele tem”, assim como houve crianças que declaram “eu quero tudo”.

Figura 67 – Coleção de laços de cabelo de Ana Laura



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Figura 68 – Brinquedos do quarto de Ítalo e Sabrina



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Figura 69 – Brinquedos do quarto de Gustavo



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Se, por vezes, os quartos infantis não são tão suntuosos quanto os outros cômodos das casas, a explicação talvez resida no fato de que esses espaços íntimos, ao contrário das salas de estar, estão a salvo do olhar das visitas. Além disso, como Bourdieu ([1979] 2006) afirma, nos cômodos mais íntimos, os sujeitos tendem a retomar suas memórias afetivas, espelhando mais a origem do que a posição social atual. Assim, é possível que, nas famílias com trajetória

ascendente, as salas de estar ostentem a posição social atual, enquanto os quartos íntimos sejam decorados com elementos do próprio quarto de infância, atualizando as disposições estéticas mais antigas e conferindo um aspecto nostálgico aos quartos infantis.

Em alguns quartos visitados, em residências de famílias que possivelmente estão em trajetória ascendente, os quartos se mostraram mais investidos de ‘objetos-mercadorias’, possibilitados pelo recente acesso ao consumo. Outros quartos eram mais equipados de objetos da cultura escolar, que refletiam a boa vontade cultural e uma certa ansiedade em relação ao sucesso escolar dos filhos. Outros quartos ainda, possivelmente de grupos mais estabelecidos, possuíam uma decoração mais minimalista, que refletia, de certa forma, a certeza e a tranquilidade de uma posição já instalada:

O interior de cada moradia exprime, em sua linguagem, o estado presente e, até mesmo, passado, daqueles que o ocupam, revelando a segurança sem ostentação da riqueza herdada, a arrogância espalhafatosa dos novos-ricos, a miséria discreta dos pobres ou a miséria dourada dos “primos pobres” que pretendem viver acima de seus recursos: estamos pensando no menino da novela de D. H. Lawrence, intitulada *The Rocking-Horse Winner*, que escuta, em toda a casa e em seu próprio quarto – apesar de repleto de brinquedos bem caros –, este cochicho: “deve haver mais dinheiro” (BOURDIEU, [1979] 2006, p. 75).

No conto de D. H. Lawrence a que Bourdieu se refere, incluído recentemente em uma antologia de contos de terror,⁷⁰ a criança escuta, entre as paredes de seu quarto repleto de brinquedos, aquilo que ninguém menciona: a posição social de sua família. Essa escuta, que cada criança pode fazer a partir do espaço habitado e do sistema de objetos classificáveis socialmente que o compõem, contribui para a construção de disposições de classe e para a construção de disposições referentes a outras dimensões, por exemplo, o gênero.

4.8 O sexo dos quartos infantis

Com a possibilidade de descobrir o sexo do bebê bem antes do nascimento, os casais contemporâneos escolhem, cada vez mais precocemente, decorações de quartos “de menino” ou “de menina” (ROLLET; PELAGE, 2014). Essa clivagem por sexo foi observada nas visitas às lojas de decoração, quando algumas vendedoras apresentaram à pesquisadora

⁷⁰ Ver: COSTA, F. M. (Org.). *Os melhores contos de medo, horror e morte*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

catálogos de produtos identificados como quartos para meninos decorados com imagens de meios de transporte, super-heróis ou animais da savana ou como quartos para meninas, com um universo simbólico que girava em torno de princesas, fadas, jardins e bonecas.

Se as revistas de decoração, que desempenham hoje inegável papel pedagógico, não trazem mais prescrições explícitas sobre a decoração do quarto de meninos e meninas como em meados do século XX (DANTAS, 2014),⁷¹ a diferenciação na decoração passou a ser menos explícita e consciente, constituindo uma espécie de indizível onipresente (CRESSON, 2010). A pesquisa de Sampaio (2000), realizada com revistas contemporâneas de decoração, demonstra que os quartos de meninas apresentados como modelo são imersos em uma ambientação romântica, enquanto os quartos de meninos são investidos do imaginário da aventura e da ação.

Embora a sexuação dos espaços infantis efetuada pelo mercado ocorra de forma indizível, alguns entrevistados traduziram-na em palavras. Helena tem um filho de 15 anos e uma filha de 11 anos. Quando a caçula nasceu, ela decidiu transferir o quarto do primogênito, reservando o cômodo que até então era dele para a irmã recém-nascida. Segundo Helena, essa reorganização espacial ocorreu porque ela julgava que aquele quarto era “mais de menina”. Sendo maior e possuindo um pequeno anexo, o cômodo poderia, futuramente, ser convertido em um *closet*, explica. Também as vendedoras de lojas de decoração afirmaram que os pais investem mais no quarto das meninas: “Elas têm mais coisas”, concluiu uma delas.

A família de Helena reside em uma casa de três andares, contando com uma ampla área externa e piscina. A mãe explica que a filha brinca mais no quarto do que na área externa. Quando pergunto a razão, ela responde que talvez seja pelo fato de que a casa é grande, tornando excessivamente trabalhoso descer com os brinquedos. A filha, Ana Laura, complementa dizendo que o cachorro também atrapalha. E, finalmente, a mãe acrescenta: “Meu filho Rafael, por ser homem, brinca mais lá embaixo. Tem o *skate*, a bola. O tipo de brincadeira é diferente. Ele vai mais pra fora do que ela”. Esse trecho da conversa com Ana Laura e Helena sugere a possibilidade de se pensar o quarto como um espaço mais feminino, uma vez que os meninos seriam mais incentivados a brincadeiras físicas, habitualmente praticadas em áreas externas.

⁷¹ Ver FIG. 13, cap. 3 deste trabalho.

Outra vendedora entrevistada chamou ainda a atenção para a oferta das escrivaninhas ‘para os meninos’ e a opção de penteadeiras ‘para as meninas’. Essa distinção, formulada pela vendedora, sugeriu a possibilidade de observar as escrivaninhas, as penteadeiras e os espelhos nos quartos de meninos e meninas visitados. Assim, pude confirmar que as escrivaninhas eram mais frequentes nos quartos de meninos e, quando presentes no quarto das meninas, eram geralmente multifuncionais, ou seja, ofereciam também um espelho e gavetas para guardar acessórios de cabelo e maquiagem. Por outro lado, somente em um dos quartos masculinos visitados foi possível observar a presença de um espelho de corpo inteiro.

Figura 70 – Penteadeira do quarto de Ana Beatriz, 8 anos



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Considerando o efeito simbólico de se reservar um espaço de estudos no quarto infantil, a substituição da escrivaninha pela penteadeira parece sugerir que são desiguais as expectativas endereçadas a meninos e a meninas no que diz respeito à trajetória escolar, assim como são desiguais as condições materiais para a realização das atividades escolares. Além disso, a presença de espelhos no quarto das meninas e a quase absoluta ausência dele no quarto dos meninos indica que os espaços e os objetos contribuem para a construção social do corpo, atribuindo-se à menina o trabalho de manutenção da aparência corporal, ao passo que, no caso dos meninos, a masculinidade é frequentemente inscrita corporalmente (ou incorporada) por meio da prática dos esportes.

Resultado de uma seleção aleatória, a amostra pesquisada revelou-se desproporcional entre meninos (22) e meninas (9), razão pela qual este trabalho não pode concluir assertivamente sobre como e em que medida os quartos contribuem para a socialização de gênero. No

entanto, utilizei como estratégia a comparação entre quartos de irmãos de sexos diferentes, a fim de minimizar as limitações do material que possuía e, assim, abordar, ainda que de forma tangencial, um aspecto significativamente relevante da decoração para crianças. Seguem abaixo, os dados referentes aos quartos de dois irmãos de sexos diferentes oriundos de duas famílias: a primeira dupla de irmãos são Daniele (9 anos) e Leopoldo (6 anos), e a segunda, Vítor (9 anos) e Laís (6 anos).

O quarto de Daniele é decorado com cores suaves e detalhes minimalistas em materiais que sugerem leveza: babados, espelhos e plumas. A sensação proporcionada pelo ambiente é de calma e segurança. Como mostram as fotografias abaixo, a escrivaninha de Daniele é multifuncional, conjugando um espaço para a realização das atividades escolares com um espaço para maquiagem.

Figura 71 – Decoração minimalista e em cores suaves



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Figura 72 – Bibelôs delicados



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Figura 73 – Escrivadinha multifuncional de Daniele -1



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora.

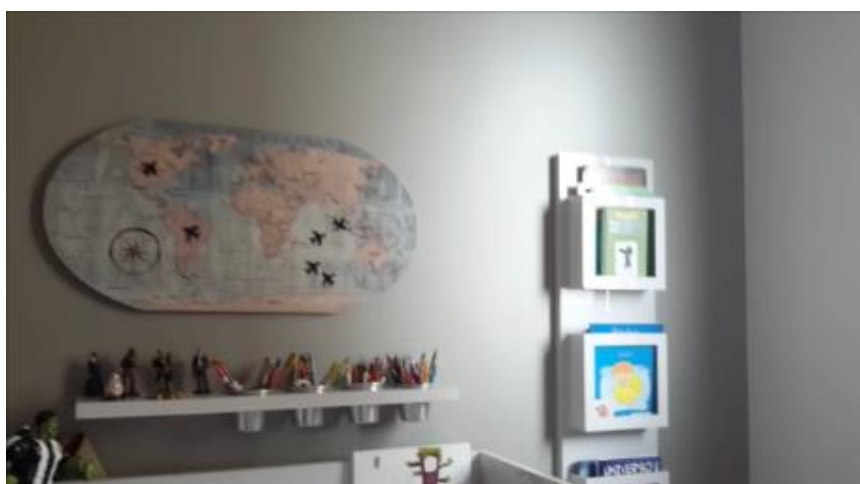
Figura 74 – Escrivadinha multifuncional de Daniele -2



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora.

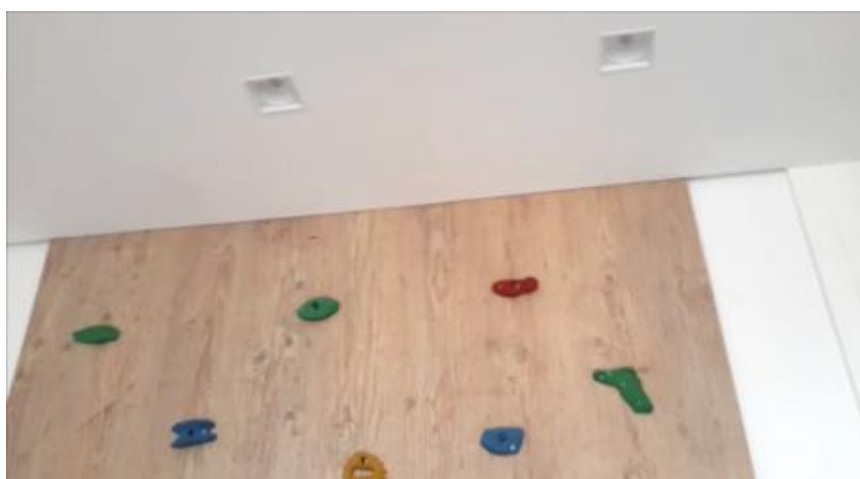
Por sua vez, o quarto de Leopoldo, irmão caçula de Daniele, conta com uma parede de escalada (ou rocódromo), que sugere a ideia de aventura, oportunizando a prática de uma atividade física individual, que tem por objetivo alcançar o topo, utilizando a própria força para vencer os perigos e os obstáculos. Acima da escrivaninha do quarto de Leopoldo, encontra-se afixado um mapa-múndi com peças imantadas e em forma de avião. Ao lado, uma pequena biblioteca, móvel ausente no quarto de Daniele.

Figura 75– Quarto de Leopoldo, 6 anos



Fonte: Vídeo produzido pela criança.

Figura 76– Parede de escalada do quarto de Leopoldo



Fonte: Vídeo produzido pela criança.

Vemos a seguir as fotografias dos quartos de Vítor (9 anos) e de sua irmã Laís (6 anos). Os dois quartos foram decorados recentemente, com projeto produzido por uma decoradora. O

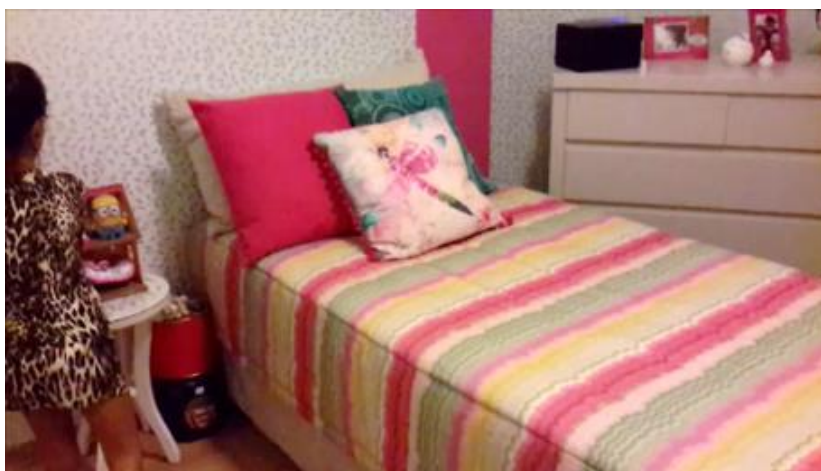
quarto de Laís exibe predominantemente tons pastéis. Sua escrivaninha tem uma lateral com tampo de vidro, onde podem ser guardados bolsos e acessórios. O quarto contém ainda uma cômoda que serve como auxiliar do armário embutido na função de guardar as roupas de Laís. Seus brinquedos giram em torno do tema ‘casinha’.

Figura 77 – Escrivaninha multifuncional de Laís e espelho de corpo inteiro



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Figura 78– Cama e cômoda do quarto de Laís



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

O quarto de Vítor, por sua vez, ostenta cores primárias, principalmente o vermelho. Acima de sua escrivaninha encontra-se um mapa-múndi e alguns objetos ícones da capital britânica, Londres: a cabine telefônica e o ônibus de dois andares. Seu quarto também conta com uma

biblioteca e uma parede revestida com um papel de parede com nomes das principais capitais do mundo.

Figura 79 – Decoração com objetos ícones de outras culturas



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Figura 80 – Papel de parede com o nome de cidades de vários países



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Figura 81 – Estante do quarto de Vítor



Fonte: Vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

Esse conjunto de fotos permite demonstrar a sexuação dos quartos. A decoração parece traçar uma fronteira simbólica que reserva o ambiente interior às meninas e o mundo aos meninos. Ela possibilita aos meninos um maior domínio do espaço (através da parede de escalada ou de objetos que são suporte do *ethos* cosmopolita) e um maior domínio do tempo (pelo culto à velocidade e também por serem eles os herdeiros privilegiados de alguns legados simbólicos, inclusive dos nomes). Além disso, as bibliotecas se mostraram aqui móveis predominantemente masculinos. A explicação para isso talvez esteja associada à predominância da escrivaninha nos quartos dos meninos, ou seja, a uma possível ampliação da expectativa parental em relação à escolaridade dos meninos.

Por sua vez, a socialização das meninas tende a ficar mais circunscrita ao ambiente protegido do espaço doméstico, sendo o quarto feminino e seus espelhos, um lugar propício aos cuidados com o corpo que fazem parte do aprendizado social do tornar-se mulher. Por ser um espaço feminino é que é concedido às meninas o maior quarto, e também mais espaços de armazenamento para seus inúmeros vestidos e acessórios.

Enfim, os quartos infantis constituem espaços marcados pela clivagem de gênero que podem ter por efeito a reprodução das desigualdades. Replicando práticas sociais consideradas femininas ou masculinas, os espaços íntimos contribuem para a construção de disposições, isto é, modos de pensar, de se portar, gostos e aspirações, que têm o efeito de uma profecia

autorrealizável: a trajetória social das crianças, traçada entre móveis e objetos, teria mais chances de se cumprir.

4.9 Uma análise de três quartos: os pais, as crianças e os espaços domésticos

Neste trabalho, duas ferramentas foram utilizadas com o objetivo de contextualizar minimamente os dados coletados. A primeira é o índice biográfico (Apêndices E e F), instrumento sugerido por Kaufmann (2013), que reúne os dados de cada família ou de cada indivíduo, a fim de permitir uma leitura transversal da tese. A segunda ferramenta, a que se refere o presente item, consiste na elaboração de três perfis com base nos depoimentos dos pais e das crianças, além de informações obtidas a partir da observação dos espaços e dos objetos. A leitura articulada de informações provenientes dessas três fontes torna-se ainda mais importante uma vez que o objeto central desta tese é a socialização, aqui compreendida como a transmissão e a interpretação de normas e valores de uma cultura específica, em um duplo movimento que o conceito de reprodução interpretativa (CORSARO, 2011) busca sintetizar. Trata-se, portanto, de compreender a socialização não apenas como uma ação das instituições, mas, no caso desta pesquisa, como um processo resultante da interação entre pais, filhos e o espaço. Com essa finalidade, foram eleitos três quartos entre os visitados: o quarto de Isabel, o de Paulo e o de Tiago.

O exemplo de Isabel foi escolhido por ser representativo da opção por morar em um condomínio fechado, que oferece a vantagem de ser protegido da violência urbana, mas que também reflete um esforço para ‘estar entre iguais’, frequentemente convertido em uma forte rejeição ao diferente. Os deslocamentos de Isabel mostram que o confinamento desse grupo social, que busca para seus filhos espaços de sociabilidade e socialização homogêneos, não se traduz em um confinamento espacial. Trata-se de uma criança que dispõe de razoável mobilidade pela cidade, possibilitada inclusive pela contratação de um motorista. Além disso, a família se dirige para o campo nos fins de semana e, habitualmente, realiza viagens internacionais nas férias. Por fim, o quarto de Isabel é ainda exemplar da liberdade concedida pelo subjetivismo estético e pela dessacralização dos móveis, contando com uma geladeira utilizada como estante para guardar livros.

O quarto de Paulo, por sua vez, foi escolhido por prever espaços de armazenamento de pertences que podem ser compreendidos como uma materialização do *ethos* financista, que atravessa gerações de sua família, como relatou sua mãe, Luana. Na conversa com Paulo, que antecedeu a visita a seu quarto, ele descreveu, detalhadamente, sua rotina, o funcionamento de uma festa na *boate-bus*, seus jogos eletrônicos preferidos e o projeto de decoração de seu quarto, sabendo descrever as razões que determinaram algumas decisões de compra da família, comparando itens da concorrência e analisando o preço de mercado.

Por fim, o quarto de Tiago, 7 anos, ilustra bem o modo como o capital cultural pode ser transmitido em um ambiente lúdico e afetivo que combina o reconhecimento e a nomeação das heranças simbólicas com a liberdade para ressignificá-las. O quarto age aqui como um suporte para a memória da criança e da família, gerida pela mãe e reapropriada pela criança.

4. 9.1 O quarto de Isabel: espaço de estar só e a liberdade para fazer o que bem entender

Figura 82 – Planta área de lazer edifício Olympus



Fonte: Site da construtora

<<https://www.cyrela.com.br/imovel/olympus-orion-e-hera-apartamento-vila-da-serra-nova-lima-mg>>

Isabel tem 8 anos e mora no condomínio *Olympus* com seu irmão de 6 anos, seus pais e os empregados; a mãe é arquiteta, e o pai, empresário. O apartamento tem 8 quartos, todos com

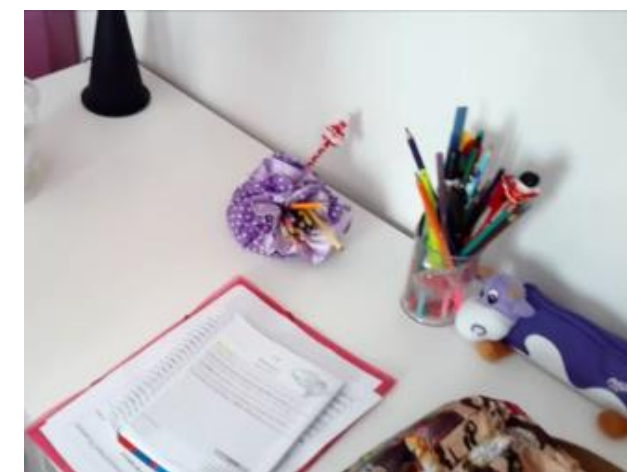
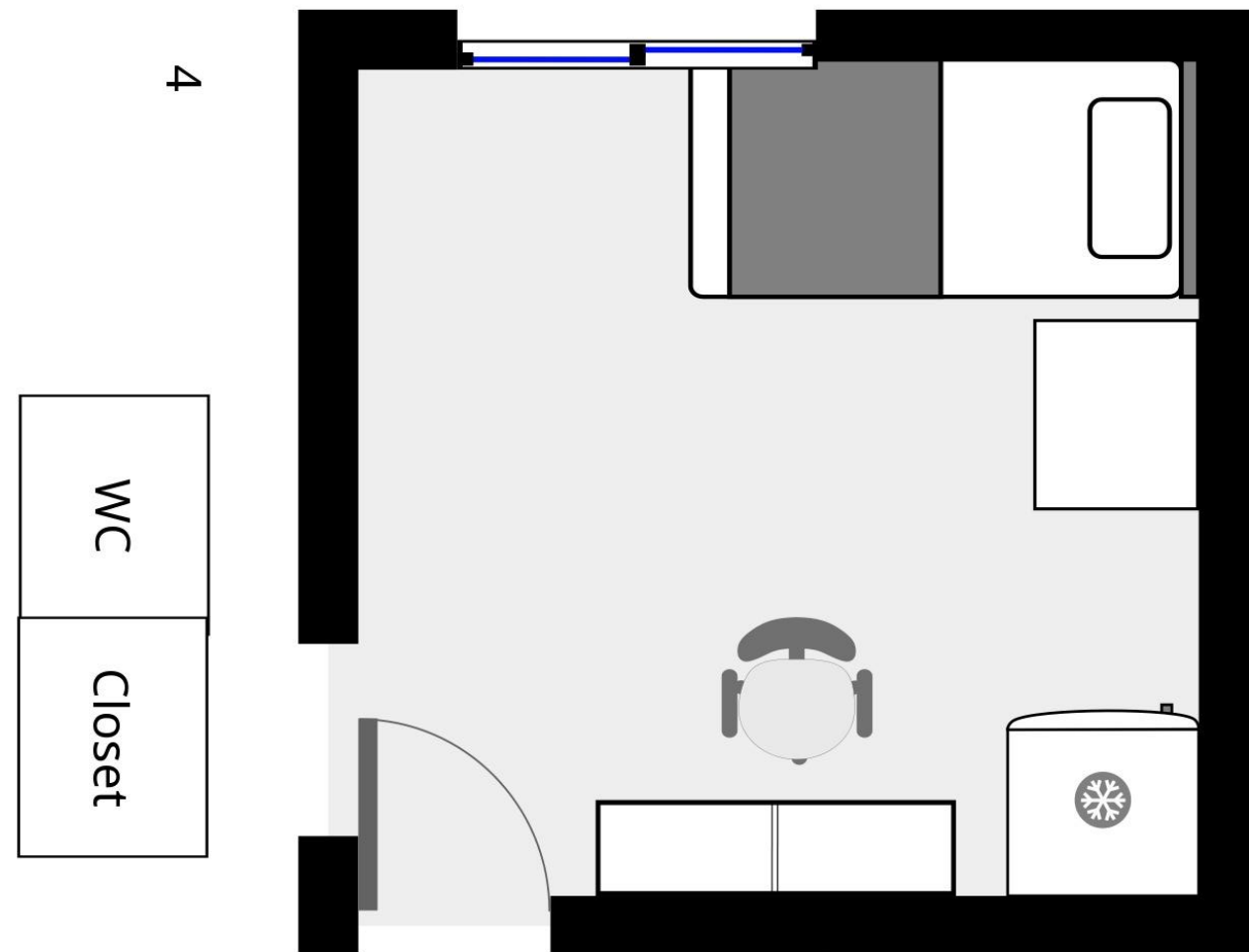
A sala é decorada com móveis amplos e suntuosos, que em nada prejudicam a circulação. As crianças correm, Isabel vira uma cambalhota no sofá, mas adverte que sua mãe, Fabiana, não deixa que ela e o irmão brinquem com tinta e massinha ali: “Se pingar uma gotinha de tinta nesses tapetes, ela corta minha cabeça”, brinca.

A família se mudou para esse apartamento há apenas três anos. Em uma mudança residencial anteriormente realizada, a mãe e as crianças viajaram para a Disney enquanto o novo apartamento era pintado; porém, na última mudança, o pai não autorizou a viagem, então o apartamento não foi pintado. Sobre as razões que levaram a família a realizar uma nova mudança residencial, a mãe afirma que o *Olympus* é mais seguro e que no prédio anterior não havia crianças. Sobre isso, Isabel completa indignada: “A gente tinha que conviver com pessoas idosas!”

Embora o condomínio disponha de diversos dispositivos de segurança de última geração, a mãe explica que as crianças não descem sozinhas para a área de lazer, estão sempre acompanhadas pelo motorista. Isabel afirma que gosta de andar de bicicleta em torno do lago (artificial) da área de lazer. As atividades extraescolares praticadas pela menina são equitação, inglês, violão, *taekwondo* e balé. Às vezes, é a mãe quem realiza o transporte de Isabel até essas atividades; às vezes, essa função é realizada pelo motorista. Nos fins de semana, Isabel vai para a fazenda do avô e algumas vezes utiliza um helicóptero nesse deslocamento. Sobre suas atividades na fazenda, ela conta que gosta de acordar cedo para andar a cavalo. Em seguida, faz um piquenique no curral, cuida do pônei e volta para a sede. Às vezes, pesca ou anda de bicicleta.

Durante a semana, Isabel também gosta de brincar em seu quarto, umas das cinco suítes do apartamento. Sobre essa questão, ela considera que dividir o quarto com o irmão “seria o caos”! Quando escuta sua mãe contando que, na infância, compartilhava o quarto com a irmã, Isabel comenta: “Que horror!” e por fim conclui: “Prefiro brincar sozinha, porque assim a brincadeira é do jeito que eu quero”. Contando com um espaçoso *closet* onde guarda roupas e brinquedos, seu quarto tem poucos móveis e objetos expostos: uma escrivaninha, uma geladeira-estante, um criado-mudo e uma cama. A maioria dos móveis são largos e fabricados em madeira escura, passando a sensação de certo peso, imobilidade e tradicionalidade, que geram um contraste com a geladeira em cor-de-rosa onde estão guardados os livros e os cadernos da menina.

Figura 84 – Planta do quarto de Isabel



4.9.2 O quarto de Paulo: espaço planejado para guardar pertences

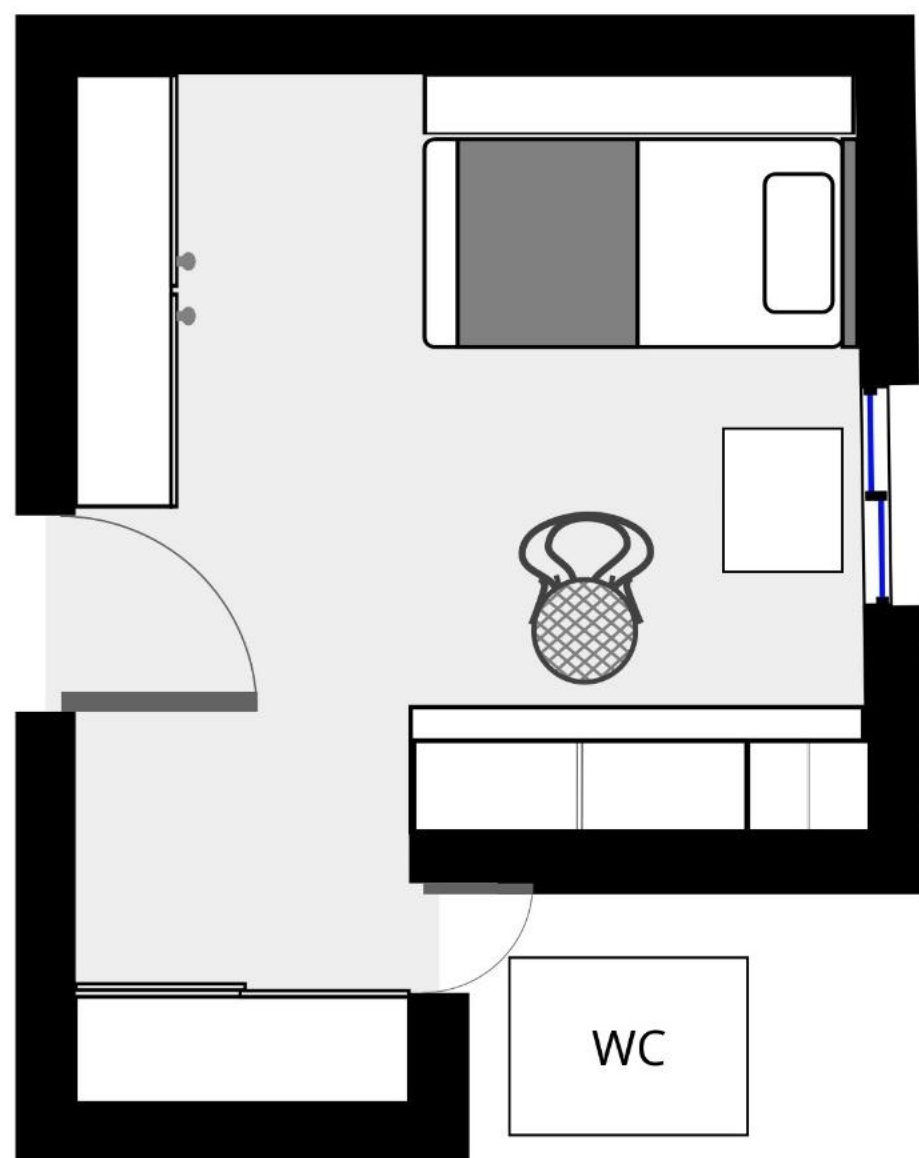
Paulo tem 11 anos e é filho único. Ele e sua família residem em um apartamento de três quartos em um edifício com ampla área de lazer. Sua mãe, Luana, é fisioterapeuta; no entanto, ao preencher a ficha de dados da entrevista, momento em que o gravador da entrevistadora ainda estava desligado, ela explica que a soma de seu salário e do marido não ajuda a localizá-los socialmente, uma vez que grande parte da renda familiar advém de aplicações financeiras. Os investimentos são um hábito que adquiriu ainda jovem. Nas datas especiais, seu pai presenteava os filhos com aplicações, de forma que eles cresceram tendo por hábito a realização de operações no mercado financeiro.

A familiaridade com as finanças emergiu durante a conversa com Paulo, que, para uma criança de 11 anos, demonstrou ter um inabitual conhecimento do orçamento da casa e mesmo da administração pública. Diversos itens que foram tema de nossa conversa, da assinatura mensal de um de seus jogos eletrônicos preferidos à sua festa de aniversário, foram devidamente precificados pelo menino. Sobre essa habilidade, a mãe explica que o filho sabe até mesmo o valor gasto pela prefeitura em 2016 na realização da limpeza da pichação da Igreja da Pampulha, ocorrida naquele ano: “8 mil reais! Um custo de 8 mil!” – explica Paulo.⁷²

Até o ano anterior à realização da visita da pesquisadora, Paulo voltava da escola em um transporte escolar, mas ele afirma que não gostava disso porque, percorrendo um longo trajeto para deixar várias crianças em casa, o ônibus demorava muito para chegar. Apesar dessa queixa em relação ao tempo perdido no trânsito em um ônibus escolar, Paulo comemorou seu aniversário em uma *boatebus*:

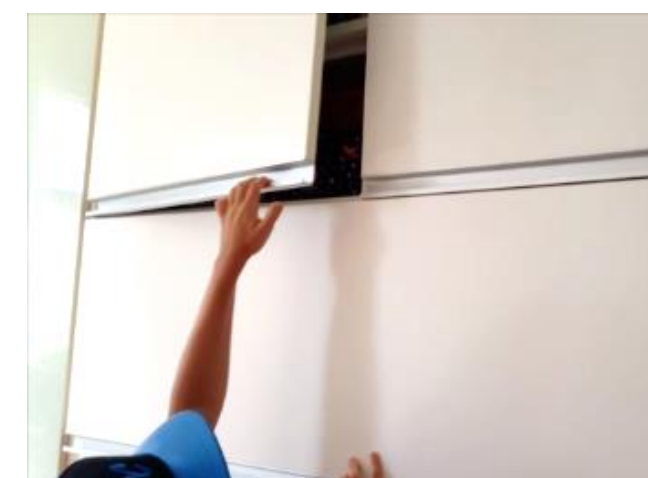
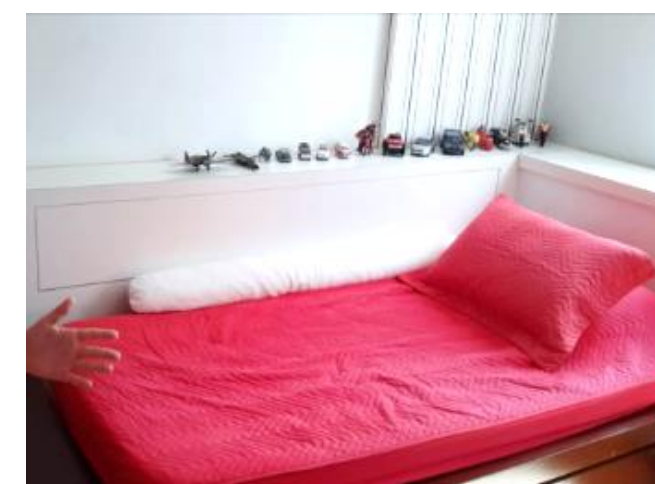
⁷² As evidências de uma educação financeira também foram percebidas em outros casos. Leandro, 6 anos, irmão de Isabel, tem em seu quarto um móvel no qual estão dispostos troféus de hipismo do pai e outros objetos herdados. Entre esses objetos, está um cofrinho de gesso em forma de porquinho, onde ele guarda um dinheiro com um objetivo ambicioso: “É para comprar uma casa”, explica.

Figura 87 – Planta do quarto de Paulo



ESTA PLANTA É FORNECIDA SEM QUALQUER TIPO DE GARANTIA. SENSOPIA ESTÁ ISENTA DE QUALQUER GARANTIA, INCLUINDO, SEM LIMITAÇÕES, GARANTIAS DE SATISFAÇÃO E PRECISÃO DAS MEDIDAS.

Fonte: Planta produzida com o aplicativo Magic Plan.
Fotos retiradas do vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.



4.9.3 O quarto de Tiago: espaço de reinterpretação de heranças

Tiago tem 7 anos, é filho único e mora há três anos em um amplo apartamento com área privativa gramada. A planta do imóvel foi modificada, de forma que os ambientes fossem integrados: varanda, cozinha, sala de estar, sala de jantar e sala de televisão formam um único ambiente iluminado e ventilado, o que gera a impressão de amplitude e liberdade. O menino explica que prefere a casa nova porque, “tecnicamente, ela é melhor para jogar bola”.

Os móveis da casa, vários deles indicados por Tiago e sua mãe Sara como herança familiar, são predominantemente de madeira. A mãe é psicóloga, faz doutorado em Madrid, e o pai é cineasta. Sobre sua família, Tiago afirma que ela é composta por cinco membros: ele, o pai, a mãe, um cachorro e seu peixe, “que morreu em uma sexta-feira de março”. Tiago é uma criança articulada e participa da entrevista com humor. Ele explica, sob os protestos da mãe que, assim como o banco que era da sua bisavó, o quarto “é o lugar de esconder melecãs”.

A mãe explica que, na última mudança residencial, se desfez da cômoda que fazia parte do quarto do filho desde quando ele era bebê e adquiriu uma estante em seu lugar, uma vez que Tiago já possui um número considerável de livros. Desde que Tiago era bem pequeno, os pais cultivam o hábito de ler para o filho antes de dormir. Atualmente, ele tem preferido os livros com capítulos, como *O diário de Pilar na Grécia*.⁷³

No novo quarto de Tiago, a mãe manteve parte da decoração de parede do quarto do apartamento antigo em que moravam, para que ele não sentisse tanto a mudança. Em outra parede, compôs uma espécie de museu pessoal com a história de Tiago: fotos, medalhas e cartões confeccionados pelo filho. Durante a apresentação do quarto, ele não confere tanta importância a essas lembranças e quando questionado pela pesquisadora, afirma que foi sua mãe “quem pôs essas coisas aí”. Por outro lado, demora-se em uma parede em que é autorizado a colar adesivos. São figurinhas variadas a partir das quais ele cria histórias.

⁷³ Obra da literatura infantil brasileira contemporânea, de autoria de Flávia Lins e Silva, narra a história de Pilar que, através de uma rede de descanso, consegue uma passagem ‘mágica’ para a Grécia Antiga, onde vive aventuras com deuses e heróis da mitologia grega.

Aqui é minha historinha. Eu faço histórias com os adesivos. É assim: Todo mundo ‘tava’ torcendo pro time do Cruzeiro, menos o Pato Donald, que ‘tava’ torcendo pro time rival. Aí, o time do Cruzeiro isolou a bola e o Mcqueen⁷⁴ deu um carrinho [Tiago brinca aqui com o duplo sentido da palavra carrinho, que é, ao mesmo tempo o carro – personagem e uma manobra do futebol]. Aqui do lado é outra história. O cara viu essas duas gatas e o ficou apaixonado. [Fica constrangido e muda de assunto].

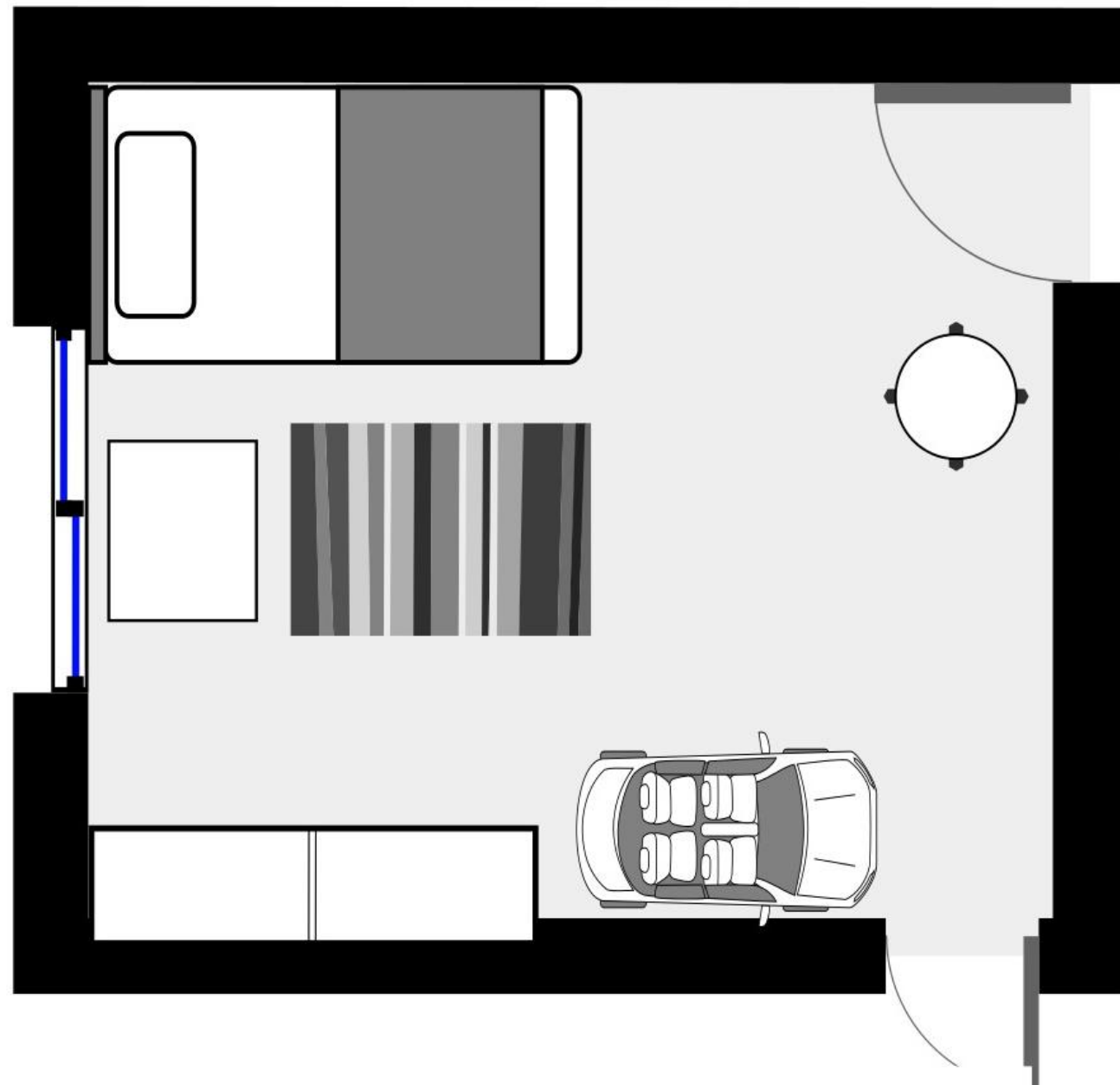
A primeira planta, realizada durante a entrevista, com o aplicativo *Magic Plan*, não foi aprovada pelo menino. Tiago reivindicou que, além dos móveis inseridos pela pesquisadora, a planta também representasse um carrinho de brinquedo, de cerca de 1,5 metro, estacionado ao lado de sua estante. Trata-se, portanto, de uma criança que, ao apresentar seu quarto, questiona os critérios adultos. A cama, o criado-mudo e a estante de livros não são mais importantes que um carrinho, uma parede adesivada ou um lápis mordido na ponta:

Eu não sei se é proibido morder lápis, mas é que eu descobri que morder lápis faz bem pra mente, você morde o lápis e aí você pensa melhor.

Ao fim da entrevista, o pai chega em casa, se apresenta para a entrevistadora e brinca com o filho: “E aí, Tiago, agora você entrou para as estatísticas?”. A mãe, também pesquisadora, responde rindo: “Não, não é uma entrevista quantitativa, é ‘quali’.

⁷⁴ Protagonista dos filmes de animação *Carros*, dos estúdios Disney/Pixar, lançados em 2006 (*Carros 1*), 2011 (*Carros 2*) e 2017 (*Carros 3*).

Figura 88 - Planta do quarto de Tiago



Fonte: Planta produzida com o aplicativo Magic Plan.
Fotos retiradas do vídeo produzido pela pesquisadora, 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos da infância e da criança datam do final do século XIX e do início do século XX, quando a psicologia e outras disciplinas ligadas à saúde tomaram a criança e a infância como objeto de pesquisa. Também a pedagogia contribuiu com esse período inicial, configurando aquilo que foi chamado ‘o século da criança’. Na década de 1970, a infância adquiriu o *status* de sujeito político e de direitos, mas só posteriormente, assistiu-se ao surgimento do que tem sido chamado os ‘novos estudos da infância’ (BARBOSA; DELGADO; TOMÁS, 2016). Esses estudos desenvolvidos principalmente nos campos da sociologia, da antropologia e da geografia propuseram um giro epistemológico, que atribuiu à criança a condição de sujeito, contestando a posição de mero objeto de pesquisa que até então lhe era concedida. Tal investida interdisciplinar suscitou uma adequação conceitual, propiciou o desenvolvimento de metodologias consoantes a esses conceitos, assim como o desenvolvimento de uma nova sensibilidade ética em relação às crianças (SARMENTO, 2008).

Se essa reviravolta epistemológica abriu novos caminhos de pesquisa, ela reacendeu também antigas dicotomias da sociologia moderna, sobretudo no que diz respeito à oposição entre agência e estrutura (PROUT, 2010). Assim, na intenção de afirmar o agenciamento das crianças e superar sua invisibilidade social, as pesquisas se dedicaram inicialmente a captar o trabalho de significação que as crianças operam sobre a realidade social, suas formas de resistência e de ação sobre o mundo. Coube a trabalhos mais recentes a superação dessa dicotomia radical entre sujeito e objeto, considerando ao mesmo tempo as dimensões estruturais e interativas da infância (SARMENTO, 2008).

Assim, a presente pesquisa buscou compreender a criança não apenas como condicionante da realidade em que está inserida,⁷⁵ mas também como um sujeito que, assim como o adulto, é condicionado por suas circunstâncias. A mesma saída dialética foi utilizada para ultrapassar o hiato entre o sujeito e a materialidade das coisas. A relação entre os habitantes e o *habitat* foi pensada com base nos dois conceitos propostos por Daniel Miller, que buscam integrar esse duplo movimento: por um lado, a *agência dos objetos*, através da qual os sujeitos se veem

⁷⁵ Um exemplo encontrado nesta pesquisa de como as crianças condicionam as circunstâncias é o fato de que inúmeras famílias realizam mudanças residenciais ou reformas em sua moradia com a chegada de um filho.

condicionados pela ação dos espaços e dos objetos; por outro, a *acomodação*, através da qual os sujeitos se apropriam dos espaços.

Em relação à agência dos quartos infantis, o pressuposto aqui estabelecido é que eles operam na socialização da criança, contribuindo para a construção de suas disposições, ou seja, para a constituição de formas de sentir, pensar e se portar, que tendem a se preservar ao longo do tempo. Além disso, se a nova sociologia da infância convida a pensar as crianças não apenas como sujeitos em formação, ou seja, como um vir a ser, mas também no presente, não se pode desprezar a ação dos quartos de dormir no cotidiano das crianças e não apenas na sua trajetória futura. Para tanto, não se trata somente de mensurar os efeitos dos quartos infantis na socialização das crianças, mas de percebê-los também como um indicador das aspirações educativas dos pais, que se estendem também a outros espaços domésticos e nas interações familiares.

As regularidades, nem sempre evidentes, encontradas nos discursos e nas práticas do mercado, além dos quartos infantis das famílias visitadas, descortinam a ação silenciosa e rotineira dos objetos e dos espaços domésticos, imbricados em uma trama de afetos familiares. Em *Harry Potter* (2000), a obra infantojuvenil contemporânea mais conhecida pelas crianças dessa geração, o protagonista é órfão e adotado por tios que não lhe dedicam o mesmo afeto endereçado ao filho biológico, Duda Dursley. A materialização dessa diferença pode ser percebida no espaço da casa reservado a cada um. Enquanto Duda Dursley dorme em um belo quarto, a Harry Potter é oferecido um armário apertado debaixo de uma escada. Evidentemente, a energia emocional mobilizada pelos pais no quarto de criança, assim como a invisibilidade dos espaços e objetos cotidianos, potencializam seus efeitos.

Dessa forma, nas famílias detentoras de capital econômico, a abundância de pertences, assim como sua qualidade (percal 400 fios, veludo importado, madeiras nobres) diluem as fronteiras impostas pela necessidade e inspiram a ideia de tranquilidade, conforto e durabilidade. A liberdade que se pode experimentar com o subjetivismo estético e a permissão para a dessacralização dos móveis, assim como a possibilidade de trazer para o espaço do próprio quarto tudo aquilo que se deseja, por mais insólito e aparentemente irrealizável (como uma parede de escalada), tudo isso parece sugerir à criança as inúmeras possibilidades abertas por uma posição social garantida. Também é possível conjecturar como as camas com dimensões acima do padrão (solteiro ou viúva), o banheiro privativo e os grandes cômodos, ou seja, a

experiência de poder dispor do espaço e livremente ocupá-lo, assim como a inexperiência de dividi-lo, agem cotidianamente no corpo dessas crianças. O mapa-múndi, o globo terrestre e o papel de parede com as capitais do mundo são elementos decorativos que tornam flexíveis os limites impostos pelas paredes do espaço doméstico, na medida em que apontam para uma circulação até mesmo internacional. São objetos que não apenas informam que há um mundo lá fora, mas também transmitem a possibilidade de tê-lo nas mãos. Por sua vez, os imóveis herdados, e é preciso lembrar que toda herança material é uma herança simbólica (BOURDIEU, [1979] 2006), assim como os móveis grandes, pesados e de pequenínssima mobilidade, fixam a memória familiar em um espaço definido e inspiram nos habitantes a estabilidade de uma posição social já instalada.

Por sua vez, nas famílias dotadas de capital cultural, ou ao menos de uma “boa vontade cultural”, a organização do espaço do quarto, em consonância com as demandas da cultura escolar são ao mesmo tempo causa e efeito de uma forte simetria entre cultura escolar e cultura familiar, que tende a contribuir para o sucesso escolar. Ao lado dos brinquedos e investidos de uma dimensão lúdica, estão dispostos os livros que compõem a pequena biblioteca do leitor em formação. Em muitas estantes dominam os títulos comerciais e seus personagens de filmes, desenhos ou jogos de *video game*. Quase sempre organizados em coleções compostas por numerosos volumes, esses livros se tornam um passatempo colecionável e economicamente dispendioso que, a despeito da questionável qualidade dessa literatura, sinalizam às crianças a possibilidade de despender recursos com a cultura. Nas famílias mais sensíveis à literatura legítima, predominam as obras de autores icônicos da literatura brasileira, as adaptações de clássicos da literatura internacional e as edições luxuosas, que apontam para a dimensão estética da linguagem escrita, sem deixar de lado a linguagem visual das ilustrações e das encadernações de boa qualidade. Nas bibliotecas compostas também por livros infantis herdados dos pais, somam-se à convivência com o livro enquanto objeto a dimensão afetiva e a possibilidade de compartilhar a experiência daquela leitura com um adulto. Não restam dúvidas de que o prazer da leitura vivenciado durante a infância pelos pais, pode ser reatualizado e transmitido no contato com o objeto livro que resiste ao tempo.

Contudo, localizar os espaços e os objetos dentro de um sistema simbólico e conjecturar os efeitos dessa rede de significações nas relações presentes e na construção de disposições dessas crianças não significa realizar uma aporia da causalidade que negligencie a diversidade

de instâncias que coparticipam da socialização das crianças contemporâneas. No entanto, é importante observar que a socialização familiar assume muita importância nos grupos socialmente favorecidos. Primeiramente, pelo fato de que nesse setor do mundo, a convivência em família é cultivada, não como uma necessidade de solidariedade diante da escassez de recursos, mas como um catalizador da transmissão de valores. As outras instâncias de socialização, a escola, os pares, assim como as mídias, sofrem cotidianamente a ação de um rigoroso filtro parental que tem por efeito a garantia concedida a esses grupos de conviver sempre entre iguais. Nesse sentido, aliás, o termo “socialização primária” manteve sua eficiência para a compreensão do universo desta pesquisa.

No Brasil, assim como em outros países da América Latina, os limites entre os espaços públicos e os espaços privados são historicamente diferenciados de acordo com o grupo social, de forma que, se no tempo extraescolar, as crianças de camadas populares frequentam as ruas desacompanhadamente, as crianças oriundas de grupos favorecidos permanecem predominantemente em espaços privados ou em espaços institucionalizados (GOMES; GOUVEIA, 2008) rigorosamente selecionados e controlados pela família. Portanto, é na medida em que a socialização dos grupos favorecidos ocorre “entre si”, ou seja, em registros de razoável homogeneidade, que a ideia de socialização primária permanece eficaz.

Por fim, descrever os condicionantes da socialização familiar através da cultura material não significa ignorar a ação interpretativa das crianças. O agenciamento dos espaços e os objetos socialmente marcados e condicionados por diversas instâncias como a família, a escola ou a mídia, não anulam o agenciamento da própria criança. Para tanto, convém retomar o termo “acomodação”, de Daniel Miller (2001), que, significando a apropriação que o sujeito realiza sobre o espaço da casa, tem a vantagem de possuir a mesma origem etimológica da palavra “cômodo”.⁷⁶ Assim, a acomodação da criança ao quarto indica que, além de uma criação familiar, esse cômodo é uma criação infantil. A adesivação dos móveis e paredes realizada pelas crianças, assim como a resistência a utilizar a escrivaninha como lugar para a realização de atividades escolares, indicam o trabalho de acomodação nesses espaços, seja através da assimilação ou rejeição de heranças simbólicas, seja através do trabalho de ressignificação dessas heranças. O agenciamento das crianças também pôde ser evidenciado nas negociações ocorridas entre a pesquisadora e cada uma das crianças participantes no que diz respeito aos

⁷⁶ Do latim *accommodatio*, século XVI, *commodus*, século XVIII (DA CUNHA, 1982).

procedimentos metodológicos empregados, e na forma como tais negociações impuseram suas categorias e passaram denominar a ferramenta que a pesquisadora lhes apresentou como uma ‘visita guiada’ (em referência a pesquisas francesas em espaços domésticos), de ‘*tour* pelo quarto’, em referência a uma série de vídeos postados pelas crianças no YouTube.

Participando da entrevista com os pais, as crianças negociaram sentidos e versões. Raramente se dispuseram a participar do jogo de aparência dos adultos, no qual os pais usualmente dizem: “Filho, mostre isso pra visita!”. A escolha do que mostrar e do que esconder foi realizada por cada criança a despeito de toda lógica adulta. Em relação à pesquisadora, elas repactuaram a todo instante a permissão concedida de participar do espaço privado, ora impondo silêncios, ora mudando de assunto ou claramente declarando: “Sobre isso eu não quero falar!” Por outro lado, para o espanto dos adultos, pais e pesquisadora, abriram gavetas e mostraram presentes ganhos do que chamaram ‘a menina de quem eu gosto’ ou ‘a minha namorada’, traçando fronteiras singulares entre o público e o privado.

A busca por compreender a relação recíproca entre objetos, adultos e crianças, não significa, no entanto, perder de vista que essa relação por vezes envolve um jogo de forças assimétricas. Embora se possa afirmar o agenciamento da criança, evidentemente, a ação do mercado de decoração, que seleciona previamente a oferta, assim como a ação do mercado imobiliário na determinação dos espaços destinados às crianças, são circunstâncias intransponíveis, de forma que o agenciamento da criança não se traduz em uma desmobilização em relação às causas de proteção à infância.

Por fim, como a relação das crianças com os objetos e com os espaços domésticos é um tema de pesquisa ainda incipiente sobretudo no Brasil, o estudo dos quartos infantis de grupos sociais favorecidos abre caminho para investigações posteriores. Primeiramente, seria oportuno um investimento na história da arquitetura brasileira no que se refere aos espaços domésticos reservados às crianças, a fim de melhor compreender a constituição desses espaços ao longo do tempo. Embora haja um consenso quanto à ideia de que práticas e valores civilizatórios se disseminam a partir das camadas mais favorecidas em direção às camadas menos favorecidas, o modelo dito difusionista, historiografias mais finas têm mostrado algumas exceções, como na história da habitação parisiense, que viu o quarto infantil surgir primeiramente nas habitações populares, projetadas por arquitetos de mentalidade higienista e motivadas pelo papel educativo do estado (ELEB-VIDAL; DEBARRE, 1995).

Além de pesquisas históricas, estudos da antropologia e da sociologia realizados em outros espaços domésticos além do quarto infantil, permitiriam a investigação de questões que a presente tese não alcançou. O uso dos banheiros informa sobre a socialização do corpo, que implica um aprendizado do cuidado de si e dos limites sociais entre o público e o privado (DIASIO; VINEL, 2015). Os escritórios residenciais também poderiam constituir um oportuno objeto empírico para o conhecimento das interações virtuais das crianças e das negociações sobre o uso do computador nas famílias (ALMEIDA, *et al.*, 2013, 2015). As refeições cotidianas são momentos de interação entre pais e filhos perpassados por questões referentes ao orçamento doméstico, à saúde das crianças, ao prazer oferecido pelo alimento, mas também pelos modos de se portar à mesa, que configuram o café da manhã, o almoço e o jantar como rituais que participam na construção da infância (MAURICE, 2015). Significativas para a realidade brasileira e em consonância com estudos recentes da arquitetura e do urbanismo brasileiros, a socialização das crianças nos condomínios, assunto que esta tese tangencia, oferece igualmente uma oportunidade de investigação, seja através da observação da interação entre crianças e babás, frequentemente monitoradas por câmaras de segurança, seja através do estudo da interação das crianças entre si.

Se a pesquisa abre a possibilidade de novas investigações em outras dimensões dos espaços domésticos, ela também possibilita pensar na socialização familiar em outros meios sociais. Diante de uma atenuação do problema habitacional decorrente de políticas de habitação popular como o “Minha casa, minha vida”, seria desejável analisar como grupos socialmente desfavorecidos vivenciam a experiência de poder dispor, pela primeira vez, de um quarto para os filhos. Também as crianças que vivem em situação de guarda compartilhada dos pais, as crianças que compartilham quartos de instituições sociais, assim como as famílias que, tendo perdido os filhos, mantiveram ainda o quarto que lhes pertenceu, são sujeitos e circunstâncias que desafiam qualquer ímpeto de universalização a partir da infância urbana em meios sociais favorecidos.

REFERÊNCIAS

ALGRANTI, L. M. Famílias e vida doméstica. In: SOUZA, L. M.; NOVAIS, F. A. *História da vida privada: cotidiano e vida privada na América portuguesa*, v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 54-96.

ALMEIDA, A. M. F.; NOGUEIRA, M. A. (Orgs.). *A escolarização das elites - um panorama internacional da pesquisa*. Petrópolis: Vozes, 2002.

ALMEIDA, A. N. *et al.* *As crianças e a internet-relatório da 2ª fase do trabalho: entrevistas a crianças, pais e professores*. Lisboa: ICS, Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

ALMEIDA, A. N. *et al.* Crianças e internet: a ordem geracional revisitada. *Análise Social*, n. 207, p. 340-365, 2013.

ALMEIDA, A. N. *et al.* *Infâncias digitais*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

ALVES, José Eustáquio Diniz; CAVENAGHI, Suzana. Tendências demográficas, dos domicílios e das famílias no Brasil. *Aparte: Inclusão Social em Debate*, v. 24, 2012.

ALVES, Maria Teresa Gonzaga; SOARES, José Francisco. Medidas de nível socioeconômico em pesquisas sociais: uma aplicação aos dados de uma pesquisa educacional. *Opinião Pública*, v. 15, n. 1, p. 1-30, 2009.

ARIÈS, P. *História social da infância e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BARBOSA, M. C. S.; DELGADO, A. C. C. TOMÁS, C. A. Estudos da infância, estudos da criança: quais campos? Quais teorias? Quais questões? Quais métodos? *Revista Inter Ação*, Goiânia, v. 41, n. 1, p. 103-12, 2016. Publicação quadrimestral da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás.

BARDIN, L. *L'analyse de contenu*. Paris: Presses Universitaires de France, 1977.

BARTHES, R. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BAUDRILLARD, J. *O sistema dos objetos* (1968). Tradução de Zulmira Ribeiro Tavares. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BAZIN, L. *Chambre claire et camera obscura: identité sociale et espace mental dans le roman français contemporain pour adolescents*. Actes du colloque international sur La chambre d'enfant, un microcosme culturel: espace, consommation, pédagogie, sous la direction d'Annie Renonciat. Musée national de l'Éducation - CNDP/CANOPE, Rouen, 7-10 avril 2013. *Strenæ. Recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, n. 7, 2014.

- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas II: rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BOURDIEU, P. [1979] *A distinção, crítica do julgamento social*. São Paulo: Edusp, 2006.
- BOURDIEU, P. A opinião pública não existe. In: THIOLENT, M. (Org.). *Crítica metodológica, investigação social e enquete operária*. São Paulo: Polis, 1981. p. 137-151.
- BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, P. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1996.
- BRASIL. MINISTÉRIO DAS CIDADES. *Cadernos do Ministério das Cidades 4 - Política Nacional de Habitação*. Brasília: MCidades/Governo Federal, 2004.
- BRINGUÉ, X. Y. C.; CHALEZQUER, C. S. (Coords.). *A geração interativa na Ibero-América: crianças e adolescentes diante das telas*. Madri: Ariel, 2010. (Coleção Fundação Telefónica).
- BROUGÈRE, G. *Design et adresse à l'enfant: une chambre protégée de la culture populaire* (2014). Disponível em: <<http://strenae.revues.org/1210>>. DOI: 10.4000/strenae.1210. Acesso em: 15 maio 2016.
- BRYSON, B. *Em casa: uma breve história da vida doméstica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- BUCKINGHAN, D. *Crescer na era das mídias eletrônicas*. São Paulo: Loyola, 2007.
- CALDEIRA, T. P. R. *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34; Edusp, 2000.
- CALI, F. *L'influence du Bauhaus sur l'architecture contemporaine*. Université de Saint-Étienne. Centre interdisciplinaire d'étude et de recherche sur l'expression contemporaine (C.I.E.R.E.C.), 1976.
- CALVERT, K. *Children in the House. The Material Culture of Early Childhood, 1600-1900*, Boston: Northeastern University Press, 1992.
- CAMMARÉRI, C. La chambre de l'autre enfant. Actes du colloque international sur La chambre d'enfant, un microcosme culturel: espace, consommation, pédagogie, sous la direction d'Annie Renonciat. Musée National de l'Éducation-CNDP/CANOPE, Rouen, 7-10, avril 2013. *Strenæ. Recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, n. 7, 2014.
- CANSTATT, O. *Brasil: terra e gente* (1871). Brasília: Senado Federal; Conselho Editorial, 2002.
- CASCUDO, L. C. *Jogos e brinquedos do Brasil*. Rio de Janeiro: Correio da Noite, 1947.

CASEY, J. *A história da família*. Tradução de Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1992.

CHARTIER, Roger. Uma trajetória intelectual: livros, leituras, literaturas. *Roger Chartier—A força das representações: história e ficção*. Chapecó, SC: Argos, 2011.

COHEN, G.; RAMPNOUX, O. *Processus d'achat et discours de marque: le cas du lit de bébé* (2014). Disponível em: <<http://strenae.revues.org/1203>>. DOI: 10.4000/strenae.1203. Acesso em: 14 ago. 2017.

COLIN, H. *Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

COOK, D. T. Embracing Ambiguity in the Historiography of Children's Dress. *Textile History*, v. 42, n. 1, May 2011.

CORSARO, W. A. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Penso, 2011.

CRESSON, Geneviève. *Indicible mais omniprésent: le genre dans les lieux d'accueil de la petite enfance*. Cahiers du genre, n. 2, p. 15-33, 2010.

CRUBELLIER, Maurice. *L'enfance et la jeunesse dans la société française 1800-1950*. A. Colin, 1979.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DAMATTA, R. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DANTAS, T. C. F. *O mobiliário infantojuvenil da casa paulistana na década de 1950 e suas relações com o espaço físico da criança*. 2014. Dissertação (Mestrado em Design e Arquitetura) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

DAPREY, C. *Mobilier design pour enfants*. Paris: Éditions L'As de Pique, 2009.

DE LA VILLE, V. I.; CRISTAU, C.; KRUPICKA, A. *Rendre l'utilisateur actif dans le processus de conception de mobilier pour enfant* (2012). Disponível em: <<https://strenae.revues.org/782>>. Acesso em: 15 maio 2016.

DE LA VILLE, V. I.; TARTAS, V. L'activité de consommation enfantine et ses médiateurs. In: DE LA VILLE, V. I. (Ed.). *L'enfant consommateur - variations interdisciplinaires sur l'enfant et le marché*. Paris: Vuibert, 2005. p. 73-88. (Coll. Institut Vital Roux).

DE MELO, V. *Rondas infantis brasileiras*. Prefeitura de São Paulo; Departamento de Cultura, 1953.

DEREVENSKI, J. S. *Children and Material Culture*. London; New York: Routledge, 2000.

DIASIO, N.; VINEL, V. La salle de bain: reconfiguration des rapports aux autres et à soi à l'aube de l'adolescence. *Revue internationale de l'éducation familiale*, l'Harmattan, v. 37, n. 1, 2015, p. 39-61.

DIBIE, P. *O quarto de dormir: um estudo etnológico*. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

DINKA, I. *Does the children's room really belong to me? A discussion about independence of a child in the private space of a children's room* (2014). Disponível em: <<https://strenae.revues.org/1162>>. Acesso em: 15 maio 2016.

DU BOIS-REYMOND, M.; SÜNKER, H.; KRÜGER, H.-H. (Ed.). *Childhood in Europe: Approaches-trends-findings*. New York: Peter Lang Pub Incorporated, 2001.

DUMONT, L. *O individualismo: uma perspectiva antropológica moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ELEB, V.; DEBARRE, A. *L'invention de l'habitation moderne: Paris: 1880-1914: architectures de la vie privée*. Paris: Hazan; Bruxelles: Archives de l'architecture moderne, 1995.

ELIAS, N. *Au-delà de Freud - sociologie, psychologie, psychanalyse*. Paris: Découverte, 2010.

ELIAS, N. *O processo civilizador* (1939). v. I. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

ESTABLET, R. *L'école est-elle rentable?* Paris: PUF, 1987.

FEITOSA, A. G. S.; DORNELLES, L. V. O. *A infância institucionalizada: um outro modo de estar na "roda"*. Seminário GRUPECI, 2014, Goiânia - 4º Seminário de Grupos de Pesquisa sobre Crianças e Infâncias (GRUPECI), 2014.

FERRARI, G. L. D. M.; ARAÚJO, T. L.; OLIVEIRA, L. C.; MATSUDO, V.; FISBERG, M. Association between electronic equipment in the bedroom and sedentary lifestyle, physical activity, and body mass index of children. *Jornal de Pediatria*, Rio de Janeiro, 91(6), p. 574-582, 2015. Publicação bimensal da Sociedade Brasileira de Pediatria.

FLANDRIN, J.-L.; MONTANARI, M. *História da alimentação*. Tradução de Luciano Vieira Machado e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

FOGLE, N. *The spatial logic of social struggle: a bourdieuan topology*. Idaho Falls, (ID, EUA): Lexington Books, 2011.

FONSECA, C.; BRITES, J. Ritos de recepção: nomes, batismos e certidões como formas de inscrição da criança no mundo social. In: SOUSA, S. M. G. (Org.). *Infância e adolescência: múltiplos olhares*. Goiânia: Ed. UCG, 2003.

FONSECA, M. M. *Educar herdeiros - práticas educativas da classe dominante lisboeta nas últimas décadas*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

FREYRE, G. *Casa-grande & senzala*. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.

FRICHE, M. L. *A casa dentro da casa – o sentido do quarto para o adolescente na contemporaneidade*. 2016. (Dissertação). Mestrado em Psicologia - PUC Minas, Belo Horizonte, 2016.

FRITH, S. *The sociology of rock*. Londres: Constable & Company Limited, 1978.

FUNCK, S. B. Anjos e feras no espaço doméstico: decoração para meninas e meninos. In: COSTA, C. L.; SCHMIDT, S. (Org.). *Poéticas e políticas feministas*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004.

GARNIER, P. *Ce dont les enfants sont capables. Marcher XVIII^e, travailler XIX^e, nager XX^e siècles*. Paris: Métailié, 1995.

GARNIER, P. *La culture matérielle enfantine: catégorisation et performativité des objets* (2012). Disponível em: <<https://strenae.revues.org/761>>. Acesso em: 01 jul. 2017. DOI: 10.4000/strenae.761.

GASPOZ, D. G. Donner voix à l'espace physique: lorsque la chambre perpétue et écrit l'histoire de l'adolescent au travers d'objets significatifs. Le cas des jeunes en itinérance géographique (2014). Disponível em: <<https://strenae.revues.org/1265>>. Acesso em: 15 maio 2016. DOI: 10.4000/strenae.1265.

GEIB, L. T. C.; CATALDO NETO, A.; WAINBERG, R.; NUNES, M. L. Sleep and aging. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, 25(3), p. 453-465, 2003.

GENCEY, P. Introduction. In: DAPREY, C. *Mobilier design pour enfants*. Paris: L'As de Pique, 2009.

GLEVAREC, H. *La culture de la chambre - preadolescence et culture contemporaine dans l'espace familial*. Paris: DEPS, 2010.

GOMES, A. M. R.; GOUVÊA, M. C. S. A criança e a cidade: entre a sedução e o perigo. In: MARTINS, S.; DEBORTOLI, J. A. O.; MARTINS, M. F. *A infância na metrópole*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2008. p. 47-69.

GOUYON, M. *Une chambre à soi: un atout dans la scolarité? Données sociales. La société française*, 2006. p. 163-167.

GUIMARÃES, B. M.; VALLADARES, L. P. *Cafuas, barracos e barracões*. Belo Horizonte, cidade planejada. Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 1991.

HABITACIONAL NO BRASIL, DÉFICIT. *Brasil 2011-2012: resultados preliminares*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro (FJP), Centro de Estatística e Informações (CEI), 2014.

HACHET, B. *La chambre des enfants en résidence alternée: un sanctuaire?* Disponível em: <<https://strenae.revues.org/1187>>. Acesso em: 15 maio 2016.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*, Trad. De Laurent Leon Schaffer, 1990.

HALL, C. Sweet home. In: PERROT, M. (Dir.). *Histoire de la vie privée*, v. IV. Paris: Seuil, 1987.

HARMAN, G. *Prince of Networks: Bruno Latour and Metaphysics*. Melbourne: Re. Press, 2009.

HUERRE, P. L'enfant et les cabanes. *Enfances & Psy* [on line], Paris, Eres, n. 33, 2006/4. Disponível em: <<https://www.cairn.info/revue-enfances-et-psy-2006-4-page-20.htm>>. Acesso em: 15 maio 2016. ISBN: 9782749206288. DOI: 10.3917/ep.033.0020.

JAMES, A. Embodied body(ies): understanding the self and the body in childhood. In: PROUT, A. (Org.). *The body, childhood and society*. London: Sti Martins Press, 2000.

JAOUL, M. La maison Jaoul. *L'architecture d'aujourd'hui*, Paris, Groupe Expansion, n. 204, p. 85-86, sep. 1979.

KAUFMANN, J.-C. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis: Vozes, 2013.

KELLERHALS, J.; MONTANDON, C.; GABEREL, P.-E. *Les stratégies éducatives des familles: milieu social, dynamique familiale et éducation des pré-adolescents*. Paris: Delachaux et Niestlé, 1991.

KIMMICH, D. *Lebendige Dinge in der Moderne*. Paderborn: Konstanz University Press, 2011.

KING-HALL, M. *The Story of the Nursery*. Londres: Routledge & Kegan Paul, 1958.

KRUPICKA, A.; LA VILLE, V.-I. *Les catalogues de chambres d'enfants entre images et séries*. Analyse d'un corpus d'images publicitaires de fabricants de chambres pour enfants, Disponível em: <<https://strenae.revues.org/1214>>. Acesso em: 01 jul. 2014. DOI: 10.4000/strenae.1214.

LACAN, J. Nota sobre a criança (1969). In: _____. *Outros escritos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 369-370. (Campo Freudiano no Brasil).

LAREAU, A. *Unequal childhoods: Class, race, and family life*. Los Angeles: University of California Press, 2011.

LATOUR, B. *Reassembling the Social: an introduction to Actor-Network Theory*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

LAYNE, L. He was a Real Baby with baby things. *Journal of Material Culture*, New York, v. 5, p. 321-345, 2000.

LE WITA, Béatrix. *Mémoire familiale et mémoire généalogique dans quelques familles de la bourgeoisie parisienne*. Ministère de la Culture, Mission du patrimoine ethnologique, 1983.

LE WITA, B. *Ni vue, ni connue: approche ethnographique de la culture bourgeoise*. Paris: Les Editions de la MSH, 1988.

LEICHTER, H. J. Families and Communities as Educators: Some Concepts of Relationship. *Teachers College Record*, 79.4, p. 567-658, 1978.

LEITE, M. L. M. O óbvio e o contraditório da roda. In: DEL PRIORI, M. (Org.). *História da criança no Brasil*. São Paulo. Contexto, 1996.

LIGNIER, W. Des chambres intelligentes? Un regard sociologique sur l'espace personnel des enfants dits 'intellectuellement précoces'. *Enfants et jeunes dans les espaces du quotidien*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2016.

LIPOVETSKY, G.; SERROY, J. *A estetização do mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo, Companhia das Letras, 2015.

LIVINGSTONE, S. *Young people and new media: Childhood and the changing media environment*. Sage, 2002.

LIVINGSTONE, S.; HELSPER, E. Gradations in digital inclusion: children, young people and the digital divide. *New Media & Society*, 9(4), pp. 671-696, 2007.

LONG, S. *Chambre d'enfant avec salon: appropriation des espaces domestiques entre adultes et enfants*. Disponível em: <<https://strenae.revues.org/1168>>. Acesso em: 14 maio 2014.

MANSON, M; RENONCIAT, A. La culture matérielle de l'enfance: nouveaux territoires et problématiques. *Strenæ. Recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, n. 4, 2012. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/strenae/750?lang=fr>>. Acesso em: 15 maio 2016.

MAURICE, A. Manger à la maison sous le poids des normes. Les négociations familiales autour de l'alimentation. *La revue internationale de l'éducation familiale*, Paris, v. 37, n. 1, 2015, p. 115-136.

MENSION-RIGAU, É. *L'enfance au château: l'éducation familiale des élites françaises au vingtième siècle*. Paris: Rivages, 1990.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção* (1945). Tradução de C. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MIALL, A.; MIALL, P. *The Victorian Nursery Book*. New York: Pantheon Books, 1980.

MILLER, D. (Ed.). *Home possessions*. Oxford: Berg, 2001.

MILLER, D. *Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

MOLLISON, J. *Where sleep les childrens*. Reino Unido: Chris Boot, 2010

MONTANDON, C.; LONGCHAMP, P. *L'expérience de l'autonomie chez l'enfant. Une question récurrente dans la socialisation des enfants* (Rapport présenté au FNS). Genève: Université de Genève, 2003.

NAL, E. *La chambre d'enfant: un lieu de médiation(s), un espace d'invention(s)* (2014). Disponível em: <<https://strenae.revues.org/1271>>. Acesso em: 17 maio 2016. DOI: 10.4000/strenae.1271.

NAZARIO, S. *Entre estar na casa e estar em casa: modos de ser criança em um contexto de acolhimento institucional*. ANPED, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/trabalho-gt07-3900.pdf>>.

NOGUEIRA, M. A. Classes médias e escola: novas perspectivas de análise. *Revista Currículo sem Fronteiras*, v. 10, n. 1, p. 213-231, jan./jun. 2010. ISSN 1645-1384 (on line).

NOGUEIRA, Maria Alice. *Estratégias de escolarização em famílias de empresários. A escolarização das elites*. Petrópolis: Vozes, p. 49-65, 2002.

NOGUEIRA, Maria Alice (Ed.). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. 2000.

NOGUEIRA, M. A. Convertidos e oblatos: um exame da relação classes médias/escola na obra de Pierre Bourdieu. *Educação, Sociedade & Culturas*, Porto, v. 1, n. 7, p. 109-129, 1997.

OPIE, I. A.; OPIE, P. *Children's games in street and playground: chasing, catching, seeking, hunting, racing, duelling, exerting, daring, guessing, acting, pretending*. Londres: Clarendon, 1969.

PALLARES-BURKE, M. L. G. *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*. São Paulo: SciELO-Ed. UNESP, 2005.

PATER, W. *L' enfant dans la maison* (1878). Tradução de Pierre Leyris. Paris: José Corti, 1992.

PATER, W. *The child in the house*. New York: Dodd, Mead, 1878.

PEIXOTO, C. E.; LUZ, G. M. De uma morada a outra: processos de recoabitação entre as gerações. *Cadernos Pagu*, 29, 171-191, 2007.

PERROT, M. *História dos quartos*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PERROT, M. La chambre d'enfant dans l'espace familial. *Journal français de psychiatrie*, [on line] n. 37, p. 25-28, fev. 2010.

PRENSKY, Marc. Digital natives, digital immigrants part 1. *On the horizon*, v. 9, n. 5, p. 1-6, 2001.

MICHEL, Pinçon; MONIQUE, Pinçon-Charlot. *Dans les beaux quartiers*. Paris, Seuil, 1989.

PINÇON, Michel; PINÇON-CHARLOT, Monique. Voyage en grande bourgeoisie. *Journal d'enquête*, p. 98-112, 1997.

PINÇON, M.; PINÇON-CHARLOT, M. *Sociologie de la bourgeoisie*. Paris: La Découverte, 2000.

PROUT, A. Reconsiderando a nova sociologia da infância. *Cadernos de Pesquisa*, v. 40, n. 141, p. 729-750, set./dez. 2010. Publicação da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Maranhão.

RAMOS, A. C. Morando com meus avós: as famílias conviventes. *Pedagogía y Saberes*, Universidad Pedagógica Nacional, Facultad de Educación, n. 37, p. 119-131, 2012.

REDE, M. *Estudos de cultura material: uma vertente francesa*. Anais do Museu Paulista [On-line] n. 8-9, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/viewFile/5375/6905>>. Acesso em: 15 maio 2016.

REIMÃO, R., SOUZA, J. C. R. P. D.; GAUDIOSO, C. E. V. Sleep habits in native Brazilian Bororo children. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, São Paulo, 57(1), pp.14-17, 1999.

REIMÃO, R.; SOUZA, J. C. R. P. D.; GAUDIOSO, C. E. V.; GUERRA, H. D. C.; ALVES, A. D. C.; OLIVEIRA, J. C. F.; SILVÉRIO, D. C. G. Sleep characteristics in children in the isolated rural African-Brazilian descendant community of Furnas do Dionísio, State of Mato Grosso do Sul, Brazil. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, São Paulo, 57(3A), pp. 556-560, 1999.

REIMÃO, R.; SOUZA, J. C. R. P. D.; MEDEIROS, M.; ALMIRÃO, R. I. Sleep habits in native Brazilian Terena children in the state of Mato Grosso do Sul, Brazil. *Arquivos de Neuro-Psiquiatria*, São Paulo, 56(4), pp. 703-707, 1998.

RENONCIAT, A. Du livre a la chambre d'enfant: naissance d'un espace artistique (1880-1914). Atas do colóquio L'Édition pour la jeunesse: entre héritage et culture de masse, 25-27 nov. 2004, organizado por GREC (Paris-XIII), CEEI (Paris-VII), Instituto Internacional Charles Perrault (CD-ROM, 2005).

RENONCIAT, A. *La chambre d'enfant: regards croisés*. Disponível em: <<https://strenae.revues.org/1154>>. Acesso em: 15 mai 2016. DOI: 10.4000/strenae.1154.

ROBERTSON, P. Home as Nest: Middle Class Childhood in Nineteenth Century Europe. In: DEMAUSE, L. (Ed.). *The History of Childhood*. New York: The Psychohistory Press, 1974. p. 407-431.

ROBIN, M.; TILLARD, B. *Enquêtes au domicile des familles: la recherche dans l'espace privé*. Paris: L'Harmattan, 2010.

ROCHA, E. A. C. *30 anos da educação infantil na ANPED: caminhos da pesquisa zero-a-seis*. 10.17 (2008): 52-65.

ROCHE, D. *História das coisas banais*. Rocco: Rio de Janeiro, 2000.

ROLLET, C.; PELAGE, A. *Préparer une chambre pour l'enfant à venir, un enjeu de genre?* Disponível em: <<https://strenae.revues.org/1194>>; Acesso em: 14 maio 2016. DOI: 10.4000/strenae.1194.

ROLNIK, R. *Guerra dos lugares: a colonização da terra e da moradia na era das finanças*. São Paulo: Boitempo, 2015.

ROUCOUS, N.; BERRY, V. (Org.). *La culture materielle des enfants*. Relatório de pesquisa realizado pelo grupo de estudantes do Master Professionnel Jeu, Loisirs et Education, Universidade Paris 13. Paris: UnivParis13, 2010.

ROUCOUS, N.; DAUPHRAGNE, A. La chambre d'enfant. *La revue internationale de l'éducation familiale*, Paris, n. 1, p. 87-113, 2015.

ROWLING, J. K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

RYBCZYNSKI, W.; VON STAA, B. *Casa: pequena história de uma ideia*. Record, 1996.

SAMPAIO, I. S. V. *Televisão, publicidade e infância*. São Paulo: Annablume, 2000.

SANTOS, C. A. *A invenção da infância generificada: a pedagogia da mídia impressa constituindo as identidades de gênero*. 2004. 154 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da segunda modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Porto: Asa, 2004.

SARMENTO, M. J. Imaginário e culturas da infância. *Cadernos de Educação*, Pelotas, v. 12, n. 21, p. 51-69, 2003.

SARMENTO, M. J. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, M.; GOUVEA, M. C. S. (Orgs.). *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008. p. 17-39.

SEGALEN, M.; LE WITA, B. *Chez-soi: objets et décors: des créations familiales?*. Paris: Editions Autrement, 1993.

SILVA, P. *Escola-Família, uma relação armadilhada: interculturalidade e relações de poder*. Porto: Afrontamento, 2003.

SINGLY, F. Le sens de la chambre personnelle pendant la seconde modernité. Le cas de l'adonnaissance. p. 32-44, *Actes de Colloque - Habitat e Vie Urbaine, changements dans les modes de vie*, mars 2006.

SINGLY, F. *Sociologie de la famille contemporaine*. 4.^e éd. Paris: Armand Colin, 2010.

SINGLY, François; THÉLOT, Claude. Racines et profils des ouvriers et des cadres supérieurs. *Revue française de sociologie*, p. 47-86, 1986.

SIROTA R. Allers-retours sur carnets de terrain: le métier de sociologue en famille. L'observation d'un rite de socialisation. In: TILLARD, B.; ROBIN, M. (Ed.). *Enquêtes au domicile des familles: la recherche dans l'espace privée*. Paris: L'Harmattan, 2010. p. 119-142.

SIROTA, R. (Dir.). *Éléments pour une sociologie de l'enfance*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes (PUR), 2006.

SIROTA, R. A indeterminação das fronteiras de idade. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, n. 1, 41-56, jan./jun. 2007.

SIROTA, R. Le métier d'élève. In: FORQUIN, J. C. (Org.). *Sociologie de l'éducation: nouvelles approches, nouveaux objets*. Paris: INRP, 2000.

SOFAER, J. R.; DEREVENSKI, J. S. (Eds.). *Children and material culture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

STEINBERG, S. R.; KINCHELOE, J. L. *Cultura infantil: a construção corporativa da infância*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

STRUZYNSKA, E. Les maisons de notre enfance. *Enfances & Psy* [on line], Paris, Éres, n. 33, p. 8-14, 2006/4.

TAPSCOTT, Don. *Creciendo en un torno digital: la generación Net*. McGraw-Hill, 1998.

THÉVENOT, Laurent, Essai sur les objets usuels. Propriétés, fonctions, usages. In: CONEIN, B.; DODIER, N.; PARIS, T. L. (Ed.), *Raison pratique, les objets dans l'action*, n. 4, p. 85-111, 1993.

TRIGO, Maria Helena Bueno. *Os paulistas de quatrocentos anos: ser e parecer*. Annablume, 2001.

VAN ZANTEN, A. Reflexividade y elección de la escuela por los padres de la clase media em Francia. *Revista de Antropologia Social*, n. 16, p. 245-278, 2007.

VAN-ZANTEN, A.; DURU-BELLAT, M. *Sociologie de l'école*. Paris: Armand Colin, 1999.

VAUTHIER, L. L. Casas de residência no Brasil. *FAU-USP; MEC-IPHAN*. Textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Arquitetura Civil I. São Paulo: FAU-USP, 1975.

VAZ-ROMERO TRUEBA, O. Métamorphoses de la chambre d'enfant dans l'imaginaire des artistes espagnols (1775-1936). *Strenæ* [en ligne] – *Recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, n. 4, 2012. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/strenae/832#notes>>. Acesso em: 15 maio 2016.

VAZ-ROMERO TRUEBA, Oriol. Métamorphoses de la chambre d'enfant dans l'imaginaire des artistes espagnols (1775-1936). *Strenæ. Recherches sur les livres et objets culturels de l'enfance*, n. 4, 2012.

VIEIRA, A. L. M. *Currículo e arquitetura escolar: olhares cruzados na educação infantil*. 2006. 189 f. (Tese) Doutorado em Educação. – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.,

VIEIRA, Analúcia de Moraes. *Currículo e arquitetura escolar: olhares cruzados na educação infantil*. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo – USP – FE: [s.n.], 2006.

WAGNER, A.C. *Les nouvelles élites de la mondialisation*. Paris: PUF, 1998.

WARNIER, J.-P. *Construire la culture matérielle: l'homme qui pensait avec ses doigts*. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

WHITE, C. *The World of the Nursery*. New York: E.P. Dutton, 1984.

YEMSI-PAILLISSÉ, A. C. La chambre du fils, microcosme dramatique. La culture matérielle dans la pièce de théâtre contemporaine *La Chambre de l'enfant*, de Josep Maria Benet i

Jornet. *Strenæ* [En ligne], n. 7, 2014. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/strenae/1259>>. DOI: 10.4000/strenae.1259. Acesso em: 15 maio 2016.

ZAFFRAN, J. La chambre des adolescent(e)s: espace intermédiaire et temps transitionnel. Disponível em: <<http://strenae.revues.org/1261>>. DOI: 10.4000/strenae.1261. Acesso em: 15 maio 2016.

Sites

<<http://www.blogdecorer.com.br/2015/12/vem-fazer-o-teste-e-saber-qual-seu.html>>

<<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=741522>>

<<https://divisare.com/projects/344381-le-corbusier-cemal-emden-maisons-jaoul>>

ABEP - Critério Brasil 2015-2016. Disponível em: <<http://www.abep.org/criterio-brasil>>

Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas Administrativas e Contábeis de Minas Gerais (IPEAD) - Classificação dos bairros de Belo Horizonte. Disponível em: <<http://www.ipead.com.br/site/publicacoes/mercadoImobiliario>>.

IBGE - Pesquisa Nacional de Amostragem domiciliar (PNAD 2015). Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=149>

Mobiliário infantil como objeto de *design*. Disponível em: <<http://www.habitusbrasil.com/mobiliario-infantil-como-objetos-de-design/#post-body>>

Perfil do internauta do *site* bebe.com: <<http://www.publiabril.com.br/tabelas-gerais/sites/perfil-dos-internautas>>

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista com profissionais do comércio de decoração de quartos infantis

1. Dados do(a) profissional	
Nome:	
Sexo:	(...) M (...) F
Idade:	
Nível de instrução:	
Tempo de profissão:	
Ocupação:	
Contato:	
Comentários:	
2. Dados do estabelecimento	
Nome do estabelecimento:	
Endereço:	
Descrição no <i>site</i> , <i>blog</i> ou redes sociais:	
Comentários:	
3. Informações sobre os produtos	
A loja oferece:	
<input type="checkbox"/> Móveis pré-fabricados. <input type="checkbox"/> Móveis sob medida. <input type="checkbox"/> Móveis conjugados. <input type="checkbox"/> Enxoval de quarto de pronta entrega. <input type="checkbox"/> Enxoval personalizado. <input type="checkbox"/> Decoração de paredes com desenho pré-definido. <input type="checkbox"/> Decoração de paredes personalizada. <input type="checkbox"/> Outros:	
Comentários:	

4. Informações sobre o público e a demanda
Do ponto de vista do <i>poder aquisitivo</i> , como você descreveria o seu público?
Comentários:
O que seu público mais procura? <input type="checkbox"/> <i>Design</i> / estética <input type="checkbox"/> Caráter educativo <input type="checkbox"/> Conforto <input type="checkbox"/> Praticidade <input type="checkbox"/> Bom preço <input type="checkbox"/> Personalização <input type="checkbox"/> Segurança. Os pais perguntam pela certificação do IMETRO? () S () N <input type="checkbox"/> Outros:
Comentários:
Há demanda de quartos para gêmeos? Ela é grande ou pequena? Tem aumentado ou diminuído?
Quem costuma estar presente na hora da compra? Marque quantos itens julgar necessário: <input type="checkbox"/> avó paterna <input type="checkbox"/> avó materna <input type="checkbox"/> pai <input type="checkbox"/> criança <input type="checkbox"/> profissional de arquitetura ou decoração <input type="checkbox"/> mãe <input type="checkbox"/> outros
Comentários:

Na sua opinião, quem tem maior peso na decisão da compra? Marque quantos itens julgar necessário:

- avó paterna
- avó materna
- pai
- criança
- profissional de arquitetura ou decoração
- mãe
- outros:

Como o(a) cliente explica o que quer quando entra na loja?

O gênero (sexo) da criança influencia na decoração do quarto?

De quanto em quanto tempo os pais redecoram o quarto dos filhos?

O que é tendência (moda) na decoração dos quartos infantis?

APÊNDICE B
Roteiro de entrevista com os responsáveis e as crianças

1. A criança, os espaços e a rotina

Nome da criança:

Idade da criança:

Algumas características:

Onde estuda?

Como vai para a escola?

O que mais gosta de fazer?

Como é a rotina da criança?

Quais atividades extraescolares pratica?

Quais atividades realiza no quarto?

Realiza o dever de casa.

Assiste televisão.

Joga jogos eletrônicos.

Brinca.

Lê.

O quarto é prioritariamente um local para dormir.

Há regras em relação ao uso do quarto das crianças criadas pelos adultos? Quais?

Há regras criadas pela criança quanto ao uso do próprio quarto por outras pessoas? Quais?

Quem arruma o quarto?

Recebe amigos no quarto?

Costuma trazer amigos para dormir em casa? Onde eles dormem? Costuma dormir na casa de amigos?

2. A família, os espaços da casa e a rotina

Os pais trabalham fora?

Quem cuida da criança?

Quem acompanha as tarefas escolares? Em que cômodo e móvel faz as tarefas?

Como é a disposição dos cômodos da casa?

Quantos quartos? Quantas suítes? Quantos *closets*?

O quarto da criança é individual ou compartilhado?

É quarto simples, suíte ou semissuíte?

Qual banheiro as crianças usam?

Há outros cômodos destinados às crianças?

Brinquedotecas, escritórios, salas de TV, etc.

Há quanto tempo a família mora nesse apartamento/nessa casa?

3. Memórias dos pais em relação aos quartos de infância

E quando você era criança, como era o seu quarto? Individual ou compartilhado?

O que você podia ou não fazer ali?

O dever de casa era realizado no quarto? Você lembra de brincar no quarto?

APÊNDICE C

Termo de consentimento livre e esclarecido dos pais

Olá!

Convido você e seu filho, sua filha a participar de uma pesquisa de doutorado da Faculdade de Educação da UFMG. Esse trabalho pretende compreender a infância contemporânea através dos quartos infantis. Para isso, peço licença para visitar o quarto do seu filho, da sua filha para que vocês me contem sobre esse espaço.

A qualquer momento, você poderá me pedir para não participar mais. A pesquisa não traz nenhum prejuízo, constrangimento ou custo financeiro e os resultados serão utilizados somente para divulgação científica (dissertação, participação em congressos ou artigos). Os nomes dos participantes (crianças e pais) não aparecerão na pesquisa, garantindo assim o anonimato de todos. Durante toda a pesquisa, os pais ou as crianças poderão me pedir mais explicações sobre o trabalho.

A sua contribuição será muito importante. Desde já agradeço a confiança!

Profa. Dra. Maria Alice de Lima Gomes Nogueira

Tel: (31)9335-2610 / (31) 3342-3487 - E-mail: <malicen@terra.com.br>

Cibele Noronha de Carvalho

Tel: (31) 3654-9137 / (31) 8819-2561 - E-mail: <cibbelecarvalho@gmail.com>

Eu _____, declaro que fui consultado(a) pela pesquisadora Cibele Noronha de Carvalho e respondi positivamente a sua demanda de realizar a coleta de dados de sua pesquisa. Terei liberdade para manifestar minha adesão ou não ao projeto, sem nenhum prejuízo. Entendi as informações fornecidas e sinto-me esclarecido para participar. Participo da pesquisa, portanto, com meu consentimento livre e esclarecido.

Assinatura do(a) colaborador(a): _____

Data: Belo Horizonte, ____/____/____ .

APÊNDICE D**Termo de assentimento esclarecido para as crianças**

OLÁ!

CONVIDO VOCÊ PARA PARTICIPAR DE UMA PESQUISA REALIZADA PELA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG SOBRE QUARTOS DE CRIANÇAS E PRÉ-ADOLESCENTES. PEÇO LICENÇA PARA VISITAR O SEU QUARTO, PARA QUE VOCÊ E UM DE SEUS PAIS ME CONTEM MAIS SOBRE ESSE ESPAÇO.

SE VOCÊ MUDAR DE IDEIA, A QUALQUER MOMENTO PODERÁ ME PEDIR PARA NÃO PARTICIPAR MAIS. OS RESULTADOS SERÃO UTILIZADOS SOMENTE EM TRABALHOS CIENTÍFICOS.

O NOME DOS PARTICIPANTES (CRIANÇAS E PAIS) NÃO VAI APARECER NA PESQUISA, PARA GARANTIR, O ANONIMATO DE TODOS.

DURANTE TODA A PESQUISA, ESTAREI PRONTA PARA EXPLICAR MAIS SOBRE O TRABALHO E ESCLARECER DÚVIDAS.

A SUA CONTRIBUIÇÃO SERÁ MUITO IMPORTANTE.

Profa. Maria Alice de Lima Gomes Nogueira

Tel: (31) xxxxxxxx - E-mail: xxxxxxxx

Cibele Noronha de Carvalho

Tel: (31) xxxxxx - E-mail: xxxxxxxx

SE VOCÊ ENTENDEU A PROPOSTA, ASSINE AQUI EMBAIXO.
SE FICOU COM DÚVIDA EM ALGUMA PARTE, POSSO TE EXPLICAR DE NOVO. COMBINADO?

Assinatura: _____

APÊNDICE E

Índice biográfico por mãe ou pai

Bianca: Arquiteta e funcionária do serviço público municipal com especialização, casada com arquiteto, é mãe de **Clara**, de 10 anos. A família, recomposta, classificada socioeconomicamente como B2, mora em um edifício situado em bairro considerado de luxo. O apartamento de 3 quartos tem a seguinte distribuição: suíte do casal, quarto da filha e escritório (p. 51, 52 e 53).

Cássia: Médica, casada com empresário, informou como nível máximo de escolaridade o curso superior completo, mas possivelmente tem especialização. É mãe de **Vítor**, 8 anos, e de **Laís**, 6 anos. A família, biparental, classificada economicamente como A, mora em um edifício situado em bairro considerado de luxo. O apartamento de 4 quartos com decoração planejada por uma profissional e tem a seguinte distribuição: suíte do casal, quarto do primogênito, quarto da caçula e sala de televisão (p. 51, 52 e 53).

Célia: Dona de casa, casada com profissional do mercado financeiro, tem curso superior e é mãe de 3 crianças: **Daniele**, 9 anos, **Murilo**, 6 anos, e **Leopoldo**, 3 anos. A família, biparental, classificada economicamente como A, mora em um condomínio fechado em bairro considerado de luxo. O apartamento de dois pavimentos, conta com 4 suítes com *closet*: a suíte do casal, a da primogênita, a suíte do filho do meio e a suíte do caçula. O segundo andar, que não foi visitado pela pesquisadora, segundo relato da moradora, dispõe de churrasqueira, sauna e sala de brinquedos (p. 51, 52, 53, 88, 100, 101, 118).

Daniela: Empresária do ramo da educação, casada com arquiteto, cursou mestrado e tem 2 filhos: **Ítalo**, 7 anos, e **Sabrina**, 4 anos. A família, biparental, classificada economicamente como A, mora em um edifício situado em bairro considerado de alto padrão. O apartamento tem 2 pavimentos, uma pequena varanda com piscina e 3 quartos, obedecendo à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto compartilhado entre os irmãos e escritório (p. 51, 52 e 53).

Eduardo: Fisioterapeuta, casado com servidora pública federal, tem mestrado e é pai de **Gustavo**, 9 anos. A família é recomposta, e a guarda de Gustavo é compartilhada. Classificada socioeconomicamente como B1, a família mora em um edifício com área de

lazer situado em bairro considerado de luxo. O apartamento de 4 quartos tem a seguinte distribuição: suíte do casal, quarto do primogênito, quarto compartilhado pelas duas caçulas e escritório (p. 51, 52, 53 e 85).

Fabiana: Arquiteta, filha de empresário e casada com empresário, cursou especialização e é mãe de **Isabel**, 8 anos, e **Leandro**, 6 anos. A família, biparental, classificada socioeconomicamente como A, mora em um condomínio fechado com ampla área de lazer situado em região nobre da periferia da cidade. O apartamento tem 5 suítes com *closet* e obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, suíte da primogênita, suíte do caçula e suíte utilizada como escritório (p. 51, 52, 53, 90 e 144).

Flávia: Servidora pública federal, casada com servidor público, cursou especialização e tem dois filhos: **Miguel**, 9 anos, e **Caio**, 5 anos. A família, biparental, classificada socioeconomicamente como A, mora em um condomínio fechado com ampla área de lazer em bairro considerado de luxo. O apartamento tem 4 quartos e obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto compartilhado entre os dois irmãos, quarto de brinquedos e escritório (p. 51, 52 e 53).

Helena: Empresária com curso superior, casada com empresário e mãe de dois filhos. O primogênito, 15 anos, não participou da entrevista, mas sua irmã, **Ana Laura**, 11 anos, sim. A família, biparental, classificada socioeconomicamente como A, mora em uma casa de 4 quartos situada em um bairro considerado de luxo. A casa tem 3 andares, uma ampla área externa com espaço coberto para recepções e piscina e obedece à seguinte distribuição de quartos: suíte do casal, quarto do primogênito, quarto da caçula e escritório (p. 51, 52 e 53).

Isadora: Empresária com curso superior, casada com professor universitário, é mãe de dois filhos. O primogênito, 15 anos, não participou da entrevista, mas o caçula **Joaquim**, 11 anos, sim. Os dois são irmãos biológicos e foram adotados pelos pais. A família, biparental, classificada economicamente como B1, mora em um imóvel mais antigo situado em bairro considerado de alto padrão. O apartamento de 3 quartos tem seguinte distribuição: suíte do casal, quarto do primogênito, quarto do caçula. A dependência de empregada foi transformada em escritório quando o segundo filho foi adotado (p. 51, 52, 53 e 98).

Lana: Fotógrafa com curso superior, casada com um empresário e mãe de dois filhos. A primogênita, 14 anos, está morando nos Estados Unidos, onde faz intercâmbio. O caçula, **Fernando**, 11 anos, participou da pesquisa. A família é biparental, classificada socioeconomicamente como A e moradora de um apartamento de 4 quartos de um edifício situado em bairro considerado de luxo. O apartamento, elegantemente decorado, obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto da primogênita, quarto do caçula e sala de televisão (p. 51, 52, 53, 89, 104 e 105).

Letícia: Arquiteta e professora universitária com doutorado, casada com engenheiro e fazendeiro, tem um filho, **Abelardo**, 9 anos. A família é biparental, classificada socioeconomicamente como A, mora em um edifício situado em bairro considerado de luxo. O apartamento tem 3 quartos com a seguinte distribuição: suíte do casal, quarto de Abelardo e escritório (p. 51, 52, 53, 89, 119, 126 e 127).

Luana: Fisioterapeuta com curso superior é mãe de **Paulo**. A família, biparental, classificada socioeconomicamente como B1, mora em um edifício situado em bairro considerado de luxo. O apartamento, de 3 quartos, obedece a seguinte distribuição: suíte do casal, quarto do filho e quarto da empregada doméstica (é um quarto, como os outros dois, ligado ao corredor de circulação do apartamento, e não um quarto pequeno e anexo à área de serviços, como é habitual na arquitetura brasileira) (p. 51, 52, 53, 142, 152 e 153).

Lúcia: Dona de casa com doutorado, casada com empresário e mãe de dois filhos. A primogênita, **Ana Beatriz**, 8 anos, participou da entrevista, ao contrário de seu irmão caçula, 3 anos. A família, biparental, classificada socioeconomicamente como A, mora em um apartamento de 4 quartos em um bairro considerado de luxo. O apartamento tem salas amplas, varanda *gourmet*, é elegantemente decorado e obedece à seguinte distribuição de quartos: suíte do casal, suíte da primogênita, quarto do caçula, sala de televisão infantil (p. 51, 52, 53 e 101).

Maria Paula: Empresária e publicitária com curso superior, casada com artista plástico é mãe de 3 filhos, dos quais só participou da entrevista o primogênito **Davi**, 7 anos. A família, biparental, classificada socioeconomicamente como B1, mora em um edifício com área de lazer situado em bairro considerado de luxo. O apartamento de 4 quartos obedece à seguinte

distribuição de quartos: suíte do casal, quarto do primogênito, quarto compartilhado pelas duas irmãs caçulas e escritório (p. 51, 52, 53 e 90).

Selma: Pedagoga com curso superior, casada com geólogo, é mãe de **Larissa**, 11 anos e **Daniel**, 7 anos. A família, biparental, classificada socioeconomicamente como B1, mora em um edifício situado em bairro considerado de luxo. O apartamento de 3 quartos obedece à seguinte distribuição de quartos: suíte do casal, quarto da filha primogênita e quarto do filho caçula (p. 51, 52, 53 e 121).

Regina: Médica, casada com médico, mãe de **Gabriel**, 8 anos, **Henrique**, 7 anos e **Camila**, 3 anos, informou ter curso superior, mas possivelmente tem também especialização. A família, biparental, classificada economicamente como A, mora em uma casa de 4 quartos em um bairro considerado de luxo. A casa, de 2 andares e área externa com piscina, obedece à seguinte distribuição de quartos: suíte do casal, quarto do primogênito, quarto da caçula e escritório (p. 51, 52 e 53).

Samara: Jornalista servidora do estado, cursou mestrado e é mãe de **Cauã**, 11 anos, portador da síndrome de *down*. A família, biparental, classificada economicamente como A, mora em um condomínio de casas em Nova Lima, pequena cidade limítrofe a Belo Horizonte, que se confunde com os bairros da Zona Sul da capital. A casa, projetada por arquitetos para a família, tem 2 pavimentos e 4 quartos assim divididos: no térreo, o quarto de Cauã com paredes de vidro que se abrem para o jardim frontal e um quarto de música e televisão. No segundo andar, a suíte e um escritório (p. 51, 52, 53 e 88).

Sara: Psicóloga, doutoranda em uma universidade de Madri, na Espanha, casada com cineasta, é mãe de **Tiago**, 7 anos. A família, biparental, classificada socioeconomicamente como B2, mora em um edifício situado em bairro considerado de luxo. O apartamento de 3 quartos obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto do filho e sala de televisão (p. 51, 52, 53 e 158).

Sinara: Engenheira com especialização, é casada com representante comercial e mãe de **Leonardo**, 8 anos, e **Lucas**, 4 anos. A família, biparental, classificada economicamente como B1, mora em um edifício situado em bairro considerado de alto padrão. O apartamento de 3

quartos obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto do primogênito e quarto do caçula (p. 51, 52 e 53).

Solange: Dona de casa com curso superior em farmácia, casada com executivo de uma grande empresa e mãe de **Pedro**, 5 anos e de **João**, 9 anos. O pai trabalha em uma cidade próxima e só volta para casa nos fins de semana. A família, biparental, classificada economicamente como B1, mora em um edifício situado em bairro considerado de luxo. O apartamento de 3 quartos tem a seguinte distribuição: suíte do casal, quarto do primogênito, quarto do caçula (p. 51, 52 e 53).

APÊNDICE F

Índice biográfico por crianças

Abelardo: Tem 9 anos e é filho de **Letícia**, arquiteta e professora universitária com doutorado, casada com engenheiro e fazendeiro. A família é biparental, classificada socioeconomicamente como A, mora em um edifício situado em bairro considerado de luxo. O apartamento tem 3 quartos com a seguinte distribuição: suíte do casal, quarto de Abelardo e escritório (p. 51, 52, 53, 56, 58, 80, 84, 89, 90, 92, 99, 102, 111, 112, 113, 114, 117, 118, 119, 123, 126 e 127).

Ana Beatriz: Tem 8 anos e é a primogênita de **Lúcia**, dona de casa com doutorado em biologia e casada com um empresário. Seu irmão de 3 anos não participou da entrevista. A família é biparental, classificada socioeconomicamente como A e mora em um apartamento de 4 quartos em um bairro considerado de luxo. O apartamento, com salas amplas e varanda *gourmet* é elegantemente decorado e obedece à seguinte distribuição de quartos: suíte do casal, suíte da primogênita, quarto do caçula, sala de televisão infantil (p. 51, 52, 53, 56, 58, 93, 101, 102, 113, 114 e 134).

Ana Laura: Tem 11 anos e é a caçula de um casal de empresários. Seu irmão tem 15 anos e não participou da entrevista. A família é biparental, classificada socioeconomicamente como A e mora em uma casa de 3 andares com piscina, em bairro considerado de luxo. A casa tem 4 quartos; a suíte do casal, a suíte do irmão mais velho, o quarto da Ana Laura, que não é suíte, mas conta com um banheiro exclusivo ao lado, e o quarto de visitas (p. 51, 52, 53, 56, 58, 89, 93, 110, 113, 114, 116, 129, 130 e 133).

Caio: Tem 5 anos, e é o caçula de um casal de servidores públicos. É irmão de Miguel, 9 anos. Sua mãe **Flávia** foi a informante da pesquisa. A família é biparental, classificada socioeconomicamente como A, mora em um condomínio fechado com ampla área de lazer em bairro considerado de luxo. O apartamento tem 4 quartos e obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto compartilhado entre os dois irmãos, quarto de brinquedos e escritório (p. 51, 52, 53, 56, 58, 113 e 114).

Camila: Tem 3 anos e é a caçula de **Regina**, médica, casada com médico. É irmão de Henrique, 7 anos, e Camila, 3 anos. A família é biparental, classificada socioeconomicamente como A e mora em uma casa de 4 quartos em um bairro considerado de luxo. A casa, que tem 2 andares e área externa com piscina, obedece à seguinte distribuição de quartos: suíte do casal, quarto do primogênito, quarto da caçula e escritório (p. 51, 52, 53, 56, 58, 113 e 114).

Cauã: Tem 11 anos e é filho único da jornalista e servidora do estado **Samara**. É uma criança portadora de síndrome de *down*. A família é biparental, classificada economicamente como A, mora em um condomínio de casas em Nova Lima, pequena cidade limítrofe a Belo Horizonte, que se confunde com os bairros da Zona Sul da capital. A casa, projetada por arquitetos para a família, tem 2 pavimentos e 4 quartos assim distribuídos: no térreo, o quarto de Cauã com paredes de vidro que se abrem para o jardim frontal e um quarto de música e televisão. No segundo andar, a suíte e um escritório (p. 51, 52, 53, 56, 58, 88, 113, 114 e 130).

Clara: Tem 7 anos e é filha de **Bianca**, arquiteta, funcionária do serviço público municipal com especialização e casada com arquiteto. Os pais são divorciados, e Clara mora com a mãe e o padrasto. A família, classificada socioeconomicamente como B2, mora em um edifício situado em bairro considerado de luxo. O apartamento de 3 quartos obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto da filha e escritório (p. 51, 52, 53, 56, 58, 82, 113 e 114).

Daniel: Tem 11 anos e é o caçula de Selma pedagoga com curso superior e casada com geólogo. É também irmão de Larissa, 11 anos. A família é biparental, classificada socioeconomicamente como B1, mora em um edifício situado em bairro considerado de luxo. O apartamento de 3 quartos obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto da filha primogênita e quarto do filho caçula (p. 51, 52, 53, 56, 58, 107, 108, 113, 114 e 121).

Daniele: Tem 9 anos e é a primogênita da dona de casa com curso superior **Célia**, casada com profissional do mercado financeiro. É irmã de Murilo, 6 anos, e Leopoldo, 3 anos. A família é biparental, classificada economicamente como A, mora em um condomínio fechado em bairro considerado de luxo. O apartamento de 2 pavimentos tem 4 suítes com *closet*: a suíte do casal, a da primogênita, a suíte do filho do meio, e a suíte do caçula. O segundo andar, que não foi visitado pela pesquisadora, segundo relato da moradora, dispõe de churrasqueira, sauna e sala de brinquedos (p. 51, 52, 53, 56, 58, 88, 100, 101, 102, 113, 114, 135, 136 e 137).

Davi: Tem 7 anos e é o primogênito de **Maria Paula**, empresária e publicitária com curso superior, casada com artista plástico. Suas irmãs têm 6 e 3 anos. A família, biparental, classificada socioeconomicamente como B1, mora em um edifício com área de lazer situado em bairro considerado de luxo. O apartamento de 4 quartos obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto do primogênito, quarto compartilhado pelas duas irmãs caçulas e escritório (p. 51, 52, 53, 56, 58, 81, 82, 83, 87, 90, 95, 96, 97, 99, 104, 113, 114, 120 e 125).

Fernando: Tem 11 anos e é filho da fotógrafa **Lana** e de um empresário. Sua irmã, 14 anos, estava em intercâmbio nos Estados Unidos na ocasião da pesquisa. A família é biparental, classificada socioeconomicamente como A e moradora de um apartamento de 4 quartos de um edifício situado em bairro considerado de luxo. O apartamento, elegantemente decorado, obedece à seguinte distribuição de quartos: suíte do casal, quarto da primogênita, quarto do caçula e sala de televisão (p. 51, 52, 53, 56, 58, 80, 89, 99, 100, 104, 105, 113, 114, 117 e 122).

Gabriel: Tem 8 anos e é o primogênito de **Regina**, médica, casada com médico. É irmão de Henrique, 7 anos, e Camila, 3 anos. A família, biparental, classificada socioeconomicamente como A, mora em uma casa de 4 quartos em um bairro considerado de luxo. A casa, que tem 2 andares e área externa com piscina, obedece à seguinte distribuição de quartos: suíte do casal, quarto do primogênito, quarto da caçula e escritório (p. 51, 52, 53, 56, 58, 85, 113 e 114).

Gustavo: Tem 9 anos e é filho de uma engenheira divorciada do pai **Eduardo**, fisioterapeuta, casado atualmente com servidora pública federal. A família é recomposta, e a guarda de Gustavo é compartilhada. Classificada socioeconomicamente como B1, a família mora em um edifício com área de lazer situado em bairro considerado de luxo. O apartamento de 4 quartos obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto do primogênito, quarto compartilhado pelas duas caçulas e escritório (p. 51, 52, 53, 56, 58, 85, 86, 113, 114, 116 e 131).

Henrique: Tem 7 anos e é filho do meio de **Regina**, médica, casada com médico. É irmão de Gabriel, 8 anos, e Camila, 3 anos. A família, biparental, classificada socioeconomicamente como A, mora em uma casa de 4 quartos em um bairro considerado de luxo. A casa, que tem 2 andares e área externa com piscina, obedece à seguinte distribuição de quartos: suíte do casal, quarto do primogênito, quarto da caçula e escritório (p. 51, 52, 53, 56, 58, 113 e 114).

Isabel: Tem 8 anos e é a primogênita de **Fabiana** e irmã de Leandro, 6 anos. A família, biparental, classificada socioeconomicamente como A, mora em um condomínio fechado com ampla área de lazer situado em região nobre da periferia da cidade. O apartamento tem 5 suítes com *closet* e obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, suíte da primogênita, suíte do caçula e suíte utilizada como escritório (p. 51, 52, 53, 56, 58, 90, 100, 109, 113, 114, 141, 142, 143, 144 e 145).

Ítalo: Tem 7 anos e é o primogênito de **Daniela**, empresária do ramo da educação, casada com arquiteto. É irmão de **Sabrina**, 4 anos. A família, biparental, classificada economicamente como A, mora em um edifício situado em bairro considerado de alto padrão. O apartamento tem 2 pavimentos, uma pequena varanda com piscina e 3 quartos que obedecem à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto compartilhado entre os irmãos e escritório (p. 51, 52, 53, 56, 58, 113, 114, 125 e 131)

João: Tem 9 anos e é o primogênito de **Solange**, dona de casa com curso superior em farmácia, casada com executivo de uma grande empresa. É irmão de **Pedro**, 5 anos. O pai trabalha em uma cidade próxima e só volta para casa nos fins de semana. A família, biparental, classificada economicamente como B1, mora em um edifício situado em bairro considerado de luxo. O apartamento de 3 quartos obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto do primogênito, quarto do caçula (p. 51, 52, 53, 56, 58, 113 e 114).

Joaquim: Tem 11 anos e é o caçula de **Isadora**, empresária com curso superior, casada com professor universitário com pós-doutorado na Alemanha. Juntamente com seu irmão biológico, 15 anos, foi adotado pelo casal quando Joaquim tinha 4 anos. A família, biparental, classificada economicamente como B1, mora em um imóvel mais antigo situado em bairro considerado de alto padrão. O apartamento de 3 quartos obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto do primogênito e quarto do caçula. A dependência de empregada foi transformada em escritório quando o segundo filho foi adotado (p. 51, 52, 53, 56, 58, 98, 113 e 114).

Laís: Tem 6 anos e é a caçula da médica **Cássia** e de um empresário e irmã de Vítor, 8 anos. A família, biparental, classificada economicamente como A, mora em um edifício situado em bairro considerado de luxo. O apartamento tem 4 quartos, decoração planejada por uma

profissional e obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto do primogênito, quarto da caçula e sala de televisão (p. 51, 52, 53, 56, 58, 113, 114, 135, 137 e 138).

Larissa: Tem 11 anos e é a primogênita de **Selma** pedagoga com curso superior, casada com geólogo e irmã de Daniel, 7 anos. A família, biparental, classificada socioeconomicamente como B1, mora em um edifício situado em bairro considerado de luxo. O apartamento de 3 quartos obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto da filha primogênita e quarto do filho caçula (p. 51, 52, 53, 56, 58, 113, 114, 121 e 123).

Leandro: Tem 6 anos, é o caçula de **Fabiana** e irmão de Isabel, 8 anos. A família, biparental, classificada socioeconomicamente como A, mora em um condomínio fechado com ampla área de lazer situado em região nobre da periferia da cidade. O apartamento tem 5 suítes com *closet* e obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, suíte da primogênita, suíte do caçula e suíte utilizada como escritório (p. 51, 52, 53, 56, 58, 90, 102, 113, 114 e 155).

Leonardo: Tem 8 anos, é filho de **Sinara**, engenheira com especialização, casada com representante comercial, e irmão Lucas, 4 anos. A família, biparental, classificada economicamente como B1, mora em um edifício situado em bairro considerado de alto padrão. O apartamento de 3 quartos obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto do primogênito e quarto do caçula (p. 51, 52, 53, 56, 58, 113 e 114).

Leopoldo: Tem 6 anos e é o caçula da dona de casa, **Célia**, casada com profissional do mercado financeiro. É irmão de Daniele, 9 anos, e de Murilo, 3 anos. A família, biparental, classificada economicamente como A, mora em um condomínio fechado em bairro considerado de luxo. O apartamento de 2 pavimentos tem 4 suítes com *closet*: a suíte do casal, a da primogênita, a suíte do filho do meio, e a suíte do caçula. O segundo andar, que não foi visitado pela pesquisadora, segundo relato da moradora, dispõe de churrasqueira, sauna e sala de brinquedos (p. 51, 52, 53, 56, 58, 88, 113, 114, 135 e 137).

Lucas: Tem 8 anos e é filho de **Sinara**, engenheira com especialização, casada com representante comercial. É irmão Leonardo, 8 anos. A família, biparental, classificada economicamente como B1, mora em um edifício situado em bairro considerado de alto padrão. O apartamento de 3 quartos obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto do primogênito e quarto do caçula (p. 51, 52, 53, 56, 58, 113 e 114).

Miguel: Tem 9 anos e é o primogênito de um casal de servidores públicos. É irmão de Caio, 5 anos. Sua mãe **Flávia** foi a informante da pesquisa. A família, biparental, classificada socioeconomicamente como A, mora em um condomínio fechado com ampla área de lazer em bairro considerado de luxo. O apartamento tem 4 quartos e obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto compartilhado entre os dois irmãos, quarto de brinquedos e escritório (p. 51, 52, 53, 56, 58, 80, 107, 108, 113 e 114).

Murilo: Tem 3 anos e é filho do meio da dona de casa, **Célia**, casada com profissional do mercado financeiro. É irmão de Daniele, 9 anos, e de Leopoldo, 6 anos. A família, biparental, classificada economicamente como A, mora em um condomínio fechado em bairro considerado de luxo. O apartamento de 2 pavimentos tem 4 suítes com *closet*: a suíte do casal, a da primogênita, a suíte do filho do meio e a suíte do caçula. O segundo andar, que não foi visitado pela pesquisadora, segundo relato da moradora, dispõe de churrasqueira, sauna e sala de brinquedos (p. 51, 52, 53, 56, 58, 88, 113 e 114).

Paulo: Tem 11 anos e é filho único de **Luana**, fisioterapeuta com curso superior. A família, biparental, classificada socioeconomicamente como B1, mora em um edifício situado em bairro considerado de luxo. O apartamento de 3 quartos obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto do filho e quarto da empregada doméstica (é um quarto, como os outros dois, ligado ao corredor de circulação do apartamento, e não um quarto pequeno anexo à área de serviços, como é habitual na arquitetura brasileira) (p. 51, 52, 53, 56, 58, 112, 113, 114, 141, 142, 146, 147 e 148).

Pedro: Tem 5 anos e é o caçula de **Solange**, dona de casa com curso superior em farmácia, casada com executivo de uma grande empresa. É irmão de João, 9 anos. O pai trabalha em uma cidade próxima e só volta para casa nos fins de semana. A família, biparental, classificada economicamente como B1, mora em um edifício situado em bairro considerado de luxo. O apartamento de 3 quartos obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto do primogênito, quarto do caçula (p. 51, 52, 53, 56, 58, 113, 114 e 120).

Sabrina: Tem 4 anos e é a caçula de **Daniela**, empresária do ramo da educação, casada com arquiteto. É irmã de Ítalo, 7 anos. A família, biparental, classificada economicamente como A, mora em um edifício situado em bairro considerado de alto padrão. O apartamento tem 2 pavimentos, uma pequena varanda com piscina e 3 quartos, obedecendo à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto compartilhado entre os irmãos e escritório (p. 51, 52, 53, 56, 58, 113, 114, 125 e 131).

Tiago: Tem 7 anos e é filho único de **Sara**, psicóloga, doutoranda em uma universidade de Madri, na Espanha, casada com cineasta. A família, biparental, classificada socioeconomicamente como B2, mora em um edifício situado em bairro considerado de luxo.

O apartamento de 3 quartos obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto do filho e sala de televisão (p. 51, 52, 53, 56, 58, 79, 84, 113, 114, 124, 141, 142, 149, 150, 151).

Vítor: Tem 8 anos e é o primogênito da médica **Cássia** e de um empresário, além de irmão de Laís, 6 anos. A família, biparental, classificada economicamente como A, mora em um edifício situado em bairro considerado de luxo. O apartamento de 4 quartos tem decoração planejada por uma profissional, obedece à seguinte distribuição: suíte do casal, quarto do primogênito, quarto da caçula e sala de televisão (p. 51, 52, 53, 56, 58, 93, 113, 114, 135, 137, 138, 139, 140).